

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMP.



1290000231



TCC/UNICAMP M699i

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A INCORPORAÇÃO DA FAMÍLIA PELO ESPAÇO
ESCOLAR:**

UM ESTUDO DE CASO

CAMPINAS, SP

1999

MELISSA SAYURI MIZUNO

**A INCORPORAÇÃO DA FAMÍLIA PELO ESPAÇO
ESCOLAR:**

UM ESTUDO DE CASO

CAMPINAS, SP

1999

MELISSA SAYURI MIZUNO

**A INCORPORAÇÃO DA FAMÍLIA PELO ESPAÇO
ESCOLAR:**

UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia com habilitação em Administração Escolar da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a orientação Profa. Maria Evelyn Pompeu do Nascimento.

CAMPINAS, SP

1999

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

M699i Mizuno, Melissa Sayuri.
A incorporação da família pelo espaço escolar : um estudo de caso / Melissa Sayuri Mizuno. -- Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador : Maria Evelynna Pompeu do Nascimento.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Escola Nova. 2. Escolas – Organização e administração. 3. Família. 4. Pais. 5. Participação. I. Nascimento, Maria Evelynna Pompeu do. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Profa. Maria Evelynna Pompeu do Nascimento
Orientadora

Prof. Dr. Luis Enrique Aguilar
Segundo Leitor

Como Nossos Pais

Não quero lhe falar meu grande amor das coisas que aprendi nos discos
Quero lhe contar como vivi e tudo que aconteceu comigo
Viver é melhor que sonhar, eu sei que o amor é uma coisa boa
Mas também sei que qualquer canto é menor do que a vida de qualquer pessoa
Por isso cuidado meu bem, há perigo na esquina
Eles venceram e o sinal está fechado prá nós que somos jovens
Para abraçar seu irmão e beijar sua menina na rua
É que se fez o seu braço, o seu lábio e a sua voz
Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantada com uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade, não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento o cheiro da nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva do meu coração
Já faz tempo que eu vi você na rua, cabelo ao vento, gente jovem reunida
Na parede da memória essa lembrança é o quadro que dói mais
Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais
Nossos ídolos ainda são os mesmos e as aparências não enganam não
Você diz que depois deles não apareceu mais ninguém
Você pode até dizer que eu 'tô por fora, ou então que eu 'tô inventando
Mas é você que ama o passado e que não vê
É você que ama o passado e que não vê
Que o novo sempre vem
Hoje eu sei que quem me deu a idéia de uma nova consciência e juventude
Tá em casa guardado por Deus contando vil metal
Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo, tudo que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais

Belchior

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com a colaboração de várias pessoas:

Agradeço à TODAS as pessoas que gentilmente participaram deste trabalho através das entrevistas, pois estiveram sempre à disposição, deslocando de local para dar entrevista e dispondo de tempo para esclarecimento de algumas informações.

Agradeço à Escola Curumim, especialmente à Gláucia que apesar da correria do dia à dia, sempre esteve presente e disposta à conversar, deixando muito à vontade nos momentos que passei na escola.

Agradeço à todas as minhas AMIGAS, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis, quando achei que não seria possível a realização deste trabalho.

Agradeço ao meu segundo leitor.

Agradeço de modo especial à minha orientadora Profa. Maria Evelynna Pompeu do Nascimento que foi compreensiva, frente aos problemas que foram surgindo no decorrer deste trabalho.

SIGLAS UTILIZADAS:

A . E. C. - Associação Educacional de Campinas

INCRA- Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária

PUCAMP- Pontifícia Universidade Católica de Campinas

SEPCEM- Sociedade de Educação, Pesquisa e Cultura da Escola Moderna

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

UNIP- Universidade Paulista

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I - DESENVOLVIMENTO TEÓRICO	
CAPÍTULO 1: Relação Família e Escola	9
CAPÍTULO 2: Formas de Participação	17
II - CAPÍTULO 3: A ESCOLA CURUMIM	
3.1 Localização da Escola	25
3.2 Fundação da Escola	26
3.3 Nome da Escola	27
3.4 Funcionamento	28
3.5 A Proposta Pedagógica da Escola	33
III - ANÁLISE DE DADOS	
CAPÍTULO 4: A Participação dos Pais na Escola Curumim	36
IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXOS	
Entrevistas	62
Fotos	132

1. INTRODUÇÃO:

O tema deste trabalho diz respeito à participação dos pais na vida escolar de seus filhos, especificamente na escola, de modo a entender o relacionamento entre família e escola, ou seja, como é reconhecido o papel de cada um dos participante nesta instância: os limites, como se dá esta participação, a sua importância e o seu significado, quais os canais de participação oferecidos aos pais pela escola e o que isto acarretará no processo de aprendizagem da criança .

Trata-se de um estudo de caso sobre a participação dos pais em uma escola particular localizada em Campinas que oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental. A Curumim foi escolhida para a realização deste trabalho por ser uma escola em que pais e professores têm uma participação grande, não somente em reuniões, mas em palestras, festas, cursos que são oferecidos pelos próprios pais de acordo com as suas habilidades e necessidades da escola. E que no seu passado já foi uma escola cooperativa e os pais participavam da parte administrativa e pedagógica.

Foi inserida no espaço escolar devido às obrigações acadêmicas, que acabei me despertando para o tema, pois as minhas atividades de estágio, desenvolvidas em função de requisitos legais da grade curricular do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp, foram direcionadas para o entendimento das práticas pedagógicas dos professores, suas metas, seus objetivos, sua proposta pedagógica.

Assim, observando e participando em sala de aula, ademais a prática educativa do professor, sua concepção de educação o que era mais forte e chamava atenção fazendo refletir foi a questão do respeito à individualidade que o professor deveria ter em relação a cada aluno, ou seja, quem são os seus alunos, qual é a história de vida de cada um, e necessidades diferentes, entendê-los como seres, que possuem particularidades que não podem ser julgados e avaliados por apenas um único padrão estabelecido pela escola, como atualmente é visto em muitas outras escolas.

Particularidades e diferenças que além da idade, nacionalidade, etnia, nível sócio econômico, incluía a família. Família porque a sua presença só se fazia importante

quando o aluno não ia bem, ou seja, apresentava baixo desempenho, dificuldades de aprendizagem e até atos agressivos. Além disso, nos próprios momentos de observação durante estágio percebi diretor e professores colocarem como a raiz e causa destes problemas sob a família, o ambiente familiar e dificilmente sob o trabalho da escola.

Freqüentemente o que se percebe em reuniões de pais nas escolas é que comparecem apenas pais de alunos que não apresentam dificuldades de aprendizagem, e o mesmo não ocorre com alunos que não estão “acompanhando” a turma, pois os pais dificilmente comparecem. Por que será? Será que eles escutam sempre as mesmas reclamações e não conseguem soluções para os “problemas” que são colocados? Por que não tem tempo? Por que acham que não resolverá nada, e é mera burocracia só para ver o professor e dizer que estava de corpo presente?

Nos momentos de estágio, em falas de professoras, percebi que algumas crianças eram olhadas como “coitadas”, como se estivessem em débito por pertencer a uma família que apresentasse as seguintes características: pais separados, problemas de alcoolismo, abandono, trabalham muito e não dão atenção aos filhos, são cuidados pelos avós, ou era mimada pelos pais, que segundo os professores, todo o trabalho da escola não se efetivava, não tinha continuidade. Muitos professores dizem que, principalmente hoje, precisam transmitir para os alunos, não somente conteúdos, mas valores morais, comportamentos, pois as crianças não vem para escola com o que todos costumam chamar por “educação vem de casa”.

Por parte de alguns pais, escutei muitos comentários como, os professores não têm boa formação, não são tão exigentes como os professores de antigamente, deixam o aluno muito à vontade, questionam e estranham quando o filho não têm muita tarefa de casa para fazer. Isto se os pais dão total responsabilidade à escola pela situação acadêmica do filho, segundo uma concepção, expectativa, modo e experiência de vida pelo o qual os pais vivenciaram e foram formados no ambiente escolar.

Diante deste desencontro, o que é educar uma criança nos dias de hoje? Qual o papel dos pais e professores? Como deve ser o canal de comunicação entre ambos? Será que todos têm consciência do que é ser pai, mãe e professor (a) e qual a responsabilidade assumida? Qual é o mínimo que devem fazer pelos filhos e pelos alunos?

Devido à complexidade da vida moderna, os adultos permanecem e destinam grande parcela do tempo para o trabalho, pois precisam estar presentes em reuniões, viagens à negócios, cursos de aperfeiçoamento, implantação de projetos, de modo a assegurar o emprego. Alguns levam serviço para casa, tornando o lar uma continuidade do serviço e o tempo para conversar com os filhos, acaba reduzindo à minutos antes de dormir ou finais de semana.

Famílias e escola pareciam ter concepções diversas sob seus papéis. De um modo geral, na esfera privada - os pais - esperavam da escola a competência em transmitir conteúdos, habilidades como elementos necessários para a preparação do aluno para enfrentar e viver a vida. Por outro lado, na esfera pública - a escola - exigia dos pais uma continuidade, um apoio nas atividades escolares, como auxílio nas tarefas de casa, passeios a lugares culturais, apresentações de pessoas, objetos, ou seja, tudo o que complementa e significa a aprendizagem e construção de uma pessoa completa.

O fato é que, na sociedade ocidental moderna, encontramos a escola e a família como instituições incumbidas na tarefa de educar a criança, que concomitantemente, é o aluno e o filho também. O discurso de muitas escolas é que o professor deve conhecer a família para entender o aluno, porque cada pai apresenta atitudes e comportamentos diversos em relação a formação moral, autoridade, o poder que pais e professores possuem em decidir o que fazer com a criança. Ou seja, em situações que geram conflito, o espaço público e o privado deveriam se sentir participes na resolução do problema e o mesmo é verdadeiro para as situações de sucesso do aluno/filho.

É como se uma não pudesse realizar bem o seu papel social sem o aporte da outra. No entanto, quando as situações de fracasso se avizinham, a tendência parece ser a de culpabilização precoce, por parte de quem detectou o problema, da outra instância. E assim procedendo, ambas acabavam por se eximir da responsabilidade que, na minha hipótese, deveria ser comum ainda que diferenciada.

Por esta diversidade, as experiências de vida, o processo de socialização da criança na comunidade, diferem entre as classes sociais. A escola na sua organização e nos seus métodos pauta-se em um padrão de aluno oriundo de extratos sociais privilegiados, uma criança inserida em uma família constituída por pai, mãe e filhos, em geral, branca, com situação econômica estável. Ao assumir tal modelo de infância ela

acaba por desconsiderar a realidade e as necessidades dos alunos que não pertencem a esta parcela da sociedade, estabelecendo um modelo único de criança e de desempenho a ser alcançado. Se a criança não se sai bem a culpa necessariamente será dela própria e de sua família que não soube bem provê-la. Ademais, o modelo de família que a escola vislumbra nem sempre é aquele que efetivamente encontramos no tecido social, daí resulta que uma família inadequada gera crianças inadequadas.

No entanto, tanto a escola como a família são incumbidas na educação das crianças. A instituição escolar é um elemento importante e valorizado socialmente para a construção de uma pessoa completa, e junto à família contribuem para o desenvolvimento e futuro da criança. E segundo Carvalho e Vianna discorrendo sobre o papel das mães na educação escolar dos filhos: *“cabe a elas, dentro do modelo de maternidade vigente, o zelo pela educação de seus filhos, em casa e na escola, acompanhando o desempenho escolar, auxiliando nas tarefas, etc. Muitas vezes, essa preocupação é utilizada pela escola em benefício do aluno. As educadoras pedem, que as mães as ajudem a compreender as crianças, fornecendo informações sobre a esfera familiar”*. Desta forma ambas apresentam interesse na educação das crianças, no entanto, possuem olhares, significados, concepções de educação e vida que por horas diferem e contradizem. (CARVALHO e VIANNA, 1994, p. 138).

Considerando a cultura brasileira, distinção entre classes, as transformações mundiais que refletem na composição familiar e propostas escolares, o objetivo deste trabalho é através da participação de pais na escola e o trabalho desenvolvido pelos educadores, perceber diante da responsabilidade educativa de pais e professores, os papéis assumidos, a forma como reconhecem, assumem as responsabilidades de acordo com as circunstâncias pelo qual a criança, que é o aluno e filho está inserido.

Como os pais são acolhidos na escola? O que é participar? Quais os espaços ocupados pelos pais, como acompanham o estudo dos filhos? Como ajudam? Como família e escola solucionam problemas escolares/familiares? Qual o limite nesta relação?

Para atingir os objetivos da pesquisa, primeiramente fez-se uma revisão bibliográfica buscando compreender o significado da participação de pais e educadores na gestão escolar bem como compreender a especificidade histórica da escola em questão, dado que se trata de tema escola alternativa.

De acordo com Daniel Revah, as escolas denominadas “alternativas”, ou renovadas surgiram no decorrer da década de 70 e 80, em um momento pós ditadura militar, quando não existiam muitos canais de expressão. Desta forma, de acordo com a situação do país, educadores, pais formavam cooperativas escolares com o objetivo de propiciar um espaço que pudesse propiciar uma educação mais livre, que não fosse tradicional, dentro dos padrões e métodos de ensino baseado na repetição, memorização, dentre outros elementos que não permitisse desenvolver no aluno o espírito crítico e a livre expressão. A experiência, vivência eram as principais fontes das questões e problemas que eram mais discutidos. Assim na consolidação do trabalho desenvolvido na escola, nas práticas buscavam uma forma oposta ao tradicional, procurando ligar teoria e prática, as crianças ficavam à vontade, brincavam muito no chão, contato com a natureza, sempre em uma prática que proporcionasse liberdade, distante de estereótipos e repressões.

Nestas pré- escolas “alternativas”, “o significado que a valorização das diferenças dizia respeito a singular experiência de vida(...) ao ponto de incorporar na própria prática pedagógica o que era mesmo radicalmente diferente- é claro que no interior de um universo delimitado, afinal tratava-se de escolas privadas freqüentadas pelas camadas médias(...)esses espaços “alternativos” representavam, serviram como caixa de ressonância das críticas à ditadura e a todos os processos que ela impulsionava. Tornaram-se assim, locais onde se “contestava” ou “resistia”, sobretudo do ponto de vista simbólico”(REVAH, 1994, p. 65).

Ademais foi necessário também nos determos em estudos que tratam de especificidades dos papéis paternos e maternos e sua relação com a escola. Ou seja, buscamos verificar o que é socialmente esperado dos pais pela escola, a história de escolas alternativas utilizamos uma única fonte, baseando em uma tese de mestrado escrita por Daniel Revah. Sobre a participação, nos detivemos nos textos de Juan Bordenave, Pedro Demo, Aparecida Cardoso e Clara Nascimento. Além do entendimento sobre escolas alternativas e participação, anteriormente foi feito um aprofundamento sobre família, ou seja, no decorrer dos anos como se estruturou, quais as formas de composição, papéis masculinos e femininos diante da transformação sócio

econômica e relacionado a isto como as crianças são educadas, qual o papel da escola e a sua importância no contexto da globalização, mudança de posturas e práticas escolares objetivando a formação de um homem seguindo o perfil exigido pelo mercado de trabalho. Sobre este assunto diversas áreas procuram explicar os acontecimentos, fatos, funções e conseqüências que englobam a família, desde a sociologia, antropologia, psicologia, história e psicanálise.

A escolha da Escola Curumim como campo de observação deve-se ao fato de ser uma instituição que apresenta uma estrutura administrativa onde os pais tem espaço e oportunidade para estar participando mais intensamente da vida escolar dos filhos. E que no seu período, de fundação pais e professores fizeram parte do corpo administrativo da escola, trabalhando juntos no dia à dia, na construção material e pedagógica da escola.

Para a coleta de dados sobre a análise das formas de participação foram entrevistados pais, professores, alunos e funcionários da Escola Curumim, utilizando roteiros pré construídos(ver anexo). Além disso foram realizadas observações e a documentação escolar também foi importante veículo para o levantamento de informações.

As entrevistas foram realizadas utilizando gravador com duração aproximada de uma hora e meia cada entrevistado. O período de coleta de dados foi durante o mês de outubro, e o local para realização destas variou de acordo com as facilidades de locomoção dos entrevistados. Um outro elemento que fez parte dos depoimentos foi o fato de muitas pessoas entrevistadas exercerem duplo papel, como: diretora que é coordenadora do primário, uma mãe que é funcionária e uma professora da 1ª série que é coordenadora da Educação Infantil. Além das diferenças individuais de cada entrevistado, o que é mais significativo para cada um, o fato de exercerem duplo papel demonstrou diferentes visões, pontos de vista sobre um determinado assunto.

No total foram 13 entrevistados utilizando 6 roteiros de entrevista: Roteiro no. 1(Diretor ou coordenador), Roteiro no. 2(Professor Fundador), Roteiro no. 3(Pais Fundadores), Roteiro no. 4(Professor que atualmente leciona na escola), Roteiro no. 5(Pais de alunos que estudam na escola), Roteiro no. 6(Alunos que estudam na escola).

Os roteiros de entrevista pretendia se coletar dados sobre a fundação da Escola Curumim, para saber qual foi o motivo da fundação, a participação dos pais as experiências importantes para os alunos.

E as pessoas que atualmente estão na escola, buscando compreender a participação dos pais na escola, como são os momentos, o que a escola proporciona para um melhor relacionamento, quais os pontos de tensão e prazer entre professores, pais e alunos. Assim foram realizadas 9 entrevistas com as pessoas que atualmente estão na escola: diretora ,duas professoras, três mães, um pai, e dois alunos. Foram entrevistadas quatro pessoas, dentre elas: duas mães, duas professoras. Além das entrevistas foram observados momentos de encontro entre pais, professores e alunos na escola, geralmente ocorreram nos sábados, no período matutino, transcritos no diário de campo e fotografados.

Momentos observados: Dia de integração(27 de Março de 1999), Festa da Primavera(25 de Setembro de 1999), Curso de Introdução à Pedagogia Freinet(2 de outubro de 1999), Encerramento dos Jogos da Amizade(16 de Outubro de 1999).

Além disso foram consultados outros documentos pertencente à escola, tais como algumas publicações anuais construídas pela SEPCEM(Sociedade Educacional, Pesquisa, Cultura da Escola Moderna) sociedade que mantém a escola, utilizadas como material de divulgação para conhecimento sobre o trabalho desenvolvido na escola: Boletim da Escola Cooperativa Curumim. Novembro de 1996, Boletim da Escola Curumim. Novembro de 1997, Boletim da Escola Curumim. Novembro de 1998.

E planejamentos da Escola Curumim referente aos anos de 1996, 1997, 1999.

O trabalho foi dividido em 4 capítulos:

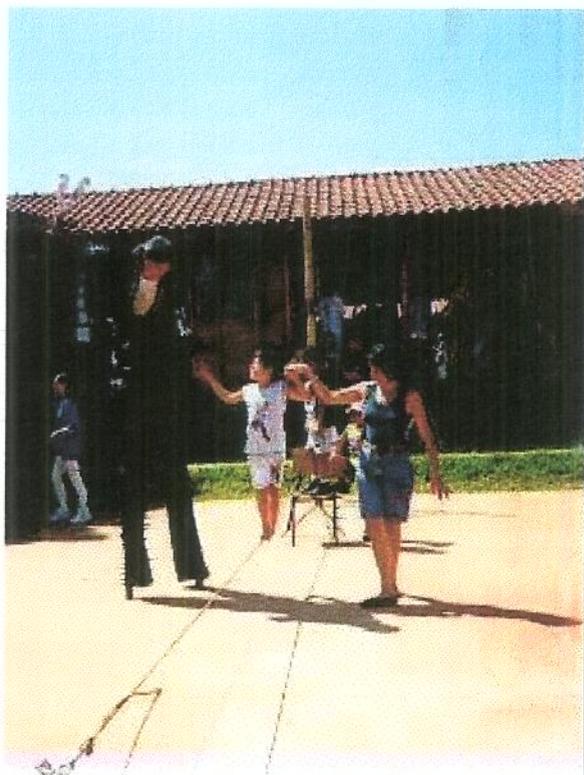
Na primeira parte, no capítulo 1 será abordado a relação entre família e escola, diz respeito à responsabilidade da família e escola frente ao seu papel educativo, ou seja, o compromisso que ambos possuem em apoiar, incentivar e dar condições para que a criança possa se desenvolver de maneira saudável.

No capítulo 2 será abordado a gestão escolar, as formas de participação, qual o seu significado, dinâmica, elementos influenciadores, importância e relação com os hábitos, conquistas e obrigações dos atores pais e professores.

No capítulo 3, já na segunda parte do trabalho, será abordado o espaço escolar da Escola Curumim, local de interações, vivências e aprendizagens. A história de fundação da Escola, o projeto pedagógico e a atual estrutura administrativa da escola .

No capítulo 4 será feita a análise da participação dos pais na Escola Curumim, o significado da participação, os conflitos gerados na relação entre professor e pais inseridos em um ambiente de cooperação e quais os benefícios, ganhos, para o desenvolvimento dos alunos e suas atividades escolares. E finalmente, as conclusões sobre o tema.

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA:



Dia de Integração na Escola Curumim, criança
Andando com ajuda da mãe e um outro pai
que ensina arte circense.

CAPÍTULO 1:

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA:

Philippe Ariès, historiador francês, teve a preocupação de estudar a sociedade tradicional do século XV, XVI, XVII principalmente porque estava interessado no seu objeto que era o papel assumido pela criança e família na sociedade industrial. Sob uma linha cronológica relatou o papel da escolarização, o que representou na época, a transformação dos sentimentos de infância e de família, o posicionamento dos pais e da sociedade.

De acordo com o autor, a função da família era de assegurar a transmissão da vida, dos bens e dos nomes para os filhos, não existia o laço afetivo entre pais e filhos. Mais tarde ciências como a Psicanálise, a Pediatria, a Psicologia, consagraram-se aos problemas a infância, e suas descobertas são transmitidas aos pais através de uma vasta literatura .

Nos séculos XVI e XVII, eclesiásticos e homens de lei, campeões de uma ordem moral, foram levados a reconhecer a importância da educação. Essa literatura, propaganda, ensinaram aos pais que eles eram guardiães espirituais, e responsáveis perante Deus pela alma e pelo corpo de seus filhos, proporcionando tanto para os meninos como para as meninas, uma preparação para a vida.

Esse cuidado às crianças passou a inspirar sentimentos novos, uma afetividade nova que a iconografia do século XVII expressou como o sentimento moderno da família. 

A moral da época impunha que essa preparação para a vida fosse assegurada pela escola. E era dever dos pais enviar as crianças bem cedo porque *“é na escola que eles se tornarão os artifices de sua própria fortuna, os ornamentos da pátria, da família e dos amigos”*¹ .

Neste final de milênio, estamos passando por uma situação econômica e social em transformação de acordo com as tendências mundiais, vistos nas formas e condições de emprego, modificando e exigindo um perfil de trabalhador específico, e

¹ Academia sive Vita scholastica, Arnheim, 1602. Cit. In: ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: GUANABARA KOOGAN, 1978, p. 275.

consequentemente atinge outros espaços como os arranjos familiares e propostas escolares.

Neste contexto a escola passa a ser para a família um local de preparação para o ingresso no mercado de trabalho, porque a valorizam enquanto instrumento que viabilize a superação de questões que lhe possibilite uma vida digna que são vistas como decorrentes da trajetória escolar de seus filhos, tais como: maiores e melhores qualificações, cursos de especialização e posturas como: saber trabalhar em grupo, ser dinâmico, ter conhecimento em outras áreas, dominar outras línguas, tecnologias, conhecimentos culturais, e outros motivos que são colocados para a escola formar segundo um perfil exigido pela sociedade.

Diante destas transformações nos arranjos familiares, a redução do número de filhos segundo Moraes, “favorece o *“superinvestimento” nas crianças, aumentando o número de filhos únicos que constituem o centro afetivo da vida de seus pais*” alterando a noção do que é ser indivíduo neste final de milênio, noção esta que valoriza a criança. (MORAES, 1994, p. 24).

Por outro lado, Campos ressalta que “*reduziu o tamanho da família, mas nem por isso ficou mais fácil a tarefa dos pais de socializar seus filhos, principalmente pela complexidade social observada com a modernização. Na época da família tradicional, as relações sociais eram mais definidas, por terem suas raízes nas relações econômicas que eram claramente caracterizadas, uma vez que toda produção familiar estava ligada à terra. Com a modernização as relações sociais se complicaram, no sentido de cada indivíduo assumir diversos papéis sociais*”. (CAMPOS, 1985, p. 3)

A família no decorrer dos anos também passou por modificações nos arranjos familiares, pois se por um lado a mulher foi conquistando o seu espaço no mercado de trabalho exercendo uma atividade que não é somente a de dona de casa, por outro aspecto, por questões de desemprego elas foram obrigadas a auxiliar na renda familiar, já que os maridos sofreram e ainda estão em busca de um emprego que dê segurança e estabilidade, o que é difícil hoje em dia. No entanto, não devemos entender as mudanças que acontecem na família devido à transformações que ocorrem na sociedade, mas

também entendê-las a partir de uma visão a- histórica, independente das mudanças sócio econômicas, pois a família apresenta outras razões que influenciam na dinâmica interna, no seu modo de vida, arranjos, ou seja, relações estabelecidas entre os membros que a compõem.

Assim deparamos com novos arranjos familiares, e de acordo com Bruschini(1990) podemos classificar as famílias segundo a composição do parentesco em: unipessoais(um só indivíduo), nucleares(chefe e cônjuge ou só chefe, com ou sem filhos solteiros), extensas(nucleares acrescidas de um parente), e compostas(nucleares e outro elemento não parente no domicílio). A partir destas novas composições e o aumento no número de separações de casais, encontramos uma diversidade de crianças que convivem com pais que casaram novamente ou crianças que vivem apenas com a mãe. Baseado neste quadro o que surge na escola, como na sociedade de um modo geral é a incompreensão e preconceito, principalmente quando se pensa sobre o desenvolvimento da criança em um ambiente que socialmente não é considerado ideal, por não seguir os padrões da família nuclear, que é a família constituída por pai, mãe e filhos.

De acordo com Poster, *“são características dessa família: o amor conjugal e entre pais e filhos, a monogamia, a fidelidade, o cuidado intenso da prole no sentido de protegê-la e educá-la de acordo com os princípios da moral, da higiene e dos bons costumes. Enfim, é um lugar de refúgio, de proteção, de lealdade e amor, respeito à autoridade do pai, provedor e responsável pelo bem estar da família”*.²

Segundo Carvalho e Vianna, muitos professores costumam definir o bom aluno e o mal aluno de acordo com comportamentos esperados e a família sempre surge como base de apoio para o trabalho do professor, pois *“o bom aluno tende a ser aquele cujos pais dispõem de “uma certa” cultura,(...)alguma escolaridade, que, por sinal, se exprime em níveis bem modestos quando chega a ser explicitada. De qualquer sorte, o cabedal cultural dos pais deve ser tal que lhe permita acompanhar de maneira bastante*

² POSTER, 1979. Cit. In: MACEDO. Rosa Maria. A Família do Ponto de Vista Psicológico Lugar Seguro para Crescer ? in: *Cadernos de Pesquisas*, no. 91, S.P, Fundação Carlos Chagas, Pág. 62-68, NOV.1994. p. 64.

próxima o processo de aprendizagem do aluno na escola, supervisionando as lições de casa, esclarecendo as dúvidas e mesmo oferecendo uma orientação e um preparo que sirvam como iniciação ao começo dos estudos e, evidentemente, como apoio ao trabalho da professora."(CARVALHO e VIANNA, 1994, p. 138).

Kramer fala que o ensino tradicional nos seus métodos pauta-se no padrão de aluno de classe elevada, *"devendo-se ao seu sucesso ao esforço e méritos individuais; os que não possuem tais padrões falham e aprendem a assumir as causas do fracasso quer como culpa individual quer como carência do seu meio. Assim a discriminação que se processa na escola é vista como algo natural, e não como socialmente determinado."*³

Por outro aspecto, em termos legais, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei no. 9.394/96 a família em relação à escola tem deveres e responsabilidades claras. Assim:

"A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais."(Art. 1º)

"A educação, dever da família e do Estado,(...)tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."(Art. 2º)

A família tem direito ao ensino e dever em enviar os filhos à escola.

"É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos sete anos de idade, no ensino fundamental." (Art. 6º)

É competência da escola, vistos nos artigos 5º e 12º, zelar junto aos pais responsáveis pela frequência da criança, criar processo de integração entre a sociedade e escola e informar aos pais sobre o que ocorre com a criança na escola, seja a frequência, notas e proposta pedagógica.

A escola, no ensino de Educação Infantil, possui a competência em proporcionar à criança um desenvolvimento integral, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual

³ KRAMER, Sonia. A Política do Pré- Escolar no Brasil. A Arte do Disfarce. RJ: Achimé. 1982. p. 43

e social, completando a ação da família e da comunidade.(Artigo 29). E no Ensino Fundamental, fortalecerá os vínculos da família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca.(Artigo 32)

Baseado na LDB, a família e escola são vistas como instituições que realizam uma atividade em conjunto, percebendo as necessidades do outro, completando o trabalho de ambas as partes, responsáveis, comprometidas e dando suporte para criar um espaço em comum com o objetivo de propiciar o desenvolvimento integral da criança. Mas fica a questão, no dia a dia, até que ponto uma instância adentra a outra? Qual o limite e delimitação entre o público e o privado ? Entre o pessoal e o profissional?

No que diz respeito a educação muitos professores precisam ter conhecimento sobre fatos no âmbito pessoal da criança e conseqüentemente da família, no sentido de aconselhar, dar segurança sobre um momento na vida da criança que para os pais é nova, principalmente para os professores que tem certa experiência, decorrente da sua prática cotidiana pode mostrar alguns caminhos, soluções, dicas que maridos e esposas sozinhos não conseguiriam pensar.

Barreto a partir de seu estudo, fala sobre o discurso dos educadores ao citar o momento em que os pais são lembrados no processo de aprendizagem do aluno. "*Como referência que serve para situar de modo global a condição sócio- econômica da família- e quando o discurso focaliza a própria estrutura familiar(...)está intimamente associada aos padrões mais generalizados de relacionamento dos pais com os filhos e em especial à sua participação na educação das crianças. Esses padrões são os que mais sensibilizam a professora em relação à família do aluno, provavelmente porque, em sua opinião, devem afetar mais diretamente seu trabalho na escola".* O aparecimento da importância da família aparece quando a criança necessita de assistência direta, da presença de um adulto que dê atenção, pois"(BARRETO, 1981, p. 85)

Assim o contato e a troca de informações representam canais que proporcionam tanto para família como escola o desenvolvimento de uma educação mais coerente evitando desencontros, desentendimentos, enganos, situações contraditórias e que sempre existirão. No relacionamento entre família e escola precisa haver troca de

informação, diálogo para solucionar problemas ou aprender a conviver com elas de modo saudável.

A tarefa dos professores na educação das crianças não destina somente à transmissão de conhecimentos, mas valores, sentimentos. Neste contexto, educar é educar-se.

De acordo com Carvalho e Vianna na relação pais e professores os dois estão ligados pela educação da criança. Educação que difere entre os dois ambientes, casa e escola. Família e Escola são duas instituições responsáveis pela educação das crianças. Não se comparam devido à naturezas distintas, mas se complementam, a família necessita da escola como esta necessita da família. Na relação família e escola " *o choque entre pais e professores se dá não na questão da educação e métodos, mas no poder e a quem é atribuído decidir o que fazer com o aluno/filho. Devido a esta razão é que o discurso das escolas sobre uma boa educação é o professor conhecer a família para entender o aluno*". Pois cada pai possui o seu jeito em educar seus filhos, de compreender a razão das coisas, acontecimentos, dos fatos. Nesta relação por parte tanto dos pais como escola deve haver respeito às diferenças. Os professores compreendendo as atitudes e comportamento dos pais e estes o trabalho pedagógico da escola. (CARVALHO e VIANNA, 1994, p. 135).

Neste contexto, a escola tem o papel de mediar a aprendizagem da criança diante das informações, descobertas, transformações em um lugar, espaço, tempo e tudo o que dá sentido à vida, e chamamos por cultura. Ou seja, necessita conhecer o aluno em todos os sentidos, tais como, saber como vive, com quem vive, o que conhece, como se comporta e reage frente a algumas situações. O professor deve conhecer a realidade social da criança, seus problemas, preferências, curiosidades, medo, insegurança pois não se trata de transmitir conteúdos insignificantes, distante do interesse do aluno. Esta relação deve apoiar-se na troca de experiências, confiança, respeito de ambas as partes.

Para que isso ocorra é preciso conhecer os pais, para ter conhecimento sobre o aluno, ter alguns retornos quanto ao trabalho desenvolvido pela escola, o que pode ser melhorado nesta relação, uma forma de estar percebendo o seu trabalho. Muitos professores falam de parceria pois os pais conhecem muito bem os filhos e podem estar

ajudando os professores, apesar do pouco tempo que, atualmente, os pais passam com os filhos, devido às obrigações profissionais e correria do dia a dia.

Por parte de alguns pais conhecer os professores, o espaço escolar, a proposta pedagógica, saber quem está com o filho, o que ele está aprendendo, como está aprendendo é de extrema importância.

Mas como fazer isso? Conhecer neste sentido, exige estar presente na escola observando os espaços, conversando com os professores, se inteirando sobre os objetivos da escola. Para os pais isso parece ser uma tarefa difícil, mas segundo alguns professores, às vezes isso é necessário principalmente se a escola apresenta uma proposta pedagógica que exige a participação dos pais.

Isto parece ser o ideal de muitos professores, como se isso propiciasse a ambas as partes um ganho no processo de aprendizagem da criança, pois se os pais conhecem claramente os objetivos da escola, sua fundamentação teórica podem contribuir com a aprendizagem da criança, sem atrapalhar ou abordar um assunto de forma contrária à postura da escola.

Elba Barreto analisando as visões de muitas professoras sobre as famílias de seus alunos, discorre sobre as exigências que a instituição escolar acaba por impor. “*Há mesmo quem afirme que os pais deveriam possuir algum conhecimento de psicologia infantil para não estragarem seus filhos, embora reconheça que isso seria esperar demais de uma realidade social como a nossa.*” (BARRETO, 1981, p. 84).

Por parte dos pais, sobre a aquisição de conhecimento sobre psicologia infantil e conhecimento sobre a proposta pedagógica da escola, Barreto afirma “*Se é utópico esperar dos pais essa iniciação à psicologia, na verdade é a formação pedagógica da professora que, privilegiando a esfera da psicologia individual, como a que por excelência é capaz de dar conta da conduta do aluno em classe, acaba por informar a sua avaliação do comportamento dos pais em relação às crianças.*” (BARRETO, 1981, p. 84).

Neste contexto a família e a escola além da responsabilidade em proporcionar à criança um ambiente saudável, possuem o papel de mediar a criança em relação ao mundo na tarefa de socialização. E conhecendo a família, “*além da classe, é a história*

familiar, pessoal e ocupacional dos pais; a maneira como cada um deles assume a sua condição de vida, (...) como se relaciona com a cultura em geral e com os diversos bens culturais, enfim, (...) A composição e a dinâmica do grupo doméstico, a relação dos pais entre si, de cada um deles com cada um dos filhos destes entre si - tudo isso dá a coloração particular quer da ação mediadora dos pais, quer da experiência particular de socialização da criança. E, é claro, só assim é possível explicar a maneira particular de cada indivíduo integrar-se em sua própria classe e, por intermédio dela, na sociedade.”(GOMES, 1994, p. 60).

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO



Festa da Primavera, pais na quadra de esportes assistindo a apresentação dos alunos.

CAPÍTULO 2:

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO:

Como os pais participam na escola? O que é participar? Mas em que circunstâncias? Quais os papéis desempenhados por pais e professores na gestão escolar? Como uma interfere na outra ?

De acordo com Bordenave, a participação é fazer parte, tomar parte e ter parte em algum negócio, em algum grupo ou associação. Mas como se dá esta participação? Qual o contexto sócio econômico pelo qual desenvolve esta participação?

Segundo Demo(1988) vivemos em uma sociedade que apresenta diferenças sócio econômicas, composta pela minoria rica e maioria com baixo poder aquisitivo. Neste contexto vislumbramos relação de poder, dominação, existência de conflitos e desigualdades entre as pessoas, cujas possibilidades e oportunidades surgem e tomam posse de modos diferentes. De acordo com Minguili é através da participação que se coloca em discussão o controle e o poder e *“visa resultados imediatos(moradia, saúde, transporte) e resultados mediatos(consciência crítica)”*⁴.

Na nossa sociedade brasileira, culturalmente, presenciamos um comportamento não participativo pelas pessoas na grande maioria, seja em reuniões de condomínio, reunião de escola, ou em outra dimensão como por exemplo passeatas, mobilização e reivindicação. Se tratando de participação na área da educação, Gomes fala sobre a ausência, falta de participação escolar dos pais desde a era colonial até hoje, pois *“tende a ser pouco atuantes as associações de pais e outras capazes de interferir nos negócios da educação(..), visto que o baixo grau de vida comunitária no contexto social imediato da escola se evidenciou com grande obstáculo à participação da família e de outros grupos.”*⁵

Neste contexto, a iniciativa à participação se encontra desmobilizada, pois a maior parte das pessoas caem no comodismo justificando a participação impossível e

⁴ MINGUILI, Maria da Glória. *A Gestão da Escola Pública no Estado de São Paulo: da Intenção à Obra*. Campinas, SP: Faculdade de Educação da UNICAMP. 1995. (Tese, Doutorado em Administração e Supervisão Escolar) p.69.

⁵ GOMES, 1980 . cit. In: GOMES, Cândido Alberto. *Gestão Participativa nas Escolas. Resultados e incógnitas*. In: XAVIER, Antonio Carlos R. SOBRINHO, José Amaral(org.). *Gestão Escolar, Desafios e Tendências*. Brasília: IPFA, 1994.

difícil porque parece que as ordens, regras já estão estabelecidas, decididas e a opinião das pessoas não vão modificar o cenário construído.

Por esta razão a participação é construção histórica, participar é ato de fé na potencialidade do outro, é acreditar que a comunidade não é destituída mas oprimida, é assumir que pode ser criativa e co-gerir seu destino.

Então a participação, segundo Demo, pode ser entendida como um processo que não está estagnado e acabado, mas em constante transformação e conquista porque o ato de participar é um ato de exercer poder, de reivindicar os direitos, de luta, expressão da opinião de cada um e saber trabalhar em um ambiente democrático. Participação é conquista, não é dado e nem concedido, é reclamado, *“pois primeiro vem a dominação e depois se conquistada a participação”* (Demo, 1988, p.18)

Para Bordenave, é a partir da participação é que o homem vai exprimir a sua capacidade de realização, de fazer coisas, de afirmar-se. Além disso, esta prática proporciona a interação, integração, desenvolvimento reflexivo, prazer de criar e recriar coisas, valorizar a si e aos outros. A participação é bem sucedida quando o motivo é algo que faz parte da necessidade das pessoas, é problema de todos. As pessoas participam ativamente quando percebem que o objetivo da ação é relevante para seus próprios objetivos, e não foi algo imposto ou obrigatório, por fazer pelo ato em si, mas uma necessidade que faz parte dos interesses de todos, pelo qual estão juntos construindo e lutando pelo o que acreditam.

Assim o ato de acreditar em algo, estabelecer uma meta, exigem das pessoas que participam, o conhecimento que possuem do grupo e de si, mantendo informado sobre o que acontece, a abertura dos canais de informação, o reconhecimento das conseqüências de seus atos, os resultados da ação coletiva e de seu esforço.

Neste sentido, percebemos que a predisposição das pessoas em participar depende da necessidade, do conhecimento, espaço, ou seja, do acesso livre e das pessoas que estão envolvidas. Além disso, *“toda forma de participação baseia-se em um sistema de regras que, além de determinar o seu papel e função, assegura sua existência”* (MOTTA, 1982, p. 17).

Papel, função e regras de funcionamento, que exigem das pessoas uma densa vida associativa, pois a participação *“ é um estilo de se fazer politica, é um método de*

governo tanto em nível de sociedade, do contrário corre-se o risco de excluir os cidadãos e culpá-los por não participarem. A participação pode ocorrer através das eleições e partidos políticos- participação representativa, e pelo contato direto e cotidiano entre cidadãos e instituições do Estado- participação direta.” (MINGUILI, 1995, p. 68).

Desta forma, no dia a dia, o envolvimento das pessoas que fazem parte da escola, em suas práticas a cooperação sempre está presente, como também o diálogo e solidariedade. *“O membro precisa sentir em si a importância e o compromisso de manter a associação, que é sua integralmente. O membro que não contribui tende a formar a atitude parasitária, esperando tudo da associação, sem comparecer como colaborador específico”.* (DEMO, 1988, p. 124).

Segundo Cardoso, neste processo de trabalho cooperativo é importante considerar todos os setores envolvidos no trabalho porque estão diretamente ligados à educação. A palavra cooperação significa colaboração, ou ato pelo qual várias pessoas unem seus esforços e recursos no sentido da mesma finalidade, através da ação coletiva na ajuda mútua, então *“isto significa que o professor necessita conhecer não apenas os aspectos propriamente pedagógicos como também os métodos administrativos mais adequados para sua colaboração consciente em momentos de decisão escolar, tanto a nível interno como externo”*(CARDOSO, 1995, p. 53)

Desta maneira, podemos falar sobre as formas de participação, ou seja, os tipos de gestão, quais os papéis desempenhados, o poder de voto e representatividade.

Cardoso ao referir à participação dos pais e professores na gestão escolar, aponta a existência de alguns problemas na conquista da descentralização e participação porque na eleição de dirigentes, participando do processo administrativo e pedagógico da escola *“ a gestão democrática na escola traz uma preocupação em relação à sua prática, pois não basta ter presente a necessidade de participação da comunidade educativa. É necessário verificar as condições para essa participação tornar-se efetiva tanto em relação as questões econômicas e políticas como as questões de prática no interior da escola”.* (CARDOSO, 1995, p. 18)

Então de acordo com as formas de participação, pais e professores participam da gestão escolar nas seguintes formas:

Na co-gestão, as pessoas dão a sua opinião, apresentam suas propostas, mas a decisão final é realizada por um dirigente ou responsável. Segundo Gohn, a co-gestão é uma das formas mais avançadas de participação no capitalismo, porque é dirigida por uma política de colaboração das classes e presença de conselhos no interior das empresas. A co-gestão limita-se a atribuir espaços de participação ao nível operativo e consultivo, mas não deliberativo. É um processo de colaboração entre os envolvidos, seguindo estratégias previamente delineadas.” *Através da constituição de vários tipos de conselhos, no interior das empresas e, mais recentemente, no interior dos aparelhos estatais, a co-gestão constitui-se a alternativa mais avançada de trabalhar os conflitos, inserindo os agentes envolvidos num mesmo processo, que se diz neutro e busca-se assentar-se nas premissas generalizantes do bem estar geral.*” (GOHN, 1988, p. 26)

De acordo com Dias, na co-gestão permanece a figura do administrador, com autoridade mais limitada, pois não é o único responsável pelas decisões tomadas, “*estas somente são consideradas legítimas quando tomadas com a colaboração dos demais elementos sob seu comando*” (DIAS, p. 269).

A auto gestão é entendida como *uma* forma de democratização das decisões, pois “*a transferência de poderes do ápice à base, implica modificações indispensáveis ao exercício da democracia por todos, seja no campo de empresas econômicas, seja no âmbito da nação*”. (CARDOSO, 1995, p. 32).

Para Tragtemberg (1987) a “*autogestão, que é a participação real (...) implica em decisões tomadas por conselhos de operários, referentes a interesses coletivos, só sendo adotadas depois de amplo debate e consulta de todos.*”⁶

Nesta a participação das pessoas é imprescindível para manter a instituição, porque em uma administração mais democrática, pelo qual todos participam, e comprometem a realização de um trabalho sempre é feita de modo coletivo e conjunto.

⁶ Tragtember, 1978, cit. In: MINGUILLI, Maria da Glória. *A Gestão da Escola Pública no Estado de São Paulo: da Intenção à Obra*. Campinas. SP: Faculdade de Educação da UNICAMP. 1995.(Tese, Doutorado) p. 71

Nas escolas cooperativas o que presenciamos é uma forma de administração descentrada, pelo qual todos participam, dão sugestões, idéias, propostas e votam em assembléias. Percebemos uma participação mais intensa de pais e professores nos problemas do dia a dia, resolução de conflitos. Mas no cotidiano, como isso ocorre? Para Mello e Silva (1991) a gestão da escola num sistema de ensino descentralizado em um Estado democrático tem as seguintes características: - *Autonomia para escolher as estratégias de trabalho;* - *Elaboração do plano de trabalho e administração da equipe escolar, determinando: organização do ano escolar e da jornada de trabalho; ordenamento de conteúdos; seleção de materiais didáticos; formas de integração do currículo; capacitação de pessoal em serviço; admissão ou dispensa de pessoal observados os direitos trabalhistas dos profissionais;* - *Responsabilidade pelos resultados alcançados por seus alunos, aferidos por um sistema de avaliação externa.*⁷ Para realização destas atividades segundo esta forma de participação, Santos (1992) escreve sobre os órgãos colegiados e suas funções:

A assembléia é composta por representantes de pais de alunos, professores e outros profissionais que trabalham na escola e se reúnem duas vezes por ano para deliberar assuntos gerais. Caso houver necessidade de outras reuniões, a assembléia é convocada para reunião extraordinária.

O conselho gestor é constituído por representantes de pais, professores, alunos e funcionários da escola. Este conselho reúne mensalmente para discussões gerais da escola a nível econômico, social e educativo. Quando são apresentadas ao grupo novas propostas estas são discutidas e votadas pelos membros do conselho para serem levadas à assembléia. E o conselho pedagógico deveria ser composto por pais e professores para colaborarem no planejamento pedagógico da escola.

Desta forma o trabalho das cooperativas, Segundo Revah no envolvimento de pais e professores participando na escola em assembléias, reuniões, os próprios adultos acabam desenvolvendo uma experiência comunitária, uma vivência de “grupo”, “*viam-se como membros dele ou então buscavam criar espaços para uma experiência coletiva onde essa idéia tivesse lugar*” (REVAH, 1994, p. 83).

⁷ Mello e Silva, 1991, cit. In: MINGUILI, Maria da Glória. *A Gestão da Escola Pública no Estado de São Paulo: da Intenção à Obra*. Campinas, SP: Faculdade de Educação da UNICAMP. 1995.(Tese. Doutorado). pág. 110.

Cooperativa segundo Enciclopédia Delta Larousse (1970) é uma espécie de sociedade comercial, constituída por membros de determinado grupamento social ou econômico, visando à desempenhar, em benefício comum, determinada atividade econômica. No Brasil, assim como na maioria dos países, as sociedades cooperativas são regidas por legislação especial e gozam de privilégios de natureza fiscal. Os objetivos das cooperativas são:

“1) Reduzir em benefício de seus membros, e através do esforço comum destes, o custo ou, conforme o caso, o preço da venda de determinados produtos ou serviços, substituindo –se ao intermediário;

2) Aprimorar a qualidade dos produtos fornecidos.”⁸

Colombain (1976) fala sobre cinco princípios das cooperativas fundamentados nos Estatutos dos Pioneiros de Rockdale que dizem respeito ao funcionamento das cooperativas que depois passaram a constituir os fundamentos da doutrina cooperativa:

*“1º - Solidariedade e compromisso mútuo; 2º - Igualdade e exercício da democracia; 3º - Operação não lucrativa; 4º - Igualdade, honradez e proporcionalidade; 5º - Educação cooperativa, entendida no seu mais amplo significado”*⁹.

Cardoso(1995) afirma que esses princípios dizem respeito ao governo da sociedade mediante práticas como:

- Eleição em assembleias gerais, dos representantes, dos associados à livre adesão e demissão dos sócios;
- Ao direito de um voto, apenas, por associado(um homem, uma voz);
- Ao pagamento de juros limitados ao capital;
- A distribuição dos ganhos proporcionalmente às compras efetuadas pelos associados, depois de descontadas as despesas de administração, os juros correspondentes às quotas- partes, a porcentagem de depreciação das mercadorias inventariadas, a quota de reserva para o aumento de capital destinado à extensão das operações e a porcentagem para a educação.
- As vendas devem ser efetuadas a dinheiro, para que os cooperados só assumam compromissos dentro de suas possibilidades orçamentárias.

⁸ Grande Enciclopédia Delta Larousse, vol. 4, p. 1875.

⁹ Colombain, 1976, cit. In: CARDOSO, Aparecida. *Gestão Participativa numa Escola Comunitária*. Campinas. SP: Faculdade de Educação da UNICAMP. 1995, pág. 30 (Tese, Mestrado).

De acordo com Demo “ *se considerarmos o desenvolvimento comunitário algo essencial para a política social, a identificação cultural apresenta talvez a motivação mais imediata à participação. A comunidade só reconhecerá como seu aquele projeto(...) É preciso encontrar o eco reconhecido de algo que é seu, de algo que se encaixa na história vivida , de algo que aparece nas determinações do dia à dia.*”(DEMO, 1982, p. 58).

A gestão democrática em qualquer grupo social implica uma participação compromissada e concreta no desenvolvimento do trabalho, não se limitando a alguns momentos, incluindo momentos difíceis, convivendo com acertos e erros e buscando juntos soluções para os problemas do dia à dia. Pois as cooperativas escolares, como instituições educacionais, “ *procuram desempenhar um papel de valorização do homem e seu método de ensino baseia-se na colaboração, procurando assim uma educação para a democracia e para a co- participação na gestão democrática da escola.*” (DEMO, 1988, p. 39).

Participação de pais e professores na gestão escolar, além de compreender e viver a cooperação, em uma sociedade capitalista, apresenta muitas dificuldades frente situações do dia a dia, por isso gera mudança de hábitos, costumes, valores. Demo distingui 3 momentos intensivos do acesso: “*a) A convivência, significando o nível de contato constante, para além da visita fortuita, intermitente, passageira, é mister ultrapassar o limiar da visita, para tornar-se alguém merecedor da confiança do grupo, o que permite interação cooperativa concreta; b) vivência, significando um patamar mais aprofundado, no qual o elemento externo procura fazer parte do grupo comunitário, incorporando-o como forma de vida; c) identidade ideológica prática, significando a adoção do projeto de emancipação comunitária, em toda a sua intensidade e extensão, correndo todos os riscos e desafios.*”(DEMO, 1988, p. 135).

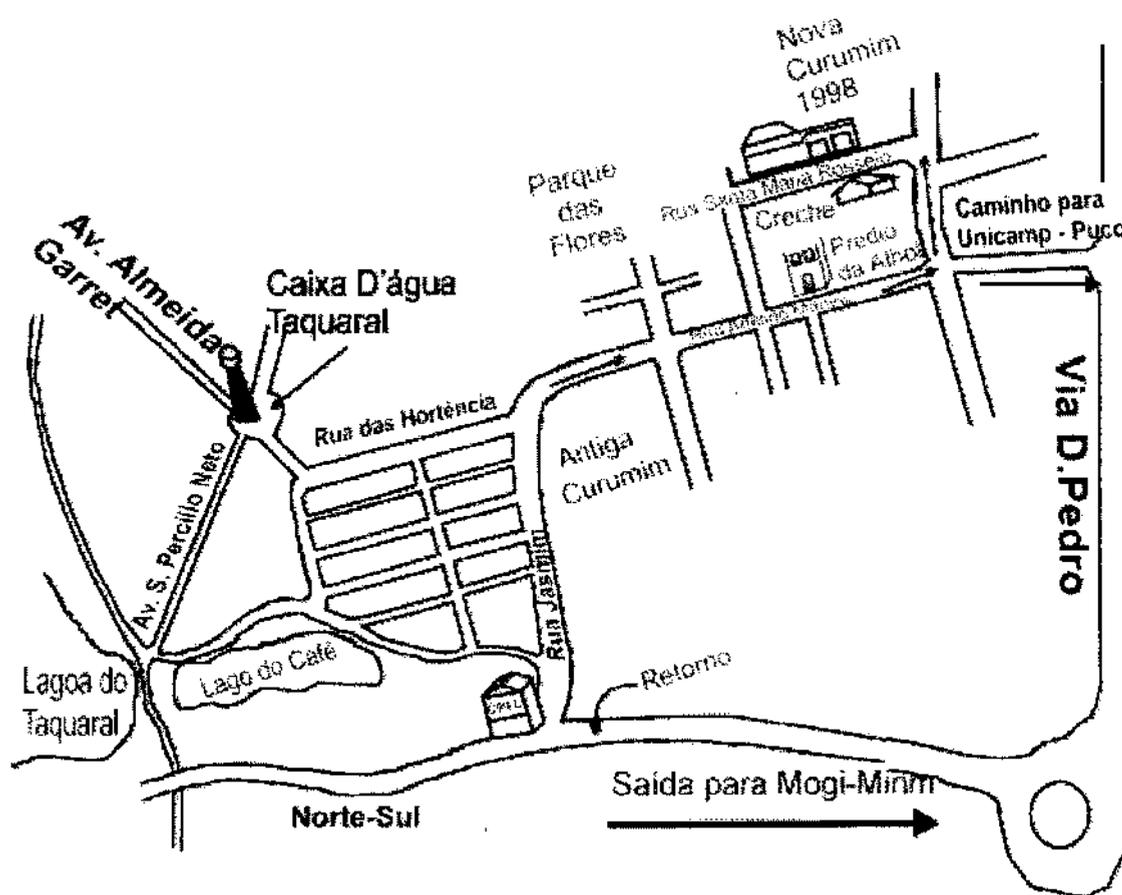
Assim a convivência, vivência e identidade ideológica são elementos influenciadores da participação de pais, educadores, funcionários e crianças no ambiente escolar. Em uma gestão democrática para os pais é extremamente necessário um contato mais de perto do que se passa na escola onde seu filho estuda, estimulando e dando sua colaboração em algumas instâncias do trabalho escolar. E em relação ao funcionários, “*embora não trabalhem diretamente como profissionais educadores, nem por isso*

deixam de prestar seu esforço para a concretização dos objetivos educacionais e por isso, sua participação é importante dando sua colaboração nos diversos pontos de decisão”.(CARDOSO, 1995, p. 54).

CAPÍTULO 3

I- LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA:

Atualmente a Escola Curumim está localizada rua Santa Maria Rosselo, número 143, Mansões Santo Antonio, região norte de Campinas, ocupando uma área de 3500 m.



Mapa da escola

II- FUNDAÇÃO DA ESCOLA:

No final da década de 70, quando o país estava passando por um período pós ditadura militar não possuía canais de expressão, o momento era de repressão, manifestação contra o governo, então muitas pessoas envolvidas neste contexto começaram a buscar formas para construir uma educação que não fosse nos moldes tradicionais. O objetivo de se fundar a Curumim era construir uma escola com uma prática de educação que não formasse pessoas passivas, conformadas com a situação do país, uma educação mais livre, com participação maior de pais e professores no dia à dia da escola.

A maior parte dos pais que estavam envolvidos na fundação da Escola Cooperativa Curumim eram pessoas que já tinham nível superior e estavam ligadas com a UNICAMP e atuavam em diversas áreas, que não fosse somente a educação.

Outro fato é que residiam próximo ao Guará, endereço onde foi construída a escola, localizado no Distrito de Barão Geraldo caracterizado por ser uma área com muito vegetação e animais.

A fundação da escola foi fruto de um processo de cisão, com muitas discussões, insatisfações sobre a linha do projeto pedagógico desenvolvido na Escola do Sítio, localizada no Guará. Neste período um grupo de professores e pais que mais tarde fundaram a Escola Curumim, estavam questionando e discutindo sobre a linha pedagógica que a Escola do Sítio estava adotando, pois muitos professores desejavam ler outros autores, abrir espaço e dar oportunidades para outras teorias, que não fosse somente o construtivismo.

Então pais e professores, em 1978 resolveram sair da Escola do Sítio e fundar uma cooperativa constituída por pais e professores que juntos trabalhariam na construção de uma escola com outros moldes e que propiciasse uma participação mais ativa neste processo.

Havia então uma equipe de professores sem emprego e um grupo de alunos sem escola. Muitas reuniões foram feitas para criarem a Escola Cooperativa Curumim com a idéia de, antes de se ter um suporte administrativo e um suporte de funcionamento, se

tinha uma equipe de educadores e pais que acreditavam numa mesma proposta de educação.

Esta equipe queria desenvolver um projeto educacional baseado em uma estrutura alternativa, onde todos estivessem envolvidos com o processo, pois acreditavam na concepção filosófica e de ensino - aprendizagem.

O grupo que iniciou o trabalho era relativamente pequeno, contavam aproximadamente 13 professores e 20 pais, que se desdobravam com boa vontade e disponibilidade. Assim, após uma procura e decisão conjunta, criaram o nome e começaram a trabalhar com turmas pequenas. Formaram uma associação de pais e professores que participavam de assembleias, mutirões e alguns na administração da escola .

III - NOME DA ESCOLA:

O nome da escola no período de fundação era: Escola Cooperativa Curumim.

A palavra Curumim, significa criança em tupi guarani, então é um índio criança. Por trás deste nome está toda uma concepção de ver a educação como algo muito próximo à natureza, a liberdade, o modo como as crianças indígenas são criadas, aprendendo desde pequenos a serem autônomos, vivendo uma relação de respeito muito grande entre as crianças e seus familiares.

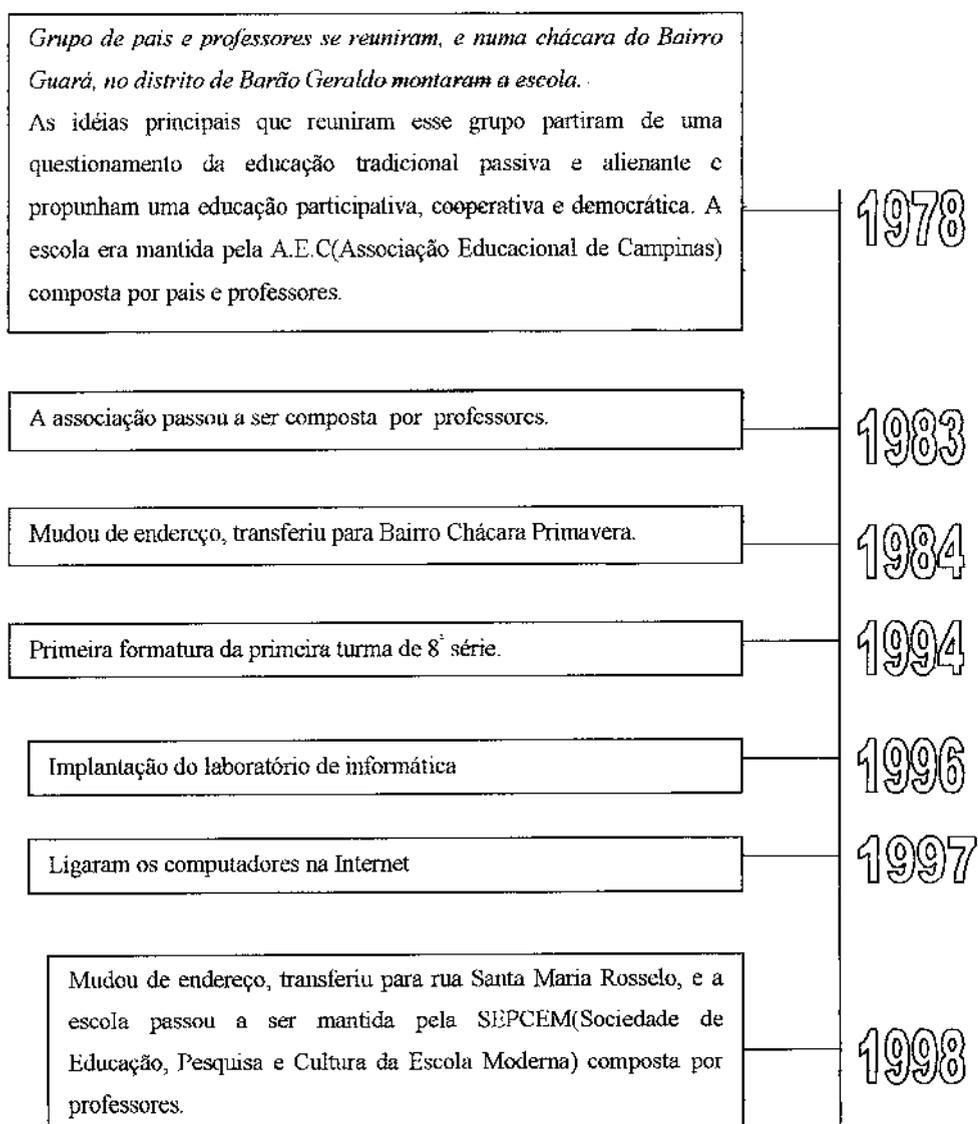
O nome da escola foi decidido após uma reunião entre pais e professores. Nesta todos esperavam da escola um ensino que envolvesse a liberdade da criança em se expressar, pensar, desenvolver o espírito crítico e que estivesse mais contato com a natureza.

A palavra cooperativa fazia parte do nome da escola devido ao desejo de todas as pessoas envolvidas no processo de fundação de se formar uma cooperativa, mas na realidade legalmente a escola era mantida por uma associação composta por pais e professores.

Mais tarde a palavra cooperativa não fazia mais parte, pois a associação era composta apenas por professores, permanecendo o nome : Escola Curumim, como é até hoje.

IV- FUNCIONAMENTO:

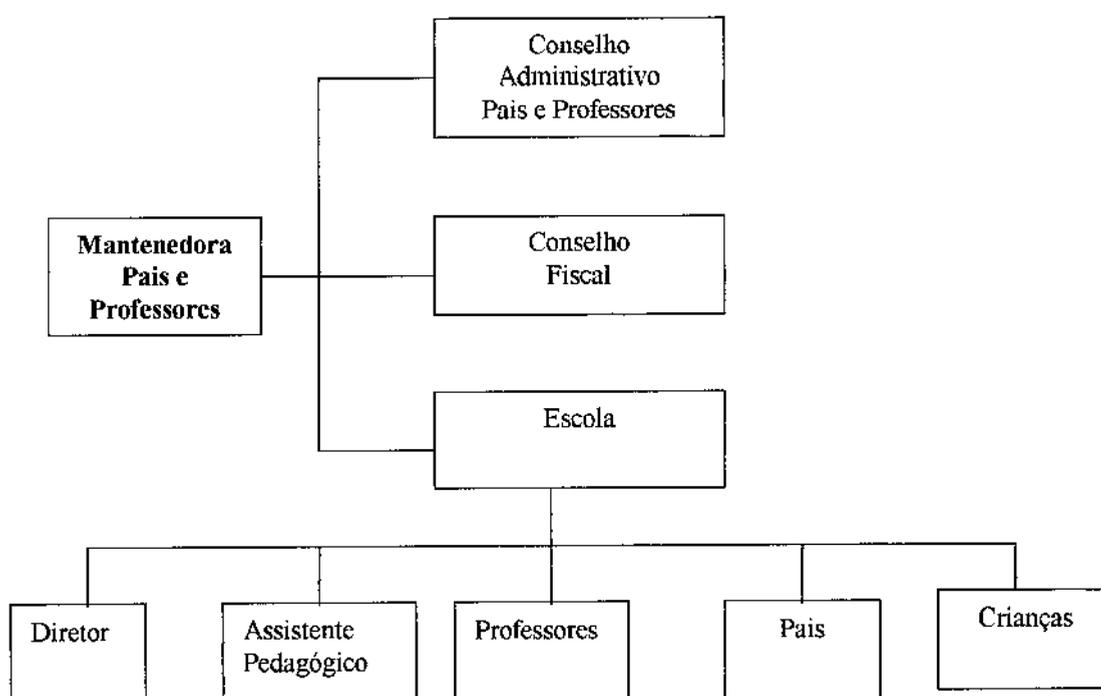
Durante estes anos de existência, desde 1978 até hoje, a escola passou por várias mudanças:



Desta forma, a Escola Curumim no período de fundação era mantida por uma associação composta por pais e professores a A.E.C.(Associação Educacional de Campinas) sem fins lucrativos, que era dividida em: Conselho Administrativo, Conselho Fiscal, e Conselho Pedagógico. Nestes conselhos pais e professores a participação se dava:

Conselho administrativo	5 pais	4 professores
O Conselho fiscal	3 pais	
Conselho Pedagógico		Equipe professores

A escola vivia o seguinte organograma:



Desta forma, notamos um organograma com duas partes: a parte administrativa da escola (conselho administrativo e fiscal) que mantinha a escola, e a parte do dia a dia escolar, com diretor, assistente pedagógico, professores e crianças.

Além da participação dos pais nos conselhos, todos eram convidados à participar das assembléias e reuniões. Neste período existiam as assembléias: ordinárias e as

extraordinárias. A ordinária tinham duas, uma no início do ano e a outra no meio, e a extraordinária conforme a necessidade da escola, ocorrendo 4 ou 5 assembléias no mês até resolver o que tinha que ser passado pela decisão de todos. Além disso, realizavam-se mutirões onde professores, funcionários e crianças estavam na escola, geralmente aos sábados, construindo materiais para a escola, como prateleiras, mesas, brinquedos.

Neste período a escola contava com 9 professores e a contratação era feita de acordo com as necessidades da escola, não era exigido do professor conhecimento, ou algum tipo de pré requisito para trabalhar na escola, eles eram chamados à trabalhar por meio de convite e interesse na proposta desenvolvida na escola, se estavam afinados com o trabalho desenvolvido.

As reuniões com os pais eram bimestrais, além deste momentos os professores faziam relatórios individuais dos alunos e mais tarde visitavam as famílias para conversar sobre o desenvolvimento da criança e da turma. Além destes momentos com os pais, as crianças faziam lanche coletivo, ou seja cada dia da semana um pai preparava lanche para todas as crianças da turma do filho.

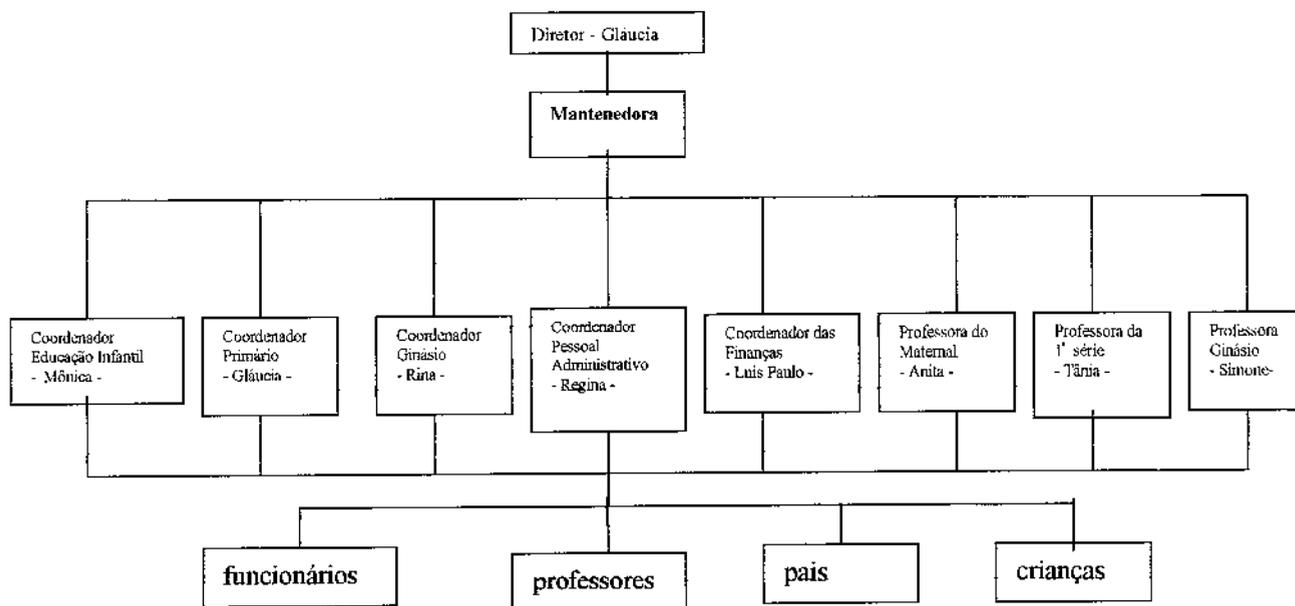
No período inicial da Escola Curumim a localização era em uma chácara grande, alugada e adaptada para funcionamento da escola, onde atualmente funciona a padaria do centro comercial do Guará. Nesta chácara existia uma área verde incluindo árvores frutíferas, pomar e na casa não houve necessidade de fazer muitas reformas, a casa comportava uma sala em L, 4 salas de aula, cozinha e escritório.

A escola atendia salas do maternal, pré e no primeiro ano de funcionamento a escola tinha aproximadamente 27 crianças que saíram da Escola do Sítio e foram para a Curumim, depois passou para aproximadamente 50 crianças. Começou com quatro turmas pequenas funcionando meio período, depois passou para oito turmas. A divisão era feita por idade, atendendo as crianças desde 1 ano e meio de idade até 6 anos, então tinham grupos de 1 ano de idade, de 2 à 4 anos e outro de 4 à 6 anos e gradativamente a escola foi aumentando as turmas, implantando mais tarde a 1ª série, e 2ª série em diante.

A coordenação era coletiva e reunião pedagógica ocorria toda semana, tudo junto.

Atualmente a escola tirou a palavra cooperativa, porque passou a ser uma sociedade composta por 8 sócios, que investiram capital para mudança de endereços e construção

de uma nova estrutura física, SEPCEM (Sociedade de Educação, Pesquisa e Cultura da Escola Moderna), e apresentava o seguinte organograma:



Recentemente a escola passou pela mudança de endereço e neste novo espaço conta com as seguintes áreas: 7 salas de aula, sala de informática, música, vídeo, cozinha, biblioteca, quadra de esportes, tanque de areia, almoxarifado, sala dos professores, secretaria/ sala da administração, cantina.

Atualmente abrange Educação Infantil e Ensino Fundamental, atendendo em dois períodos: das 7:45 às 12:15 horas e 13:15 às 17:45 horas. Há o período integral, na qual pela manhã os alunos frequentam as aulas regulares e à tarde se juntam para brincar e estudar. O período integral tem aulas de Educação Física, Música, Ginástica Geral, Artística e Circense. A lição de casa é orientada pela professora utilizando o laboratório de informática e a biblioteca.

A Escola Curumim é inclusiva, desde a fundação até hoje atende alunos portadores de Síndrome de Down, paralisia cerebral e problemas comportamentais. De acordo com as necessidades da proposta pedagógica da escola, o número de alunos por sala é reduzido, o limite de alunos por sala nas classes de 1º grau é de 25 alunos e nas

salas de Educação Infantil o número de alunos reduz para 20 alunos. Somando todos os alunos desde o maternal até o ginásio, a escola está atendendo 232 alunos¹⁰.

A coordenação pedagógica é realizada por três coordenadoras: Educação infantil, primário e ginásio.

O quadro de professores somam: 14 professores mensalistas, 8 professores do ginásio, e os professores horistas que trabalham no primário (professor de música, educação física mais uma professora que trabalha no período integral) totalizando são 25 professores. Do total de funcionários, contando servente, zelador, serviços gerais, secretaria, dentre outros funcionários, totalizam 35 funcionários.

A reunião pedagógica é quinzenal, nos três setores: pré-escola, primário, ginásio, e são feitas separadamente cada setor, às vezes realiza-se uma geral, com a presença de todos.

O grupo de estudos ocorre toda semana, alternando entre o primário e pré-escola, e em outro dia da semana o ginásio.

As reuniões com os pais são quatro reuniões trimestrais, alternando entre uma reunião geral (turma toda) e outra individual. Além destes momentos, os pais sempre conversam com os professores marcando horário se o problema exigir um tempo mais prolongado, caso contrário, os problemas e dúvidas são resolvidos no dia à dia, nos momentos de entrada e saída de aula.

Outro momento de encontro são as festas realizadas segundo algumas ocasiões, necessidades especiais, tais como: Dia de integração, Festa junina, Festa da primavera, Jogos da amizade, Encerramento.

O perfil de clientela da escola varia, desde a classe alta, média e baixa, prevalecendo classe média e acima. Há presença de crianças pertencentes à famílias de classe baixa devido ao sistema de bolsa de estudo que a escola oferece para alunos de uma creche próximo à escola, então. Estas crianças passam por um concurso, análise da situação econômica, e levantamento da situação em casa, tudo desenvolvido pela Curumim. Estas bolsas não são integrais, varia de acordo com a renda familiar, em alguns casos de famílias que pagam 10% da mensalidade da escola.

¹⁰ Dados de Dezembro 1999.

V - A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA:

A proposta pedagógica da Escola Curumim surgiu a partir do questionamento de pais e professores responsáveis pela fundação da escola, sobre a educação tradicional, que desenvolve alunos passivos e alienados, através de práticas como, memorização, repetição, ou seja, os conteúdos são transmitidos e forma mecânica, sem significados, descontextualizados e distante da vida e necessidades do aluno.

Este grupo de pais e professores propunha uma educação participativa, cooperativa e democrática. Após reflexões sobre o trabalho que estavam desenvolvendo na escola do Sítio, experiências, buscavam na proposta pedagógica uma educação voltada para o contato com a natureza, que tivesse liberdade e principalmente que as crianças não fossem reprimidas e massacradas, mas valorizavam o desenvolvimento da criança em um espaço que pudessem se expressar.

Em 1978 um grupo de professores tomaram contato com a Pedagogia Freinet e a partir da leitura dos escritos de Celestin Freinet decidiram adotar esta pedagogia na escola. No início esta adoção sofreu resistências pois *“recusava-se a adoção de um rótulo, de um conjunto de técnicas , argumentando-se pela necessidade de criar uma proposta nova, genuína e autêntica.”* (Ferreira, 1995, p. 4)

“Celestin Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896, em Gars, pequeno vilarejo dos Alpes Marítimos da França. Ainda jovem interrompeu seus estudos para lutar na Primeira Guerra , de onde voltou gravemente ferido no pulmão. Nos anos vinte iniciou uma revolução na sua sala de aula, adotando uma postura prática e teórica de recusa à uma educação apassivadora que levava o povo à matança e aos horrores da guerra. Criou um movimento de professores praticantes da Pedagogia Freinet, hoje espalhados pelo mundo todo.”(Boletim da Escola Curumim, 1996, p. 2).

Nesta época conhecia-se muito pouco sobre os trabalhos de Freinet, mas pelo mínimo que começaram a conhecer todas as pessoas responsáveis pela fundação identificaram com os seus trabalhos, pois respondia ao que esperavam da escola, apesar de colocar em dúvida alguns pontos.

No caso da Escola Curumim que foi fundada a partir da cisão da Escola do Sítio, muitas experiências foram aproveitadas na construção da proposta pedagógica, pois os

pais liam textos de Piaget e sabiam algumas coisas que não queriam na Escola Curumim, o estudo, aprimoramento dos professores era constante, ligavam a teoria com a prática contribuindo para a prática pedagógica.

Muitos outros pensadores da educação e da psicologia também são estudados pelos professores no aprimoramento do trabalho pedagógico, dentre eles Piaget, Vygotsky, Bruno Bettelheim, Paulo Freire e Ruben Alves. A troca de experiências, a atitude dos professores em relação aos alunos é próxima, amiga, o seu papel é de incentivar nas atividades, evitando impor suas idéias ou seguir modelos, acreditar na capacidade das crianças, ou seja, a professora deve assumir uma postura de uma pessoa que está ajudando a criança à descobrir por si própria as coisas, a vivenciar momentos prazerosos segundo os interesses, e não permitir impor uma tarefa insignificante para a criança.

A Pedagogia Freinet assume as necessidades:

- **Exprimir seus sentimentos e idéias:** Expressão livre em todos os aspectos (verbal, gestual, plástico, musical, etc.). Uma expressão criadora, carregada de significados.
- **Comunicar -se com os outros:** É expressar algo para alguém com a preocupação de valorizar o trabalho da criança, de modo que seu trabalho seja mostrado e compartilhado com outros.
- **Criar, agir, conhecer:** É o aprofundamento dos interesses espontâneos manifestados pela livre expressão. É a pesquisa e o tateio experimental. A criança apodera-se, assim, do seu processo de aquisição da cultura. O professor deve estar atento para motivar a continuidade dos projetos, respeitando o ritmo individual. Para isso, é necessário que o ambiente da sala de aula seja rico em fonte de documentação. A criança poderá absorver, no seu nível, as informações que traz do seu meio extra-classe (família, comunidade, televisão, etc) bem como as questões que surgem a partir das próprias situações de trabalho em classe.
- **Organizar-se:** a vida em grupo, o trabalho cooperativo, exigem uma organização. Esta organização está na base de qualquer aprendizado e ocorre através de práticas cotidianas como a própria organização da sala, respeito às regras e aos amigos, no estabelecimento de uma rotina, um ritmo, envolvendo um trabalho diário e dedicado de diálogo e colocação de limites.

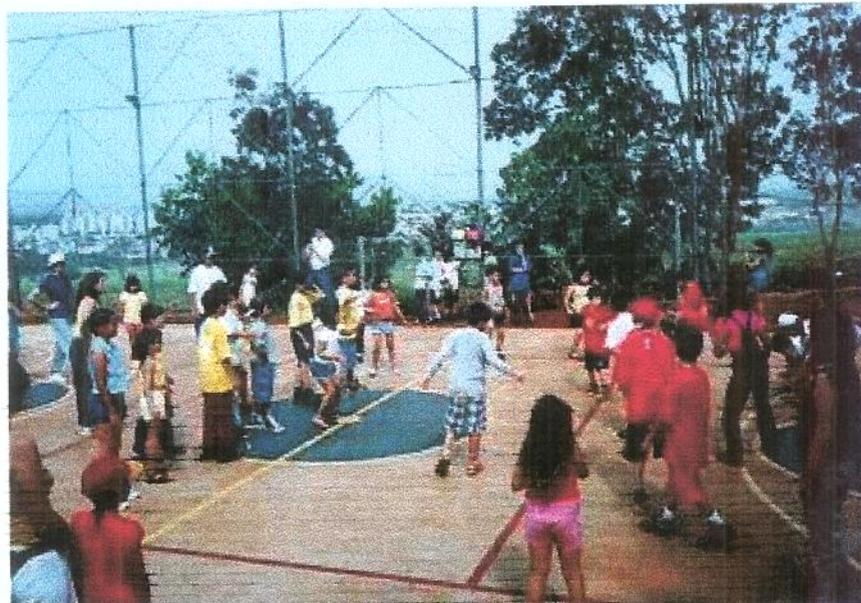
- **Avaliar-se** : a criança aprende a se conhecer, perceber suas dificuldades e progressos, ganhando assim consciência de seu valor e dos outros.

As crianças desde cedo aprendem a propor, dar sugestões, fazer críticas construtivas, defender suas idéias e coordenar. É um aprendizado lento, mas profundo exigindo um desenvolvimento calmo, fazendo com que os próprios alunos sintam a necessidade de tomar iniciativa, elaborar perguntas e respostas, com a máxima clareza sobre assuntos que envolvem desde a observação até a crítica.

Desta forma, o trabalho desenvolvido na escola deve passar por essas necessidades, em uma relação de respeito ao indivíduo, que tem uma história de vida e cooperação no trabalho coletivo, percepção de si e dos outros. A partir disto, a escola realiza as seguintes técnicas na prática cotidiana:

- Roda da conversa;
- Livro da vida;
- Os ateliers;
- Culinária;
- Lanche coletivo;
- Livro, álbum, jornais;
- Plano de trabalho;
- Pesquisa e os projetos de trabalho.

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA CURUMIM



Crianças, pais, professores e funcionários participando da queimada .

CAPÍTULO 4

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA CURUMIM

A Escola Curumim foi fundada a partir da iniciativa de pais e professores que estavam querendo exercer uma educação mais livre e ter maior participação no dia à dia da escola. Deste modo, desde o princípio a presença dos pais foi intensa, participando na parte administrativa da escola, nos mutirões construindo materiais, nas reuniões e assembléias colocando suas opiniões, dúvidas e sugestões.

Como disse Bordenave, as pessoas participam ativamente quando percebem que o objetivo da ação é relevante para seus próprios objetivos, e não foi algo imposto ou obrigatório, por fazer pelo ato em si, mas uma necessidade que faz parte dos interesses de todos, pelo qual estão juntos construindo e lutando pelo o que acreditam. Neste contexto, a fundação da Escola Curumim ocorreu devido à uma necessidade coletiva, deste modo estar na escola, participar em todos os momentos era estar fazendo algo que pertencia à todas as pessoas envolvidas, como se fosse um “projeto de vida”. As pessoas estavam sempre em contato umas com as outras, a escola tinha um significado afetivo e devido ao momento político que viviam, todas as pessoas tinham aversão à qualquer tipo de organização que tivesse relação com alguma forma de poder, autoridade e repressão. De acordo com Revah, *“neste período o país se encontrava sob o signo do “proibido” e as experiências que se desenrolavam nessas pré- escolas eram vividas como experiências “proibidas”. A escola era um espaço onde educadoras e pais de alunos sentiam-se acolhidos, nela tudo parecia cálido e afetivo, sem maiores conflitos nem tensões. Então, viver educação envolvia um grande prazer.”* (REVAH, 1994, p. 9)

Conhecer a escola como conhecer os pais exige de ambos, tempo, vivência e convivência para perceberem a si, ao outro e ao grupo que possuem um objetivo em comum, que é o compromisso com a educação. Deste modo, compreender a participação dos pais, é compreender dentro de um processo de amadurecimento no decorrer dos anos, desde a fase inicial de fundação e conquista de um espaço repleto de vivências até a atualidade, percorrendo as mudanças ocorridas na escola.

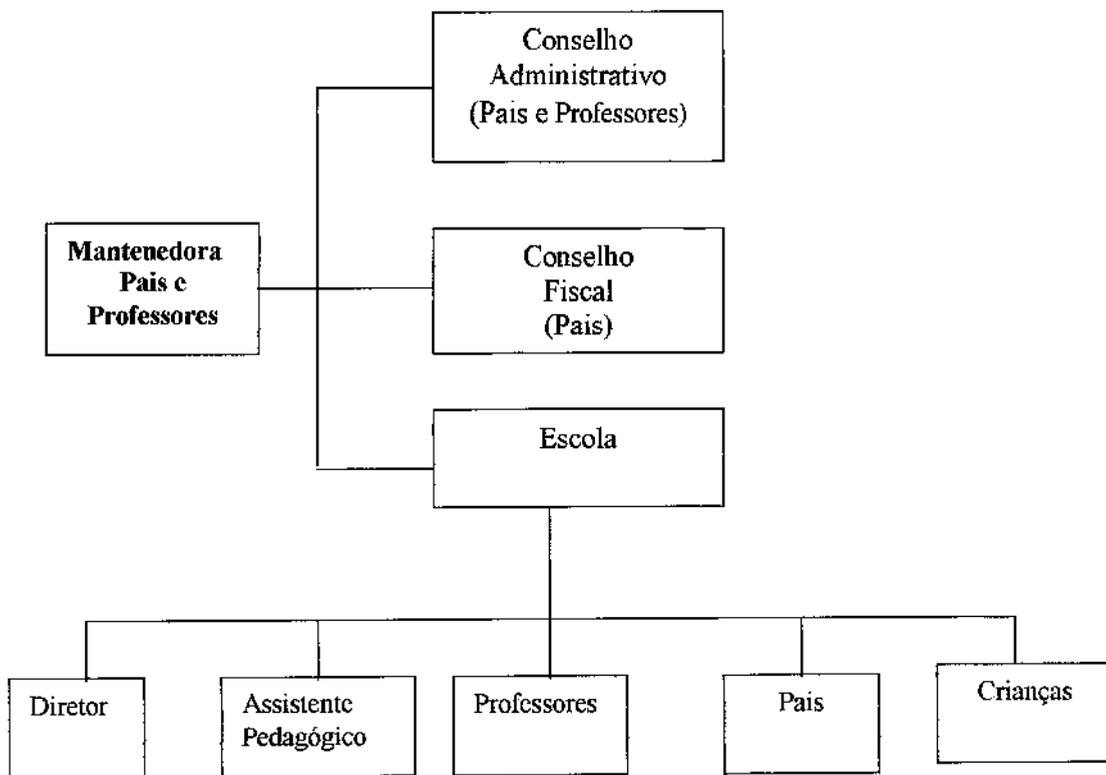
Assim, vislumbramos momentos de colaboração mútua, dificuldades, satisfação em presenciar a realização de um sonho, conflitos e situações delicadas que a partir das necessidades de sobrevivência da escola, que no transcorrer dos anos, desde 1978 até hoje, foram exigindo o surgimento de limites, regras, espaços e papéis desempenhados pelas pessoas que fizeram parte da história da escola, tanto os pais, professores e funcionários.

Inicialmente a Escola Curumim foi fundada após a cisão da Escola do Sítio por um grupo de pais e professores que não satisfeitos com a linha pedagógica que a escola estava adotando, construíram uma nova escola com bases novas. Como era de desejo geral entre as pessoas do grupo, não foi possível formar uma cooperativa de pais e professores devido à empecilhos burocráticos. Então foi construído uma associação composta por pais e professores a A.E.C.(Associação Educacional de Campinas), que funcionou de 1978 à 1983, e mantinha a Escola Cooperativa Curumim.

A formação da associação se deu porque o INCRA¹¹, órgão que regia as cooperativas, não aceitou a proposta de montarem uma cooperativa formada por pais e professores porque de acordo com a ambigüidade que esta composição poderia apresentar devido à diferentes interesses, futuramente os pais poderiam exigir mensalidades baratas e os professores desejariam ter um salário melhor. De acordo com a definição de cooperativa, visto no capítulo 2, esta é uma espécie de sociedade comercial constituída por membros de determinado grupo social ou econômico, visando a desempenhar em benefício comum.

De acordo com o organograma vivido pela Curumim em 1978, os pais participavam na administração da escola na seguinte forma:

¹¹ INCRA(Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)



Neste organograma pais e professores trabalhavam juntos, e de acordo com os conselhos, os pais participavam da seguinte forma: no conselho administrativo eram 5 pais e 4 professores e no conselho fiscal eram 3 pais que participavam. Neste período praticamente a administração da escola era feita pelos pais, que faziam a compra do material escolar, contrato de professores, mensalidade, pagamento, dentre outras coisas. Mas a decisão sobre o valor da mensalidade, salário dos professores e outros detalhes eram decididos de forma conjunta nas assembléias realizadas na escola.

Neste processo de decisão conjunta e devido a uma postura influenciada pelo período pós ditadura militar, as pessoas evitavam o modelo de administração empresarial e centrada em um chefe ou dirigente que tomasse as decisões de forma autoritária. Então, a figura do diretor da escola, necessário devido à determinadas tarefas como: assinar documentos e responder por algumas obrigações frente documentos legais devido à formalização e registro da escola, no dia à dia, trabalhando junto à outras pessoas que eram da associação, respondia por poucas decisões, devido à gestão descentrada, que através das assembléias consultava-se todas as pessoas que participavam e assim votavam. De acordo com a atual diretora da escola que vivenciou este momento, nesta fase faltava uma definição mais clara dos papéis. Além disso, na

rejeição ao autoritarismo embutia-se uma incompreensão sobre o papel da autoridade, uma negação radical de qualquer autoridade. O trabalho de cada um ficava truncado pelo medo de tomar decisões e não contar com o apoio da maioria, medo de parecer autoritário. E de acordo com as falas de uma professora e uma mãe:

“Eu por exemplo, fui orientadora, administradora, e não tenho a parte de orientação escolar e nem de Pedagogia, eu tenho formação superior, mas não ligado à área. Eu nunca fui diretora da escola porque não posso assinar pela escola. Mas eu posso ser secretária, posso fazer todo o serviço da administração só que não era diretora.”

(entrevista no. 11 – professora fundadora da Escola Curumim)

“Mas a gente estava sempre discutindo salário, horas de trabalho, isso era discutido com todo mundo para as pessoas não saírem perdendo. Havia um acordo com a média, (...)diretor era uma coisa sempre discutida em conjunto, desde da forma de pagamento de professores”

(entrevista no. 3- mãe fundadora da Escola Curumim)

Dentro desta forma de organização da escola, como era trabalhar em uma gestão democrática? Os pais influenciavam no trabalho pedagógico? Como era essa participação? Exerciam alguma forma de poder ?

De acordo com os espaços criados por este grupo de pessoas que acabara de fundar a escola, além das reuniões com a turma do filho, mutirões, todos os pais eram chamados à participar das assembléias, para discutir, dar sua opinião sobre as transformações que estavam ocorrendo na escola, votar e decidir todos os detalhes do dia a dia.

Então as assembléias representavam um canal de expressão, onde era livre e democrática a participação de todos. Fora estes momentos, os pais não participavam, cada turma tinha um professor responsável que discutia algumas coisas com o orientador pedagógico. As sugestões de pais eram encaminhadas da seguinte forma: os pais conversavam, colocavam sugestões, mudanças, desenvolvimento de uma atividade diretamente com o professor da turma, este encaminhava para os orientadores que reuniam semanalmente, e se a proposta estivesse dentro do trabalho desenvolvido pela escola, era encaminhado para ser discutido nas assembléias, caso contrário o próprio professor conversava com os pais dando um retorno sobre a sua proposta, deixando claro os pontos desenvolvidos pela escola. Desta forma, percebe-se que havia um limite e respeito entre os papéis nesta relação, pois os pais não poderiam chegar na escola

querendo mudar tudo o que segundo a sua opinião era bom, nem modificar totalmente o trabalho do professor. Mas com o cotidiano esses limites foram se perdendo, principalmente trabalhando em uma estrutura e momento que as pessoas evitavam modelos, procuravam soluções alternativas e não tinham muito claro o que seria esse “novo”.

"Então foi uma coisa que misturava muito a política, e ao mesmo tempo todos tinham uma coisa da geração que viveu 68 ou pós 68, de mudar as estruturas, os costumes, de dizer não a muita opressão, então tinha uma oposição muito forte em relação à educação, com uma visão de educação bem libertária.(...)e os pais que eu conheci estavam ali no meio, e eles queriam aquela liberdade total, a coisa do laissez- faire mesmo, então era uma mistura muito grande de pontos de vista.(...) Mas no “caldeirão” era uma oposição a uma autoridade que estava impedindo que as coisas aflorassem, tinha muita coisa, muita idéia, muita oposição, tanto que essas divergências chegaram a um ponto que as pessoas começaram a sair. Não havia entre os pais uma clareza quanto a esse processo."

(entrevista no. 3- mãe fundadora da Escola Curumim)

A participação dos pais através de sugestões era sempre bem vinda, pois a proposta pedagógica da escola foi se construindo à partir de leituras, discussões, sugestões, então era um movimento entre teoria e prática. Assim o corpo docente com a troca de informações, sobre experiências que os pais tinham em casa e cobranças auxiliaram no aprimoramento do trabalho pedagógico da escola, delimitando, esclarecendo, estruturando a proposta pedagógica que era nova, pois não havia nada pronto.

Os pais cobravam muito dos professores principalmente porque tinham a idéia de que as professoras tinham resposta para tudo, por qualquer dúvida e problemas no modo de educar os filhos. E as cobranças ocorriam da seguinte forma:

"Tinha muita cobrança, as professoras eram umas fadas, tinham um saco para agüentar as cobranças das mães, tinha muita liberdade, o meu filho era da turma da pesada, eram meninos muito grande, então brigavam demais. Acho que era muita liberdade, era demais."

(entrevista no.4- mãe fundadora da Escola Curumim)

"Muitas vezes eu me deparei com pais que achavam que a escola tinha a receita mágica. Então quando a criança não comia “ah o que eu faço ?”, a gente meio que fazia o papel de educadora dos pais, muitos pais chegavam perguntando como que eles falam com os filhos sobre religião. Era uma coisa mais dependente. Eles achavam que a gente ia solucionar todos os problemas. São duas facetas da educação, uma parte é o trabalho da

escola, de estar desenvolvendo a parte social, e a família a parte interna da criança, a casa.”

(entrevista no.11- professora fundadora da Escola Curumim)

Isto para alguns pais gerou um certo desconforto em um ambiente pelo qual todos opinavam e os limites não eram muito claros nesta organização. A cobrança ocorria tanto dos pais em relação aos professores quanto dos professores em relação aos pais. Mas que contribuía para o desenvolvimento da escola, era uma cobrança necessária, vista nos seguintes momentos:

“Tinha uma cobrança sim, mas dentro de uma perspectiva de estar construindo juntos uma coisa, não me lembro da cobrança de algum serviço, se está bom ou não está, mas uma cobrança de quem está em um processo, “conserta aqui, ali”, que está tentando aprimorar para as coisas funcionarem. Mas pais que cobravam de outros pais, ou de professores cobrando de outros professores, “ah você está lendo menos, não está desenvolvendo”, então era uma cobrança necessária.”

(entrevista no. 3- mãe fundadora da Escola Curumim)

Os professores na prática, no dia a dia, conhecimento mais aprofundado da Pedagogia e execução de alguma atividade, como até hoje, existe a necessidade de justificar, demonstrar o significado e importância, a razão da realização coerente com os objetivos da proposta pedagógica, não fazem algo porque é diferente ou “bonitinho”.

Além disso, os pais muitas vezes cobravam coisas do professor além das suas possibilidades, desta forma os próprios professores não sabiam como agir, o que responder, pois os pais não tinham conhecimentos pedagógicos, como os professores não conheciam outras áreas do conhecimento:

“Eu lembro uma vez que fiz um passeio com as crianças, a gente andava muito pelo Guará, era época de muito calor, e a gente andava perto de algumas lagoas, e algumas crianças entraram na lagoa porque estava muito quente e eu tive problemas porque a mãe de um aluno era da biologia (Unicamp) e ficou muito preocupada, pegou a água para ver se estava infectada porque a gente não sabia. Graças à Deus não tinha nada, eu fiquei muito mal, mas depois lembro que ela tirou as crianças da escola. Eles cobravam as coisas nesse nível e a gente não tinha ação para tudo. Eu me lembro que essa mulher ameaçou de fechar a escola se tivesse algum problema, e aí você fica mal, porque devido a um passeio que você fez vão fechar a escola.”

(entrevista no.11- professora fundadora da Escola Curumim)

Para construção da escola, tanto a parte pedagógica como física era preciso trabalhar muito, dedicar e estar presente em momentos como os mutirões e as assembleias. Por ser um momento que pais e professores decidiam tudo o número de assembleias e duração destas eram numerosas e extensas, geralmente adentravam a madrugada, não existindo um horário ou limite para terminar, e alguns professores no seu trabalho, compromisso em cumprir horários, as assembleias além de se tornarem cansativas no dia posterior tinham compromissos com as crianças:

"As assembleias cansavam porque você saía 3 horas da manhã e no dia seguinte ia para escola cedo e tinha que chegar linda e sorridente para receber as crianças e trabalhar com eles. Depois a gente pediu para diminuir essa carga que era desgastante. E nas assembleias discutia tudo, por isso que demorava muito."

(entrevista no. 2 - professora fundadora da Escola Curumim)

Como foi visto neste trabalho, no capítulo sobre a participação, em Melo e Silva (1991) sobre as características de um sistema de ensino, tais como: *"Autonomia para escolher as estratégias de trabalho; Elaboração do plano de trabalho e administração da equipe escolar, determinando: organização do ano escolar e da jornada de trabalho; ordenamento de conteúdos; seleção de materiais didáticos; formas de integração do currículo; capacitação de pessoal em serviço; admissão ou dispensa de pessoal observados os direitos trabalhistas dos profissionais; de avaliação externa."*¹²

Em uma escola que não existia um trabalho pronto e a adaptação era feita à partir do seu funcionamento e experiências que iam adquirindo junto ao crescimento do número de alunos e exigências do cotidiano. Mesmo em um ambiente harmonioso, de amizade, camaradagem entre as pessoas, por ser uma escola administrada por pais e professores que eram amigos. Com o passar do tempo, o cotidiano e crescimento da escola foram exigindo mudanças, necessidades que de acordo com aquela forma de administração seria impossível a escola continuar em funcionamento.

De acordo com a organização administrativa da escola era preciso consultar todos para decidir alguma mudança, desta forma faltava autonomia para os professores. E para muitos pais isto gerou um desconforto também, porque não tinham tempo para estar

na escola com maior frequência como era preciso para realização do trabalho do professor.

“só que no dia a dia, tem lá uma torneira pingando, você precisa esperar a reunião de conselho para resolver quanto dinheiro tinha para resolver, quem iria chamar para consertar e começa a inviabilizar. Na parte pedagógica acontecia o mesmo, no dia à dia como você ia trabalhar isso, então tinha que esperar uma reunião para discutir, então isso dava umas travadas na escola, era uma participação que não era cotidiana, não estava lá na mão para na hora que a gente precisasse. Isso gerou alguns conflitos porque a gente precisava de agilidade. Foi quando os pais decidiram “olha essa parte pedagógica tem que ser dos professores, *‘tem que ser gente da área’*.”

(entrevista no.11- professora fundadora da Escola Curumim)

Todos que faziam parte da Associação votavam, no caso do casal de pais, era contado um voto, assim o marido e a mulher decidiam o que queriam, muitas vezes este fato terminou em brigas, pois não concordavam com um mesmo ponto de vista. E de acordo com a atual diretora da Curumim o peso do voto dos pais era muito grande, dividindo o grupo de professores que por um lado buscavam o apoio nos grupos de pais e por outro almejava-se uma independência em relação a eles, pois os pais não eram profissionalmente ligados àqueles problemas e seus argumentos não tinham amadurecimento nem na prática pedagógica, nem na teoria. Segundo Demo o voto é um dos instrumentos mais usados de poder, “*é um controle fortemente relativo.(...) a maneira de chamar o povo a expressar-se sobre seus mandantes dentro de claros limites*”(DEMO, 1988, pág. 74).

“a maioria se interessava, nós tínhamos reuniões, assembléias, discutíamos desde o programa o que iria ser feito, era tudo muito aberto, muito discutido. As professoras tinham uma formação muito boa, então não era muito fácil, porque elas tinham muitos argumentos, mas tinham outras pessoas da área de humanas que tinham uns bate bocas muito grande. Mas se chegava a um consenso, se achava que era isso ficava assim”

(entrevista no.4, mãe fundadora da Escola Curumim)

¹² Mello e Silva, 1991. cit. In: MINGUILI, Maria da Glória. *A Gestão da Escola Pública no Estado de São Paulo: da Intenção à Obra*. Campinas, SP: Faculdade de Educação da UNICAMP. 1995.(Tese, Doutorado). p. 110.

Devido ao fato da escola não ter capital para investir na construção e pelo próprio desejo de estar participando no processo de construção da escola, a cooperação foi algo que não era muito clara, muitos trabalhos eram feitos por eles mesmo, procuravam não contratar muitos funcionários e alguns dos móveis que a escola adquiriu foi fruto de doações de pais e professores. Mas por outro lado, o que era a cooperação no dia a dia? Esta exigia dedicação, presença em todos os mutirões, mudança de atitude, de hábitos, que nem todos entendiam ao certo o que era cooperação, vivendo em uma sociedade autoritária e repressiva. Assim, no decorrer dos encontros, foram gerando cobranças, porque todos deveriam estar na escola, e nem todas as pessoas participavam da mesma forma.

Muitos se empenhavam, trabalhavam por desejo e necessidade de construir algo próprio, esta motivação era impulsionada por um ideal coletivo, um projeto de vida, que permitia um retorno pessoal, da realização, uma educação mais livre e feliz para os filhos.

A questão financeira sempre representou um problema, principalmente porque a escola sempre teve poucos alunos, devido à pedagogia que exigia turmas pequenas e porque a escola ainda era nova, tinha um projeto pedagógico, seguia uma linha de pensamento que para algumas pessoas não era bem vista:

"Então a gente tinha uma preocupação muito grande em deixar que a criança descobrisse por ela. Nos passeios, a gente andava muito pela Guará, muito contato com a natureza, muito solto, eu acho até que a Curumim tem uma crítica que não é cabível e as pessoas condenam o trabalho da Curumim por conta de uma liberdade muito grande. Na verdade era uma liberdade que tinha uma atenção, não era uma coisa libertina."

(entrevista no. 2- professora fundadora da Escola Curumim)

E como a associação não tinha fins lucrativos, as pessoas que trabalhavam nela, que faziam parte da associação (presidente, vice-presidente, tesoureiro, contador, dentre outras funções) não recebiam pelo tempo que trabalhavam na escola, e todo o dinheiro que entrava por meio de mensalidades, saía em forma de pagamento das pessoas contratadas (professores, funcionários), e manutenção da escola. A escola chegou a passar por momentos difíceis, pois os professores muitas vezes deixavam de receber o salário para manter a escola, abdicaram de benefícios trabalhistas, tinham direitos a

serem dados e que segundo aquela estruturação radical que a escola adotava acabavam por não exercer, todos contribuíaam de acordo com as suas possibilidades financeiras.

Assim para alguns professores a escola era o quintal de casa, pois passavam todos os dias da semana trabalhando na escola e no final de semana tinha mutirão. As pessoas que trabalhavam tinham muita disposição, motivação. Na administração não se contratava nenhum profissional específico, cada pai ajudava da forma de era possível segundo as suas habilidades, por esta razão podemos dizer que a administração era feita de modo "caseiro", não tinham ou seguiam modelos, procuravam evitar administrar a escola como se fosse uma empresa.

" No começo a gente recusava em ver a escola como uma empresa, depois a gente começou a ver que alguns pontos tinha que ter essa visão se não ela não ia para frente."

(entrevista no. 11. - professor fundador da Escola Curumim)
Então foi um movimento duplo, a princípio se negava tudo o que se referisse à repressão e fosse tradicional, descobrindo formas alternativas de se viver, crescer. Mais tarde à partir da experiência, vivência e entendimento sobre essas mudanças que influenciavam no modo de vida, aos poucos as pessoas que estavam envolvidas na construção da escola perceberam que os limites eram necessários, pois caso contrário seria impossível que a escola funcionasse da forma como deveria.

A princípio todos os pais participavam porque de acordo com os motivos da fundação da escola, eram pais e professores que tomaram a iniciativa em fundar uma escola, era um desejo diante da situação e experiência anterior à Curumim que motivou à conquista deste espaço. Mais tarde, surgiram outros pais que não participaram deste processo e gradativamente os pais que iam conhecendo a escola porque desejavam colocar seus filhos, não tinham mais a mesma motivação e vivência que os pais fundadores, então foram olhando a escola com uma visão clientelista. Alguns pais só queriam colocar o filho em uma escola que a criança pudesse brincar, ter mais liberdade e espaço. Outros pais tinham uma formação acadêmica mais próxima e específica ao que era realizado na escola, então discutiam, argumentavam, se preocupavam com a pedagogia que a escola estava desenvolvendo. As pessoas tinham diversos interesses e

na medida que a sociedade foi se abrindo, criando canais de expressão as assembleias foram esvaziando.

Se por um lado havia muita confusão e os limites não eram claros sobre o que foi fundar uma escola, a dimensão que aquilo tomaria, para as crianças esta proximidade entre escola e casa, aprender em um ambiente que não se parecia com uma escola e ter os pais acompanhando as atividades escolares de perto, fortaleceu os vínculos na relação entre as pessoas. Além de participar nas Assembleias, reuniões, no cotidiano a escola desenvolvia algumas práticas que procuravam aproximar o ambiente escolar do familiar, isto fortalecia o conhecimento, relacionamento afetivo entre pais e professores. No período inicial da escola as crianças faziam passeios na vizinhança, entravam no lago, brincavam na terra e às vezes os professores marcavam com algum pai um dia para a turma do filho passar um dia para conhecer a sua casa. A relação casa e escola era muito próxima, os pais estavam na escola em muitos momentos e um deles era o lanche coletivo:

“Tinham até lanches comunitários em cada dia da semana uma criança levava lanche para todo mundo, até em festa de aniversário. Era desde a alimentação até as atividades. As crianças andavam pelo Guará, iam na minha casa, ficavam a tarde lá.”

(entrevista no. 4- mãe fundadora da Escola Curumim)

No trabalho de muitas professoras na Escola Curumim, neste período inicial, incluía a necessidade de se fazer relatórios sobre o desenvolvimento de cada aluno, e de acordo com uma professora entrevistada, havia o costume de visitar cada família e conversar sobre a criança. Ou quando entrava uma criança nova na escola, as professoras também tinham essa prática:

"A gente fazia relatórios individuais e de grupo e a gente ia na casa das pessoas para entregar e conversar, e eles(pais) podiam opinar e falar a qualquer momento. (...) a gente visitava muito as casas, com o grupo todo a gente ia muito visitar a família, como individualmente., a gente se visitava, eles vinham em casa, as crianças vinham na minha casa.(...)Às vezes o lanche era feito na casa da criança. A relação era mais caseira.(...)Quando uma criança nova entrava, a gente sempre ia na casa dela, ia almoçar para aproximar mais mesmo, conhecer o cotidiano delas , isso ajudava na adaptação da criança, de levar o grupo na casa de uma criança nova que acabava de entrar para ela

receber e a gente fazer o trabalho de socialização mesmo, tinha muito essa coisa do social. A gente ia e as crianças sabiam. "

(entrevista no. 2 - professora fundadora da Escola Curumim)

Assim no período inicial da escola, as crianças ganhavam muito nesta relação de amizade, proximidade entre professor e pais. Brincavam muito, andavam descalços e voltavam para casa com a roupa suja, por trás desta prática estava a liberdade da criança em brincar, aproveitar as atividades até ficarem cansados, não usavam uniformes, estavam em contato com atividades que para professores que trabalhavam em uma escola tradicional era inadmissível. É algo que para outros pais que não conhecem a proposta pedagógica de escolas "alternativas", não compreendem, pois para estas pessoas, a escola significa lugar de estudo, onde as crianças ficam quietas, não se movem, não transpiram, e não é local de prazer, brincadeiras, experiências e descobertas. Na fala de uma mãe que atualmente tem os filhos nesta escola, ver os filhos sujos é sinal que a criança aproveitou o dia, estava à vontade, se envolveram na atividade desenvolvida pela escola, mas para outras pessoas que tem outra mentalidade, a reação é contrária:

"Era muito natural, solto, as crianças brincavam muito, meu filho sempre chegava sujo em casa, as crianças eram livres. "

(entrevista no. 4- mãe fundadora da Escola Curumim)

"Quando os meus filhos eram menores e chegavam em casa com a roupa toda suja de terra, os vizinhos sempre olhavam e assustavam diziam que nunca iriam colocar o filho deles na mesma escola, porque eles sempre saíam sujos."

(entrevista no. 8 – mãe de aluno que estuda na Escola Curumim)

Renato Revah em seu trabalho desenvolvido com escolas "alternativas" de São Paulo fala sobre essa questão do vestuário e práticas pedagógicas, segundo o seu entendimento além do visual característico das crianças em sair com roupas sujas, " *para o adulto era importante que isso acontecesse. Além de indicar que a criança havia brincado à vontade, fazia parte de algo mais geral, ligado às críticas que essas educadoras, e também os pais, dirigiam as pré – escolas da época.*" (REVAH, 1994, p. 57)

No período inicial de fundação da escola, quando pais e professores estavam trabalhando juntos, tinha um ambiente e relação mais cooperativa entre as pessoas, a presença era maior, principalmente nos momentos de mutirão. Por trás desta prática, que eram realizados para construir espaço, arrecadar recursos porque a escola sempre apresentou dificuldades financeiras, os adultos tinham a intenção de mostrar às crianças que na vida nada é dado pronto, construído, as pessoas precisam trabalhar lutar pelo o que acreditam que é possível realizar. Desta forma a escola era vista pelas crianças como um local que os pais estavam juntos fazendo algo, mostrando o seu interesse, vivendo a educação do filho, o que proporcionou:

“As crianças viam a escola como um lugar descontraído, desafiador, assim de um modo geral, a criança se sentia muito à vontade, tem respostas, era uma criança mais centrada, tinha muito respeito pela individualidade. A presença dos pais na escola era de passar a idéia para os filhos que as coisas são construídas, que não são dadas prontas.”

(entrevista no. 3- mãe fundadora da Escola Curumim)

Desta forma, as pessoas que estavam reunidas criaram laços muito fortes, pois tudo era profundo e intenso. Exigia a participação de todos que estavam na escola por prazer e paixão:

“A gente fazia de tudo, acho que a gente trabalhava demais, era uma escola nova precisava dessa participação, e a gente tinha o maior pique também. A gente acreditava no projeto, na proposta da escola. E as pessoas que passaram pela Curumim e que eu conheço até hoje tinham muita paixão do trabalho da escola.”

(entrevista no. 2 – professora fundadora da Escola Curumim)

Da mesma forma como os professores criaram esse vínculo e permanecem amigas até hoje, o mesmo ocorreu com alguns alunos, esse contato humano, caloroso, uma infância feliz, apesar de cada um estar estudando em lugares diferentes e distantes, a amizade permaneceu e o que é importante, na memória de algumas crianças que hoje já possuem os seus 19, 20 anos ainda conseguem lembrar de alguns momentos que vivenciaram na escola quando tinham 4 anos de idade.

“Acho que foi uma época muito boa para o Chico porque até hoje ele lembra claramente de coisas que aconteceram na escola quando ele tinha 4 anos de idade, e que foram

significativas. E as minhas amizades de hoje são as pessoas que eu conheci naquela época e ficou uma coisa forte, bom.”

(Entrevista no. 4- mãe fundadora da Escola Curumim)

“É interessante que hoje depois de 18 anos que eu encontro os meus ex alunos eu tenho depoimentos muito bonitos. As crianças que passaram pela Curumim naquela época, nunca mais esqueceram como um lugar maravilhoso, gostoso. E eles se deram muito bem pedagogicamente falando, foi um curso rico.(...) Quando eu trabalhava lá, eu falava “ah! como eu queria ter estudado lá”. Então eu via aquela molecada gritando, correndo, rindo, as crianças tinham prazer. ”

(entrevista no. 2- professora fundadora da Escola Curumim)

Então as crianças tinham espaço para estarem brincando na escola, que não tinha o aspecto de uma escola, pois era uma chácara que foi adaptada, a escola era a continuidade da casa, como se fosse o quintal, e a professora não era uma pessoa estranha, mas era amiga, que estava na sua casa, na escola. O clima era muito saudável e todos sentiam à vontade.

Atualmente a realidade é outra, os pais estão na escola como clientes, e a escola é administrada pela SEPCEM¹³ que é responsável pelo pagamento dos funcionários, preço das mensalidades, dentre outras atribuições administrativas e pedagógicas. Os pais não interferem nas decisões da escola, participando somente dos momentos como: reunião e festas. Quem mais participa são algumas mães que por não conseguirem dedicar à uma carreira integralmente, dedicam seu tempo ocupando em atividades que auxiliam a educação dos filhos. Os maridos comparecem nas reuniões e festas um pouco menos.

Este quadro modificou no decorrer dos anos, pois no período de fundação, maridos e esposas participavam nas assembléias, reuniões, mutirões .

Atualmente muitos pais não participam como a escola espera, segundo a opinião de muitos professores isto se dá devido à falta de tempo e desconhecimento da proposta pedagógica. Muitos pais mesmo conhecendo um pouco do trabalho dos filhos na escola, e ter optado esta instituição, de um modo geral, pelo espaço e proposta pedagógica diferenciada, possuem vícios da escola tradicional, pois por mais que estejam com problemas não percebem que através do diálogo podem resolver os problemas, o mesmo se dá em relação à participação.

¹³ SEPCEM (Sociedade de Educação, Pesquisa e Cultura da Escola Moderna).

“Na reunião pedagógica trimestral é comum ter pai que encontra com você todos os dias, não fala nada, não pergunta, apenas diz oi, mas na reunião vem com uma lista de coisas para falar, então na minha cabeça esse pai ainda não entendeu a proposta da escola, nesse sentido, ele não parou para avaliar quais são as nossas relações aqui dentro. Então é comum você achar que vai ter uma reunião tranquila porque fala todos os dias com os pais na porta da sala, ou quando o problema já foi solucionado ali naquela hora, e chega na reunião a gente encontra pai que faz reclamação em agosto algo que ocorreu em junho, aí não dá mais para resolver, deveria ser dito na época, agora não dá mais. (...) Outra questão é o pagamento da mensalidade, porque o pai está com a mensalidade atrasada ele acha que a gente vai tratar o filho diferente, e quando chega a reunião tudo o que a gente fala ele critica.”

(entrevista no.7- professora do maternal da Escola Curumim)

A questão da falta de tempo de muitas famílias, que é algo muito comum hoje em dia, todos colaboraram como podem, ou como se interessam e entendem ser o seu papel, pois a participação envolve interesse, consciência, mudança de atitude e envolvimento em querer trabalhar e lutar para que o que idealizaram dê certo. Se basearmos na fala e intenção de muitos pais sobre o seu interesse na educação dos filhos, a maioria se diz interessado, no entanto o quadro que se apresenta referente ao número de pais que vão atrás das atividades que auxiliam a escola, e que estão presentes com frequência, representa uma parte mínima do que se esperava.

“Infelizmente você vê algumas pessoas que aparentemente na hora de conversar estão pensando a mesma coisa, mas na hora de agir é meio diferente. Isso é uma coisa complicada, mas mesmo assim se você tivesse mais contato e conversasse mais ou hora dessas cai a ficha.”

(entrevista no. 8 – mãe de aluno da Escola Curumim)

A educação, o fato do seu filho aprender algo para alguns pais é responsabilidade da escola, para outros é complemento entre família e escola. O envolvimento na participação varia de acordo com a personalidade e mentalidade dos pais no entendimento sobre o que é ser pai e qual o seu papel, que é socialmente transmitido e depende da formação que adquiriu a partir de experiências e vivências familiares.

De um modo geral, os pais que passaram pelo período pós ditadura militar tinham uma preocupação e necessidade muito grande em participar, propiciar uma educação que não reprimisse a criança, valorizando a livre expressão e individualidade, assim tanto na escola como em casa cada atitude, o detalhe, exemplos, eram importantes. Não que hoje

os pais não têm essa preocupação, mas não tem esse envolvimento, a escola presta serviços e é um lugar de aprendizagem. A participação dos pais na escola é entendida como ato voluntário, espontâneo.

Como foi visto no capítulo 1 da relação entre Família e Escola, de um modo geral, neste final de milênio a escola possui a função de formar alunos para ingresso no mercado de trabalho, pois possibilita uma vida digna que são vistas como decorrentes da trajetória escolar, tais como: maiores e melhores qualificações, cursos de especialização e posturas como: saber trabalhar em grupo, ser dinâmico, ter conhecimento em outras áreas, dominar outras línguas, tecnologias, conhecimentos culturais, e outros motivos que são colocados para a escola formar segundo um perfil exigido pela sociedade. Principalmente vivendo em um país que a oferta, e número de empregos representa a maior dificuldade para muitas pessoas que precisam trabalhar e gradativamente é comum práticas como: aperfeiçoamento, investimento na profissão, exigindo desde cedo uma educação que permita viver em condições adequadas.

Assim, o envolvimento da família em participar da educação dos filhos, como participa e em que situações está presente, depende da visão que cada um possui sobre o que é ser indivíduo, para que e por que está na escola.

Atualmente a escola conta com uma estrutura mais complexa, mas permanece com a mesma filosofia. O número reduzido de alunos representa proporciona desenvolver uma relação mais humana e próxima entre as pessoas, valorizando o respeito à pessoa e à individualidade de cada um. Assim todos se conhecem, desde funcionários, professores, pais e alunos. Esse contato com o outro e relação mais próxima e humana permite ao aluno não ser conhecido como um dentre vários outros, mas que tem a sua história de vida e é um ser único, como é visto no seguinte depoimento:

“Aqui na Curumim todo mundo conhece todo mundo, porque é uma escola pequena, e eu acho que é assim, todo mundo tem que ter respeito por todo mundo. Os funcionários todo mundo sabe os nomes, cumprimenta. Às vezes a gente até se encontra fora da escola, em outros lugares, não que a gente combina, assim sem querer. É até legal porque a gente conversa.”

(entrevista no. 13- aluna da 7ª série da Escola Curumim)

Do depoimento de uma professora sobre a adaptação de alunos que estudaram na Curumim e foram para outras escolas é de que:

“Das crianças que saem daqui o depoimento que elas têm não é com o conteúdo, mas com a relação social, porque lá é muito mais fria, mais distante, mais longe, as pessoas tem uma relação com eles muito mais objetiva, então a relação não tem um vínculo afetivo. E também pela proposta de trabalho(da Curumim), a relação é mais forte.”

(entrevista no. 6 – professora da Escola Curumim)

O conhecimento, relação de amizade entre pais e funcionários permite ao aluno entender que é amado, que está apoiado, pois tanto a família, funcionários estão compartilhando o mesmo lugar e experiências em comum. Sobre a importância dos pais na escola e relacionamento com os outros pais, uma aluna fala que :

“eles participam no que a gente está aprendendo. É legal ver o que a gente está aprendendo , o que está acontecendo, é legal saber que você não é uma jogada, que seus pais ligam para você.(...) os meus pais importam com o que está acontecendo comigo.(...)Eu acho legal porque eles conhecem a gente desde pequeno, e quando eu vou na casa, por exemplo, da M.C., como eu não gosto de leite, a mãe dela fala para avisar um dia antes para ela comprar suco.”

(entrevista no. 13- aluna da 7ª série da Escola Curumim)

Neste contexto, a escola para muitos pais, apesar da pouca participação, segundo professoras que atualmente lecionam nesta escola, os pais são interessados, mas ao modo de cada um, propondo oficinas quando a escola realiza um dia de integração entre os pais, alunos, professores e funcionários, arrumando a decoração da escola quando acontece algum tipo de comemoração, ou seja, coisas pequenas e possíveis segundo a disposição das famílias que têm os filhos estudando na escola. Nas reuniões e palestras, os pais compartilham muitas dúvidas e inseguranças com outros pais, professores e palestrante, tornando este espaço um debate, pois:

“Os pais trocam idéias, dizem como fizeram com tal situação, e o outro diz a tá eu não tinha pensado nisso, vou tentar. Então fica mais tranquilo, até para falar sobre o assunto, pois enquanto não se fala fica a dúvida, será que só eu estou passando por isso, será que é só nesta escola. Com os pais percebem que não é só ele que está passando por algum problema, desaparece o medo, vergonha e receio de dizer, ou o que as pessoas vão achar,

e cada pai tem um jeito de lidar com um assunto, então eles recebem dicas de como agir, que atitude tomar na questão dos limites e outros assuntos.”

(entrevista no. 6 – professora da Escola Curumim)

O fato de estar presenciando de perto e vivendo a educação dos filhos, buscando explicações e saídas para alguns conflitos, o fato em si é sinal de interesse e afeto. Pelo fato dos pais se importarem, interessarem, buscarem formas para resolverem problemas, respeitando os sentimentos, conflitos e dúvidas, junto ao trabalho pedagógico desenvolvido pela escola, gera transformações nos valores, formas de abordar determinado assunto e mudança de postura. Educar neste sentido, exige dos pais flexibilidade, paciência, aprendizagem, de acreditar em algo, investir e ver acontecer.

“Eu acho que a gente(mães) só vai chegar a essa conclusão quando as crianças aprenderem a trabalhar em grupo, a serem conscientes do seu papel, quando elas(mães) tiverem isso acho que vão cobrar coisas diferentes, preocupar de maneiras diferentes em relação aos filhos delas na escola. É até engraçado porque esses dias o meu filho, nessa fase eu não quero fazer isso, não quero fazer aquilo, é engraçado porque ele estava falando que quando tivesse filhos ia dar uma série de coisas, que são coisas que eu dou para ele, ele diz “ *eu vou comprar um monte de livros legais*”, “*eu vou fazer isso, aquilo*”. Eu fiquei bem quieta, e vi que é bem isso aí.”

(entrevista no. 8- mãe de aluno da Escola Curumim)

Na escola, a participação dos pais nas festas, cursos, busca de informação sobre a solução de algum problema permite desenvolver uma relação mais próxima, da criança sentir segura, apoiada e querida. Além da interação entre as crianças, os pais também acabam criando vínculos, relação de amizade com as pessoas que freqüentam a escola, pais e mães de outros alunos.

Conhecer o cotidiano, a história de vida de cada um se torna uma contribuição no sentido de saber respeitar o outro pelo o que ele é, pelos seus limites e personalidade. As crianças se sentem muito à vontade, livre para poder expressar os seus sentimentos, soltar a sua criatividade, confiar, acreditar e realizar um trabalho com prazer, com auto estima se sentindo valorizada pelo o que é, sem o medo de ser criticada, reprovada.

O fato das crianças terem prazer em ir à escola, é outro fator que auxilia na aprendizagem, o significado que a escola tem para a criança, que a motiva a ir à escola não por obrigação, mas como local que ele aprenderá e desenvolverá coisas interessantes, e acima de tudo faz por prazer:

"Desde pequeno era aquela coisa de acordar alegre porque ia para escola, então eu acho que é muito importante, é uma evidência de que a coisa está dando certo, da criança fazer aquilo com prazer. Ele era relativamente retraído no início, era mais quietinho tal, então aquela coisa de gostar de fazer aquilo. O que me chamou atenção foi a questão do espaço e dele ter se sentido bem no começo, mas eu acho que tem haver com a característica pessoal de cada um."

(entrevista no. 8 mãe de aluno da Escola Curumim)

Em um dos momentos observados na Escola Curumim, a escola realizava a Festa da Primavera, então os pais, avós, tios vão à escola para ver os trabalhos desenvolvidos pelos alunos na escola e assistir apresentações. Assim é neste momento que as crianças, na própria sala de aula, mostram aos pais todos os trabalhos que foram realizados na escola por eles, explicando todos os detalhes, processo de construção de cada trabalho, e acima de tudo felizes, ansiosos pelo o que produziram. O fato do pai estar na escola escutando o filho, filmando algum trabalho, tirando fotos, tomando contato com a produção e trabalho na escola permite à criança sentir apoiada, assistida, orgulhosa pelo seu empenho e força de vontade.

A integração não ocorre somente com as crianças, mas com os próprios pais, pois de acordo com um dos momentos observados, em especial o dia da Integração, realizada no início deste ano, pais e crianças brincavam com corda, arte circense, jogos. Assim todos estavam juntos envolvidos nas atividades que ocorriam na quadra esportiva da escola. Nesta muitos adultos se arriscavam em praticar atividades que não faziam à muito tempo, como pular corda, jogar dados, andar com pernas de pau, e às vezes justificavam para outras pessoas dizendo, "*agora estou um pouco enferrujado, mas estou melhorando*", se envolvendo de tal forma, que esqueciam dos problemas do trabalho, ou do próprio filho que necessitava de algum tipo de ajuda do pai.

Em outro espaço, neste mesmo dia, era proposto por alguns pais o oferecimento de oficinas, tais como: danças calientes, automassagem, e dança sagrada, estas oficinas eram oferecidas pelos pais segundo o que a sua profissão poderiam proporcionar, desta forma desenvolveram uma oficina destinada uma parte para os alunos e outra para os pais. A participação nesta atividade proporcionou um entre os pais um momento de prazer, diversão, lembrando o tempo de infância. Algumas mães nem se conheciam e através deste tipo de atividade acabavam se aproximando de outras mães, fortalecendo o contato

e às vezes desenvolvendo amizades novas. De acordo com uma mãe que participou da Curumim na fase inicial:

“tem uma fase na vida da gente que ficamos amigos dos pais dos amigos dos filhos da gente, é uma coisa natural, era mãe do Breno, mãe do Camilo, mãe de não sei quem, que ficavam juntas, conversavam , juntava todo mundo.”

(entrevista no. 4 – mãe fundadora da Escola Curumim)

A participação dos pais no espaço escolar trás benefícios tanto para as crianças, como para os pais, essa proximidade proporciona a ambas experiências calorosas, principalmente de amizade, respeito e proteção. Para isso é necessário que estejam juntos, compartilhando as mesmas experiências, situações, disposto à participar, à cooperar. Pois *“é com o trabalho cooperativo, no qual os homens começando à trabalhar em comum para fabricar um ou vários tipos de produtos, que surge a necessidade objetiva de se coordenar as atividades com vistas a um objetivo comum. Em geral, os homens não podem trabalhar em comum se não estão reunidos é a própria condição da cooperação.”*(NASCIMENTO, 1997, p. 100).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

No transcorrer deste trabalho a participação da família foi um assunto que esteve presente devido às dúvidas e inquietações minhas durante o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso (TCC).

Família e Escola durante a minha formação acadêmica, sempre foram vistos como duas instituições educativas que se completam, por isso o contato cotidiano, o diálogo foram elementos presentes na relação de ambas, responsáveis pelo processo educativo da criança.

Mas a dúvida era, como isso se dava no dia à dia, quais as contribuições que as crianças estavam recebendo a partir do envolvimento e interesse tanto dos pais quanto dos professores nesta aproximação? Como os pais participavam? Essa participação era constante?

Após leituras sobre o que a família e escola representam atualmente na sociedade, os seus papéis sociais na educação das crianças, o significado da participação dos pais na escola e a abertura de espaços, o acesso que era dado pela escola, ficou evidente que a participação dos pais, interesse em viver a educação dos filhos trás ganhos para as crianças, no entanto existe limites nesta relação, ou seja, de acordo com os papéis de pais e professores o respeito às diferenças individuais, a confiança dos pais no trabalho pedagógico do professor foram elementos que não permitiam uma instância invadir a outra.

Durante estes anos de existência, desde 1978 fundação da escola até hoje, da Escola Curumim, a participação dos pais foi algo que sempre esteve presente e que amadureceu a partir da vivência, experiência individual e grupal, sofreu influências do contexto e transformações da sociedade e modo de vida.

Entender a participação dos pais, como poderiam participar, quais os encargos e responsabilidades que poderiam assumir, ou seja, os limites desta relação, surgimento de regras, foi algo que pais e professores passaram a descobrir, assim, muitos conflitos, e confusões surgiram já que inicialmente escola e família estavam trabalhando juntos na construção da Escola Curumim.

Desta forma como a participação é vista como um processo de aprendizagem, conquista, a escola passou por várias fases, de acordo com as reformas, mudanças, entradas e saídas de pessoas. De acordo com o meu entendimento, podemos dividir em 3 fases:

A primeira fase da Escola Curumim, foi o período de fundação da escola, desde o ano de fundação 1978 até 1983. Pais e professores a partir da cisão da Escola do Sítio resolveram fundar uma escola que fosse administrada e tivesse uma participação maior de todos no dia à dia, assim a administração da escola foi feita pelos pais e alguns professores, neste período os mutirões e assembléias eram práticas presentes, pois a escola necessitava da colaboração e cooperação de todos, caso contrário a construção seria impossível. A escola foi mantida pela A.E.C(Associação Educacional de Campinas), uma associação sem fins lucrativos, composta por pais e professores trabalhando nos conselhos: administrativo, fiscal e pedagógico. A escola estava localizada no Guará, em Barão Geraldo e predominavam turmas pequenas da pré-escola.

A segunda fase, iniciou em 1984 até 1997, a escola passou a ser mantida por uma associação composta somente por professores, pois a participação dos pais começou a esvaziar devido à abertura de canais de expressão na sociedade, como surgimento de alguns partidos políticos, os pais não tinham muito tempo e alguns conflitos no dia à dia começaram a surgir, os professores precisavam de autonomia e a participação dos pais passou a ser espontânea. Nesta época a escola mudou para uma chácara no bairro Chácara Primavera, na rua Jasmim, permanecendo durante muitos anos.

A terceira fase, de 1998 até hoje, a escola conta com uma estrutura complexa atendendo Educação Infantil e Ensino Fundamental. Mudou de local, instalando-se na rua Santa Maria Rosselo no bairro Mansões Santo Antonio, próximo ao endereço anterior. A associação que foi construída desde o período de fundação foi fechada e fundou-se uma sociedade, a SEPCEM(Sociedade de Educação, Pesquisa e Cultura da Escola Moderna), composta por 8 sócios, que trabalham na escola, nas funções: Coordenação(educação infantil, primário, ginásio), coordenação do pessoal, coordenação das finanças.

Durante estes anos a participação dos pais na escola foi diminuindo, e de modo geral, sempre existiram pais que participavam mais e outros menos, mas se pensarmos

na intensidade desta participação no período da fundação os pais estavam mais envolvidos, pois votavam em assembléias, freqüentavam os mutirões, cortando madeira, plantando árvores, colocando prateleiras. Com a presença dos pais na escola, apesar do clima entre as pessoas ser de muita camaradagem, amizade e harmonia, muitos problemas começaram a surgir, pois os limites entre os papéis foram se perdendo, as pessoas tinham interesses diferentes, segundo algumas entrevistas havia muita discussão e politicagem.

“E houve muito desencontro porque a escola agregava vários tipos de prática e vários anseios , várias pessoas não concordavam muito com alguns procedimentos (...)então a gente sempre tinha alguma coisa para falar, então muita gente queria botar o bedelho mais do que devia, as pessoas tinham pouca tolerância, houve muita confusão ao meu ver, e houve muitas bandeiras, fazia muitas coisas em torno, passou por uma processo que não merecia.”

(entrevista no. 3 mãe fundadora da Escola Curumim)

Por outro lado as crianças ganharam muito nesta fase, apesar de não haver muito limite entre o público e o privado, das mães e pais colocarem na escola muito anseios sobre educação, a escola representou um lugar descontraído, divertido, prazeroso, que as crianças, hoje adolescentes lembram como uma época feliz.

O vínculo de amizade permanece até hoje porque foi um momento intenso, forte e de muita paixão, disposição em participar, viver, interagir de sentir `a vontade em um espaço, que não parecia uma escola por ter muita troca de experiência, aprendizagem, crescimento, tanto em relação às crianças como os pais.

Atualmente, os pais perderam esse espaço referente ao período de fundação, pois naquela estrutura administrativa era impossível que a escola fosse para frente, existiam muitos empecilhos, confusões de papéis, barreiras que travavam o trabalho pedagógico e administrativo da escola.

Os limites entre pais e professores são necessários, apesar de serem responsáveis pela educação da criança, os ambientes casa e escola, possuem naturezas distintas, não podem se misturar, mas conciliar, conviver, compreender os objetivos e papéis de cada um no processo de desenvolvimento da criança.

“Se a gente comparar um casal educando um filho, eles tem que compartilhar o projeto, se não um educa de um jeito o outro educa do outro, o filho não vai entender nada, o nosso compromisso é: por que estamos fazendo, o que estamos fazendo, o que o

profissional faz, compartilhar desse projeto, porque quem vai sair beneficiado desse processo é o aluno, essa é a nossa preocupação”

(entrevista no. 5 - diretora da Escola Curumim)

Segundo Cardoso, *“quanto aos pais, apesar dos problemas estruturais que impedem a maioria deles a participarem do processo escolar de seu filho, é extremamente necessário um contato mais de perto do que se passa na escola onde seu filho estuda. Nesse contato serão estimulados a darem sua colaboração em algumas instâncias do trabalho escolar”*(CARDOSO, 1995, p. 55).

Então dizer que família e escola se complementam, não significa apenas presença mas contato, interesse, compreensão, interação, conhecimento, acompanhamento. Proximidade e relação esta que engloba respeito, confiança e competência, por parte de pais e professores, no contato diário, compreensão clara dos papéis e limites que há entre estas duas instâncias, não que seja um relacionamento frio, mas saber se colocar no papel do outro, compartilhar tanto as dificuldades como os avanços da criança.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. RJ: Guanabara Koogan, 1978.
- BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Bons e maus alunos e suas famílias, vistos pela professora de 1º grau. In: **Cadernos de Pesquisas**, no. 37, SP. Fundação Carlos Chagas, pág. 84-89, maio, 1981.
- BORDENAVE, Juan E. Diàs. **O que é Participação**. SP: Ed. Brasiliense, Coleção primeiros passos, 1983.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. S.P.: Queroz, 1979.
- BRUSCHINI, Cristina. Estrutura Familiar e Trabalho na Grande São Paulo. In: **Cadernos de Pesquisas**, no. 72. SP. Fundação Carlos Chagas, pág. 39-57, fev. 1990.
- CARDOSO, Aparecida. **Gestão Participativa numa Escola Comunitária**. Campinas, SP: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1995. 107p. (Tese, Dissertação de Mestrado).
- CARVALHO, Maria Cecília M. de (org.). **Técnicas de Metodologia Científica. Construindo o Saber**. S.P.: Papyrus, 1988.
- CARVALHO, Marília Pinto de & VIANNA, Cláudia Pereira. Educadoras e mães de alunos: um (des) encontro. In: BRUSCHINI, Cristina. SORJ, Bela(org.). **Novos Olhares: Mulheres e Relações de Gênero no Brasil**. SP: Fundação Carlos Chagas, 1994.
- DEMO, Pedro. **Participação é Conquista**. SP: Cortez, 1988.
- ECO, Humberto. **Como se Faz uma Tese**. S.P. : Perspectiva, 1993.
- GOHN, Maria da Glória. Participação e Gestão Popular da Cidade. In: **Cadernos de Serviço Social e Sociedade**, no. 26, ano IX, abril 1988.
- GOMES, Cândido Alberto. Gestão Participativa nas Escolas. Resultados e Incógnitas. In: XAVIER, Antonio Carlos et al. **Gestão Escolar. Desafios e Tendências**. Brasília: IPEA, 1994.
- GOMES, Jerusa Vieira. Socialização Primária: Tarefa Familiar? In: **Cadernos de Pesquisas**, no. 91. SP. Fundação Carlos Chagas, pág. 54-61, nov. 1994.

- KRAMER, Sonia. **A Política do Pré- Escolar no Brasil. A Arte do Disfarce.** RJ: Achimé, 1982.
- MACHADO, Cristiane. **A Influência da Família na Socialização da Criança Institucionalizada.** Campinas, S.P: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1995. 126p. (Tese, Dissertação de Mestrado).
- MINGUILLI, Maria da Glória. **A Gestão da Escola Pública no Estado de São Paulo: Da Intenção à Obra.** Campinas, SP: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1995. 274p. (Tese, Doutorado em Administração e Supervisão Escolar).
- MORAES, Maria Lygia Quartin. Infância e Cidadania. In: **Cadernos de Pesquisas, no.91.** S.P, Fundação Carlos Chagas, , pág. 23-30, nov. 1994
- MOTTA, Fernando C. Prestes. **Participação e Co-gestão nas Formas de Administração.** SP: Brasiliense, 1982.
- 1.
- NASCIMENTO, Clara Germana Sá G. **Gestão Educacional e Formação de Professores.** Campinas, SP: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1997. 142p.(Tese, Doutorado).
- REVAH, Renato. **Na Trilha da Palavra "alternativa". A Mudança Cultural e as Pré- Escolas "alternativas".** S.P: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, 1994. 299p. (Tese, Mestrado).
- SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet. Evolução histórica e atualidades.** S.P: Scipione, 1989.
- SANTOS, Gildenir Carolino. SILVA, Arlete Ivone Pitrello da. **Normas para referência bibliográfica: conceitos básicos(NBR/6023/ABNT-1989).** Campinas, SP: UNICAMP/FE, 1995.
- UDEMÓ, **Lei no. 9.394/96. Diretrizes e Bases da Educação Nacional Emenda Constitucional, nº 9.424/96. Fundo de manutenção e valorização .** Imprensa Oficial. Jan. 1997.

ANEXOS

ENTREVISTAS

ROTEIRO No. 2: Professor fundador

ENTREVISTA no. 1 realizada no dia 7 de outubro de 1999, com Arlete Machado Vieira, uma das professoras fundadoras da Escola Curumim.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome:**

Arlete Machado Vieira

- **Formação:**

Magistério e Matemática (curso superior)

- **Quais os motivos para a criação da Escola Curumim?**

Na época havia um idealismo de construir uma escola que fosse administrada por pais e professores, um grupo de professores reuniram com os pais e montaram uma escola seguindo uma linha pedagógica adequada.

- **Participação no processo:**

Participamos da montagem física da escola, nas discussões do projeto, na linha pedagógica, trabalho com as crianças nas confecções de brinquedos. Eram pais e professores juntos, na verdade a intenção era fazer uma cooperativa, participação de todos na parte administrativa e pedagógica.

- **Estrutura da escola:**

A escola tinha um conselho, um conselho geral de pais e professores, tinha um administrador, um diretor pedagógico, o corpo docente e os pais faziam muitas reuniões, discutiam todos os pormenores, o financeiro. O diretor pedagógico e o grupo de professores discutiam a pedagogia da escola, então tudo era discutido em conjunto.

- **Princípios:**

Era uma gama grande de princípios, o princípio da escola era abrir um espaço para poder discutir educação entre pais e professores, envolveria bastante a família e os professores na educação da criança. Era uma escola que estudava Piaget e com o decorrer do processo foi se abrindo para Freinet de uma educação bem integrada da criança, bem natural. Acho que isso foi a coisa principal.

2 – Participação dos pais:

- **Como era a participação dos pais na consolidação da proposta da escola?**

Era bem grande, os pais discutiam bastante, os pais participavam das reuniões, propunham novidades, se empenhavam tanto na parte pedagógica como no íntimo. Faziam festas para arrecadar dinheiro, construíam brinquedos, e nesse trabalho a criança participava muito. Tanto os pais quanto os professores estavam juntos, então era bem cooperativo, no começo os pais participavam muito.

- **Como era a relação entre professor e pais?**

Era muito bom, a gente está fazendo com que a escola fosse administrada por pais e professores, a gente ficava até deslumbrada porque poderia haver algum conflito de interesses de alguns professores quererem ganhar mais ou os pais pagarem menos pela escola, às vezes vislumbrava isso, era uma coisa bem harmoniosa.

- **Como via a participação dos pais na escola? No que ela poderia contribuir para o processo educativo?**

Os pais participavam em reuniões e discussões e no dia a dia com a criança os pais não participavam, cada turma tinha um professor responsável e o professor discutia algumas coisas com o orientador pedagógico. A participação dos pais era mais na discussão, da gente poder conversar com os pais pequenas coisas, atitudes. A gente tinha a liberdade de conversar com os pais para eles colocarem os pontos que eles têm para tentar melhorar, resolver algum problema da casa, era bem interessante.

- **A participação dos pais influenciava o trabalho do professor, atrapalhava, existia resistência, tensões, algum tipo de cobrança? Quais?**

Tinha uma participação mas não em forma de cobrança, era uma contribuição. A relação entre os professores e pais não era “ah eu vou lá cobrar alguma coisa”, era “eu vou lá conversar para melhorar”. Muitas vezes os pais convenciam os professores, por outras os professores diziam que não era bem assim, mas havia bastante troca.

- **Como era a sensação entre as pessoas que participavam, o clima, o ambiente de cooperação, existia o momento das conversas, dúvidas, troca experiências? Em que isto resultava?**

Era muito gostoso, de muita amizade, tranquilidade, era muito gratificante a convivência com os alunos e pais. A escola era a continuidade da casa, um lugar que elas sentiam à vontade, podiam criticar, podiam contestar, os resultados eram muito bons. Os pais tinham o compromisso de atuar junto com a escola, então a conversa com os professores, a mudança de atitude em casa, os pais respondiam muito bem.

- **Quais as formas de participação dos pais na discussão da proposta pedagógica da escola?**

Na fundação da escola eles tinham uma proposta mínima, no decorrer do primeiro semestre e todo o primeiro ano os pais participavam discutindo e ampliando essa proposta com resultados do dia a dia, com o trabalho individual do filho com a sua turma, os pais discutiam entre si um aspecto do trabalho, colocavam idéias novas e aquilo seguia um passo à frente e teria uma discussão maior com outras turmas da escola, com outros professores. Então ele participava mais em reuniões da turma, depois em uma assembléia e eles pegavam pontos principais. As reuniões com os pais eram bimestrais, as assembléias eram umas três ou quatro ao ano, geralmente no começo do ano tinha uma reunião que se discutia algumas coisas, ao final do primeiro semestre tinha outra.

- **Reclamações, sugestões, idéias, iniciativas, como eram recebidas e encaminhadas?**

Todas as sugestões e reclamações eram bem sucedidas e isso fazia parte do desenvolvimento da escola. A equipe pedagógica se reunia semanalmente e discutia essas sugestões, essas reclamações, peneirava e passava para frente ou não. Passar para a frente significava continuar discutindo e batalhando pelo assunto, não passar para a frente significava aquilo não condizia, e aí a gente retomava ao pai que fez a sugestão ou reclamação e parava por aí porque se não encaminhava para a assembléia da associação. Essa associação era composta por pais e professores, tinha uma diretoria, então essas assembléias que tinham umas três ou quatro por ano era uma assembléia da associação que na verdade sustentava a escola.

- **Como você descreveria os momentos em que os pais, professores e crianças estavam juntos na escola? O que se fazia nestes momentos?**

Tinha semana que a gente reunia pais, professores e crianças em um final de semana na escola, alguns pais ficavam de providenciar comida, outros ficavam por conta de construir alguma coisa na escola e as crianças participavam de todas as etapas, umas iam para a cozinha ajudar a fazer o suco, outras iam ajudar a serrar madeira mesmo, e sempre tinha um grupo de pais, era uma mistura de grupo de pais que ficava mais ou menos controlando as crianças, controlando é bem uma palavra forte, mas ajudando, participando da atividade com a criança. Então se tinha um pai construindo um escorregador, também tinha outro grupo de pais que estava monitorando as crianças. Era como se fosse uma família, faziam uma sala de aula, incrementavam, os pais iam para escola para fazer bonequinhos ou almofadas.

- **Delimitação do espaço entre pais e professores, como se dava o limite entre os papéis desempenhado por ambos?**

Tinha um limite sim, tudo o que o pai quisesse reclamar ou participar, ele participava através do professor. Ou às vezes a escola saía para fazer um passeio com os alunos convidavam os pais para ir junto, então o pai estava junto, ia ajudar, mas a relação dele com o filho dele era um pouco diferente de como ele sozinho com o filho, então o pai sempre respeitava a liderança, que era a liderança do professor, então se o pai ia para fazer uma atividade na escola, por exemplo, o pai ia na sala ensinar fazer um bolo de chocolate, então ele ia fazer o bolo, e para o filho era “agora o papai vai ser o professor”. Então naquela relação de mimo, de birra, a criança tinha limites, o pai participava nas atividades e nas discussões também e tem um momento que não dá para interferir, então a escola que diz que daqui para frente é a situação do professor com a equipe pedagógica e é a palavra final da equipe pedagógica.

3 - Histórico da instituição:

Nós estávamos vivendo uma época de ditadura militar, questionávamos muitas coisas, principalmente o ensino público, aquele ensino tradicional, quadrado, e a gente queria que as crianças pudessem se manifestar, questionar, contestar, não aceitar passivamente aquela coisa toda. A gente discutia muito que criança a gente queria. Isto se estendia da pré escola e primeira série, e a gente foi ampliando e no ano seguinte

tinha 1ª e 2ª série, até se formar o antigo primário completo, então foi uma coisa que foi gradativa, a escola foi crescendo e chegou um momento que aqueles pais idealistas, aqueles pais que iniciaram a escola com a gente, toda aquela cooperativa, onde a gente participava e tudo, a medida que a escola foi crescendo e aumentando o número de crianças, a escola foi aceitando pessoas que compartilhavam daquela proposta, acho que não tinha mais aquele engajamento de ser uma pessoa participativa, então à medida que o tempo foi passando os pais foram entrando mais como clientes, discutiam a proposta pedagógica, mas da turma do seu filho apenas, então foi modificando até lá. Aquela coisa que começou foi sendo diluída, e acho que hoje não é mais assim.

- **Nome da escola no período da fundação?**

Nós estávamos em uma situação assim, a escola precisava ter um nome, e aí o nome é uma coisa muito pessoal. Então era um grupo de pais e professores que estavam reunidos, e aí começaram a pintar sugestões. Um achava que tinha que ter a palavra cooperativa, que era uma escola cooperativa, outros achavam que não precisa porque já estava implícito, e assim pegando sugestões, um fala uma coisa e o outro fala outra, e o nome surgiu da brincadeira de um pai e um professor, sabe quando você fala uma coisa alta e todo mundo disse “ah tá legal”, e aí deu um melhorada no nome, acrescentou alguma coisa e foi isso. Também foi uma coisa bem conjunta, sabe aquela coisa de você estar em uma reunião e aquela conversa paralela aqui, mas foi assim, pintou a idéia e não foi uma decisão ali, amadureceu a idéia. Foi um nome muito óbvio, Curumim a palavra criança, foi uma coisa que agradou bastante.

- **Local ocupado pela escola, escolha pelo espaço:**

Para a gente o importante é que o espaço não fosse tradicional, tinha que ter a natureza, ser um espaço amplo para a criança poder realmente se movimentar, aquele espaço que geralmente você não tem na sua casa. Então o que a gente queria era uma chácara, e aquela chácara foi procurada por pai e professor, e aí eles saíram para procurar um espaço, e teria que ser em Barão Geraldo um lugar que a maioria das pessoas viviam, a gente tinha muitos alunos de Campinas também, mas a maioria era de Barão Geraldo. E aí uma vez encontrado o local, uma chácara com uma casa que nos atendia eu fiquei com o trabalho de convencer a pessoa para alugar a chácara para fazer uma escola, porque geralmente as pessoas pensam, “ah escola, as crianças vão destruir”, mas acabou dando tudo certo.

- **Prédio, número de salas, repartição dos espaços:**

Era uma chácara grande, tinha uma área grande, um jardim, e uma casa interessante porque ela tinha uma sala em L grande, enfim os cômodos da casa dava para comportar tudo o que a gente precisava, tinha espaço para fazer umas quatro salas de aula, tinha uma cozinha boa, e uma edícula que funcionava o escritório ou diretoria não sei. Então essa casa foi adaptada sem modificação, os armários da casa transformaram nos armários das crianças para guardar material, não precisamos demolir nada na casa, mudar nada. A gente teve que fazer uma transformação porque a casa tinha um pomar enorme e era uma área muito grande para tomar conta das crianças. Foi uma separação entre a parte principal e o pomar. Então para passar para a

parte do pomar como tinha muita árvore a criança não podia ir sozinha, tinha que estar sempre acompanhada.

- **Número de alunos, professores, funcionários:**

Tinha umas cinquenta a oitenta crianças. No começo tinha um professor para cada turma, o diretor, uma pessoa que fazia parte da secretaria. A escola tinha uma secretária que cuidava da parte administrativa e essa secretária mexia com o dinheiro que entrava e pagava o professor, contratamos um contador para mexer na legalização da escola, então você tinha que ter um contrato para mexer com esse tipo de associação, as exigências da secretaria da educação. A escola tinha a diretora, que ao mesmo tempo era a coordenadora pedagógica, então era uma pessoa que tinha que ter uma titulação para isso, então essa pessoa atendia pais, apresentava a escola, participava de reuniões com os professores, para fazer a coordenação e orientação desses professores na proposta da escola.

- **Períodos, séries:**

Começou a funcionar só meio período, no primeiro semestre funcionou só um período, depois mudou, aumentou dois períodos. No primeiro semestre começou com quatro turmas e depois com oito turmas. A divisão era por idade, então tinha a primeira série, depois o maternal e outras duas turmas na idade maternal, acho que eram crianças de 3 para 4 anos, e de 4 para 5 anos, no ano seguinte a gente pegou crianças mais novinhas a partir de 1 ano e meio e aí já tinham duas turmas, uma de manhã e a outra à tarde. No começo a gente achava que crianças de 1 ano e meio tinham que ficar na barra da saia da mãe mesmo, depois muitas precisavam trabalhar e deixar os filhos em algum lugar, então o pré requisito era que a criança andasse, então a gente chegou a pegar crianças de 1 ano e três meses, 1 ano e dois meses que já andava, eram turmas que tinham quatro ou cinco crianças para um adulto cuidar, tinha um ajudante na hora do lanche ou de trocar.

- **Estava ligado à alguma organização, quem mantinha?**

Era uma cooperativa de pais e professores.

- **Formação profissional das pessoas envolvidas, número de membros que participaram da fundação:**

Tinha algumas pessoas que já tinham formação, outras eram pessoas que estavam fazendo graduação aqui na Unicamp, eram alunos da Pedagogia aqui.

- **Surgimento do projeto pedagógico, quais eram os objetivos da escola?**

Tinha uma proposta pedagógica, quem fundou essa escola já veio de outra, já tinha um grupo que trabalhava junto a algum tempo, já tinha um caminho percorrido que era encima do Piaget, e aí as pessoas que foram chegando foi se aprimorando dessa proposta, trazendo idéias novas, estudando para entender, trazendo dúvidas de algumas coisas que passaram com as turmas em tais e tais detalhes, foi uma proposta que foi amadurecendo no dia a dia. A pedagogia Freinet surgindo, trazendo soluções para algumas coisas, melhor encaminhamento para outras. Quando a gente estava encerrando a escola, tinha uma pessoa que estava encerrando o curso de Pedagogia

aqui e no curso fez o contato com a Pedagogia Freinet e ela ficou encantadíssima com essa pedagogia, aí ela passou essa idéia para uma outra pessoa que era uma pessoa autodidata que era formada em Francês, falava e essa pessoa começou a ler os trabalhos do Freinet os que tinham traduzido e os que estavam em francês e foi se encantando com a idéia, e aí a gente passou a estudar esse material, os professores passaram a estudar esse material do Freinet e muitas coisas foram encantando todo mundo. Sempre tinha alguém que tinha alguma dúvida, a gente tinha dúvida “ah , será que a gente vai conseguir aplicar essa pedagogia conhecendo tão pouco ?”.

- **Problemas encontrados na estruturação da escola:**

A gente tinha problema financeiro porque saímos do zero e tínhamos que montar uma escola, então tanto os pais como os professores que compraram a idéia de uma cooperativa, se para ter o mínimo para montar uma escola, era complicado sabe. Nos primeiros anos a gente se organizava em festas, fazia feijoada na escola, acabava arrecadando dinheiro, as festas juninas, e arrecadava fundos assim, os pais pagavam uma mensalidade e a escola sobrevivia com aquela mensalidade e com o rendimento de doações dos pais.

- **Papéis, função de cada membro na construção da escola, responsabilidades assumidas:**

Os professores apresentavam o seu planejamento com a orientadora, com os pais, cada um tinha uma função. Na legalização da escola houve uma mão de obra muito grande, então alguns pais ajudaram nesse processo, de formular a proposta da escola por escrito seguindo as exigências do Ministério da Educação.

- **Formas de divulgação da escola:**

Era muito interessante, muito gratificante, fora o boca a boca, a gente fazia com o material do aluno, nós fazíamos cartazes com obras primas dos alunos dávamos um retoque final, espalhávamos na Unicamp, em Barão Geraldo, eu não me lembro se tinha alguma coisa em jornal, se era um jornal só restrito ao bairro. Aí a gente começou a se preocupar com cartazes bonitos, então eu me lembro que teve uma feira de artes no Taquaral, então nós mostramos uma banquinha da escola com material das crianças, basicamente era uma feira sobre cerâmica, então todo o trabalho de cerâmica que era feito pela criança na escola, levamos para a banquinha, não era para vender, mas para conhecer a escola e junto tinha um folhetinho e convite para visita. Nós passeávamos com as crianças no parque Taquaral, então isso tudo fazia divulgação. Então a gente fazia uma manhã com as crianças pintando no Parque Taquaral, isso era uma atividade da gente querer passear com as crianças e também é uma forma de divulgação. Agora boca a boca eu acho fundamental. E aqui em Barão Geraldo também tinha uma outra escola com proposta alternativa, então chamava atenção, as crianças não eram uniformizadas, a gente usava um outro esquema de trabalhar com as crianças, a maioria das escolas usava uniforme, aqui era mais solto, mais liberal.

3.1 - Perfil da clientela no período da fundação:

- **Quem eram as famílias do ponto de vista econômico?**

As famílias eram, pais e alunos da Unicamp, a maioria, pessoal que estava começando a fazer pós graduação, tinham alguns pais de indústria, mas a maioria era da Unicamp.

- **Como conheceram a escola ?**

A escola Curumim iniciou em uma dissidência a escola do Sítio, não concordavam com algumas coisas, e acabaram fazendo desafio de “se não é essa a proposta pedagógica, então qual é”, e aí pintou a idéia da Escola Curumim. Na saída foi propaganda boca a boca mesmo, e a utilização dos próprios trabalhos.

- **Qual a profissão dos pais?**

Eram pais de diversas áreas, da educação, da física, da medicina, era um pessoal que tinha um nível sócio cultural bom.

- **Procura pela escola , demanda atendida:**

Tinham poucos alunos, a escola era nova.

- **Atendia portadores de deficiência física/ mental?**

Nós estávamos abertos para isso sim, para integrar, como um processo educativo de duas mãos, tanto integrar o aluno deficiente a escola, como integrar os alunos “normais” aos alunos deficientes, então nós tínhamos alunos surdos, mongolóide. Esse trabalho não era feito só com o pessoal da escola, então quando chegava um caso desse na escola a gente pedia no mínimo que o pai tivesse um suporte profissional. Então se eu tinha um aluno surdo, eu tinha um profissional dessa área, e me dava todo o respaldo para atender o aluno na escola, de integrar esse aluno na escola.

- **Pais separados;**

Era um ou outro caso, no início não, mas no decorrer foram surgindo alguns casos.

- **Você quer acrescentar alguma coisa ?**

O momento de formação foi muito importante, eu acho que houve um momento de aprendizagem muito grande para os professores, e houve um momento de aprendizagem muito grande para os pais. Os alunos ganharam muito com isso porque eu acho que quando tem uma interação entre a família e a escola ganha para o aluno, acho que esse foi um momento muito importante para a gente se esforçar, para diluir, tornar consenso interesses conflitantes, foi um aprendizado muito grande. Foi importante o começo de perceber que os pais não são mais idealistas como antes, que os pais eram clientes da escola mesmo e algumas coisas não podiam ser discutidas da mesma forma como antes, a gente perceber essa mudança e organizar para essa mudança, até chegar ao momento que “a escola é assim”, e o pai vem e aceita a escola assim, acho que hoje a Curumim não tem mais pais que trabalhem cooperados, então foi a gente perceber “até agora foi

legal, mas é hora de mudar”, “vamos dar um passo à frente, mudar isso, isso e isso”, e sentar com os pais e falar “tá na hora de mudar”.

Na época eu era só professora não era mãe ainda, uma coisa que foi muito interessante foi que a escola mudou muita coisa na vida do professor e na vida do pai no momento de formação, em valores mesmo, de perceber o momento que a gente vivia, a gente vivia um momento de repressão, e só de você pensar que existia uma escola em que você podia conversar, discutir, que você podia contesta.

ROTEIRO No. 2: Professor fundador

ENTREVISTA no. 2, realizada no dia 19 de outubro de 1999, com Maria Lúcia Neves, professora que trabalhou na Escola Curumim no período de fundação.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome:**

Maria Lúcia Neves.

- **Formação:**

Fiz um curso de Arte educadora no Rio de Janeiro e no colegial eu fiz o colegial clássico, fiz algumas faculdades, mas incompletas.

- **Motivos para a criação da escola:**

Eu não participei da fundação da escola. Quando entrei a escola já tinha 6 meses. Mas eu sabia que era um grupo de pais e professores que se juntaram e a Curumim era dissidente da Escola do Sítio e que eles queriam fazer uma escola com a Pedagogia Freinet. Na época que eu entrei tinha grupos de estudo, onde a gente estudou a Pedagogia.

- **Participação no processo:**

Eu tinha acabado de fazer esse curso de Arte Educação em 78 no Rio de Janeiro e foi intensivo. E uma das razões que me levou à Curumim foi que as pessoas do curso falavam “olha quando terminar o curso dá um tempo”, porque a gente viu muita informação, um leque grande de pedagogias, metodologias. E o Freinet foi uma coisa nova, eu tinha estudado no curso, mas não profundamente. E como era uma escola nova, eu conhecia as pessoas que trabalhavam, pessoas amigas, então achei que era uma saída para aquele momento que eu estava vivendo porque foi um curso que mexeu muito comigo.

Nesse começo a gente trabalhava muito, trabalhava demais. Não só dando aula, como na organização da escola, na arrumação da escola, nas reuniões pedagógicas com os pais. E eu quando entrei, isso em 79 eu não tinha turma fixa, como eu fiz esse curso de arte educação eu fui contratada para fazer um trabalho de arte educação na escola, então eu participava de todas as turmas, entrava em todas as salas, eu conversava muito com as professoras para ver as atividades que eles iriam fazer no dia, e eu participava de algumas atividades específicas mais voltada para a área.

Depois no ano seguinte eu precisei pegar uma turma porque a escola estava precisando de grana, então eu peguei uma turma de pré.

A gente fazia de tudo, acho que a gente trabalhava demais, era uma escola nova precisava dessa participação, e a gente tinha o maior pique também. A gente acreditava no projeto, na proposta da escola. E as pessoas que passaram pela Curumim e que eu conheço até hoje tinham muita paixão do trabalho da escola.

- **Estrutura da escola:**

Eu trabalhei no Guará e na Chácara Primavera. No Guará, onde hoje é o centro comercial de Barão, eles adaptaram para uma escola, tinha cozinha, algumas salas, mas lembrava mais uma casa do que uma escola. Foi uma coisa muito positiva para as crianças porque se sentiam em casa. E teve uma adaptação para colocar material, mas não era um prédio feito escola. Em cada sala tinha os cantinhos.

- **Princípios :**

A gente trabalhava com a Pedagogia Freinet, então tinha alguns pontos que a gente seguia. Como era uma cooperativa de pais e professores, tinha alguns pontos que os pais interferiam na pedagogia, uma coisa que dava muito conflito. Quando os pais participavam da parte pedagógica a gente ficava meio confusa.

2 – Participação dos pais:

- **Como era a participação dos pais na consolidação da proposta da escola ?**

A gente tinha muita assembleia, era uma coisa que cansava muito a gente, muitos encontros, a gente ficava até de madrugada. A gente tinha muitos mutirões para a construção dos brinquedos.

A gente fazia relatórios individuais e de grupo e a gente ia na casa das pessoas para entregar e conversar, e eles(pais) podiam opinar e falar a qualquer momento. Tinha a diretora e coordenadora pedagógica que dirigia, mas os pais participavam. Alguns mais e outros menos, que tinham uma relação maior com a escola.

Não foi uma coisa pronta a Curumim foi se fazendo, todo mundo tinha acesso, uma literatura.

- **Como era a relação entre professor e pais?**

Era muito boa, próxima, a gente visitava muito as casas. Com o grupo todo a gente ia muito visitar a família, como individualmente. Acho que atualmente mudou muito, mas até hoje eu tenho relações com as minhas amigas, por conta disso, a gente se visitava, eles vinham em casa, as crianças vinham na minha casa. s vezes o lanche era feito na casa da criança. A relação era mais caseira. Quando uma criança nova entrava, a gente sempre ia na casa dela, ia almoçar para aproximar mais mesmo, conhecer o cotidiano delas , isso ajudava na adaptação da criança, de levar o grupo na casa de uma criança nova que acabava de entrar para ela receber e a gente fazer o trabalho de socialização mesmo, tinha muito essa coisa do social. A gente ia e as crianças sabiam.

- **Como via a participação dos pais na escola ? No que ela poderia contribuir para o processo educativo ?**

Tinham os brinquedos que eram feitos pelos pais, tinham uns pais mais habilidosos. Ajudava no entrosamento entre os pais na escola, as crianças valorizavam as coisas que os pais tinham feito.

- **A participação dos pais influenciava o trabalho do professor, atrapalhava, existia resistência, tensões, algum tipo de cobrança ? Quais ?**

Tinha muita cobrança eu vejo isso porque hoje eu trabalho com escola pública, então eu sinto que dos professores era cobrado muito a criatividade, eu lembro que a gente empenhava demais para ser criativo, fazer coisas interessantes, coisas legais e a gente tinha motivação para isso, o que eu sinto que hoje falta. Então na época a gente tinha muita motivação e eu acho que foi uma coisa marcante por ter passado pela Curumim, porque os professores tinham ideal, disponibilidade, tinham pique. E na pedagogia cada uma dava um pouquinho do que sabia. E essa cobrança não era só dos pais, mas coordenador pedagógico que cobrava que você estivesse cumprindo o seu papel criativo, vibrante.

Tinha muita gente da Unicamp, pela localização mesmo da escola.

Eu lembro uma vez que fiz um passeio com as crianças, a gente andava muito pelo Guará, era época de muito calor, e a gente andava perto de algumas lagoas, e algumas crianças entraram na lagoa porque estava muito quente e eu tive problemas porque a mãe de um aluno era da biologia (Unicamp) e ficou muito preocupada, pegou a água para ver se estava infectada porque a gente não sabia. Graças à Deus não tinha nada, eu fiquei muito mal, mas depois lembro que ela tirou as crianças da escola. Eles cobravam as coisas nesse nível e a gente não tinha ação para tudo. Eu me lembro que essa mulher ameaçou de fechar a escola se tivesse algum problema, e aí você fica mal, porque devido a um passeio que você fez vão fechar a escola.

- **Como era a sensação entre as pessoas que participavam, o clima, o ambiente de cooperação, existia o momento das conversas, dúvidas, troca experiências ? Em que isto resultava ?**

Além das assembléias tinha os encontros com a orientadora pedagógica que acompanhava o tempo inteiro, teve uma época que a gente trabalhava em dupla. Eu trabalhei com uma outra professora na sala. A sala era pequena, mas existiam algumas crianças problemáticas. A escola era bem assistida, a gente tinha liberdade com a orientadora pedagógica.

Eu me lembro que tinha mais de uma orientadora, então a gente tinha acesso porque era uma para os pequenos e outra para os maiores.

Quando eu trabalhava lá, eu falava “ah! como eu queria ter estudado lá”. Então eu via aquela molecada gritando, correndo, rindo, as crianças tinham prazer.

- **Quais as formas de participação dos pais na discussão da proposta pedagógica da escola?**

Eu acho que tinha uma grande participação, não era todo mundo, sempre os mesmos. E como a escola foi fundada por eles tinha uma participação grande, haviam alguns mais interessados que outros. E não era só mãe, mas maridos interessados.

- **Reclamações, sugestões, idéias, iniciativas, como eram recebidas e encaminhadas?**

Às vezes era diretamente com a gente mesmo, os pais tinham muito acesso e como eu te contei sobre essa história da lagoa, era num nível mais burocrático também, de falar com a diretora, coordenadoras, mas tinham de todas as maneiras.

- **Como você descreveria os momentos em que os pais, professores e crianças estavam juntos na escola ? O que se fazia nestes momentos ?**

O lanche coletivo era um momento do nosso cotidiano que estavam na escola, todo dia tinha um lanche coletivo que um pai trazia. A gente tinha escalas, eu acho que eram duas vezes no mês que cada criança trazia. Fora isso tinha o mutirão que juntava todo mundo, e era muito legal. Pedagogicamente falando eu acho que a gente ensina muito mais pelo exemplo do que pelo discurso, tinha uma coisa muito bonita das crianças, pais e funcionários. Os pais eram muito abertos para todo mundo

- **Delimitação do espaço entre pais e professores, como se dava o limite entre os papéis desempenhado por ambos ?**

Tinha lá a nossa função como professores, mas naturalmente. Não tinha nada preparado, a coisa foi crescendo e surgindo os limites. Tinham conflitos de uma achar uma coisa e o outro achar diferente, era claro na função de cada um.

3 - Histórico da instituição:

- **Nome da escola no período da fundação:**

Eu não participei da fundação não sei dizer como ocorreu.

- **Local ocupado pela escola, escolha pelo espaço:**

Era uma chácara, com pomar, tinha jardineiro que trabalhava, jaboticabeira, mangueira, era uma chácara muito bonita.

- **Prédio , número de salas, repartição dos espaços:**

Diretoria, secretaria, tinha um banheiro comum para todo mundo, e o outro lá fora. Uma mesa enorme embaixo de um flamboyant, areia, brinquedos feitos pelos pais. Nas férias a gente pintava a escola.

- **Número de alunos, professores, funcionários:**

Não me lembro direito.

- **Períodos , séries:**

A princípio era um período só, o número de crianças não era grande. As crianças eram divididas por idade, não me lembro a faixa de idade entre uma turma e outra. Sei que no começo eu passava por todas as turmas de idades maiores, porque com crianças pequenas não dava para estar desenvolvendo o meu trabalho. No começo não tinha o primário, depois é que foi implantando, foi criando gradativamente de acordo com a necessidade.

Na época a gente não alfabetizava, mas as crianças queriam, então eu dava lição de casa. O preparo para a alfabetização era muito acima do que eles queriam escrever, eles iam determinando o nome deles, do pai. A impressão foi feita depois que eu saí, mas antes não tinha. É muito bonito esse processo com a gráfica.

Acho que eram umas cinco crianças, que queriam escrever, então cada um tinha o seu caderno e escreviam coisas, bichos que gostavam e isso já era do Freinet, de produção de

texto e começar a alfabetizar pelos assuntos que eles gostavam, que tinha interesse, identidade.

- **Estava ligado à alguma organização, quem mantinha ?**

Era uma associação de pais e professores . Os professores entravam com uma quota de dinheiro, e eu me lembro que na época eu não tinha grana, então entrei com o meu trabalho.

- **Formação profissional das pessoas envolvidas, número de membros que participaram da fundação:**

Quando eu entrei tinha formação em curso normal e aí abaixou uma lei que obrigava a ter curso, então viajávamos para Ribeirão Preto, a gente fazia prova e voltava, mas aí eu saí da escola acabei não terminando o curso e nem recebendo o diploma. Mas tinha gente que tinha curso universitário e precisava fazer esse curso porque não tinha formação pedagógica.

- **Metodologia:**

O que a gente fazia era deixar a criança o mais à vontade possível para botar a criatividade para fora, as crianças tinham muito espaço.

A gente trabalhava com 4 elementos que era uma coisa muito forte em Freinet: água, fogo, ar, se a criança estivesse brincando com uma dessas coisas, você nem precisava interferir porque ela está aprendendo coisas. Então a gente tinha uma preocupação muito grande em deixar que a criança descobrisse por ela. Nos passeios, a gente andava muito pela Guará, muito contato com a natureza, muito solto, eu acho até que a Curumim tem uma crítica que não é cabível e as pessoas condenam o trabalho da Curumim por conta de uma liberdade muito grande. Na verdade era uma liberdade que tinha uma atenção, não era uma coisa libertina. E é interessante que hoje depois de 18 anos que eu encontro os meus ex alunos eu tenho depoimentos muito bonitos. As crianças que passaram pela Curumim naquela época, nunca mais esqueceram como um lugar maravilhoso, gostoso. E eles se deram muito bem pedagogicamente falando, foi um curso rico.

- **Reuniões, frequência, quem participava, o que se discutia:**

Eu me lembro que no começo toda semana tinha umas duas reuniões. Depois foi parando, mas tinha reunião pedagógica com os professores e orientadora, tinha individual, reunião pedagógica com os pais, assembléias que era todo mundo, era muito cansativo.

A diretora meio que fazia tudo, as pessoas faziam de tudo, era coordenadora, dava aula. As reuniões eram necessárias para achar a linha da escola, para resolver todos os problemas , tinha uma formação burocrática.

As assembléias cansavam porque você saía 3 horas da manhã e no dia seguinte ia para escola cedo e tinha que chegar linda e sorridente para receber as crianças e trabalhar com eles. Depois a gente pediu para diminuir essa carga que era desgastante. E nas assembléias discutia tudo, por isso que demorava muito.

- **Como era feita a contratação do professor, exigências, preferências, a formação acadêmica e a filosofia da escola, o que buscava neste profissional de acordo com o que esperavam da escola?**

Tinha a coisa do convite, passava por uma seleção da equipe. A gente fazia um estágio, que era contratada depois de três meses, dependendo do jeito do seu trabalho você era contratada. Além da formação tinha um tempo de ver se a pessoa inteirava à proposta pedagógica da escola.

- **Problemas encontrados na estruturação da escola:**

Era financeiro. Era uma escola que pagava bem os professores, não tinha lucro, então tudo o que entrava na escola no pagamento das mensalidades, saía para pagamento dos professores, a gente recebia bem, mas trabalhava pra caramba. Então as pessoas trabalhavam, ajudavam para não ter gastos, desperdício. A gente tinha que procurar mais alunos, no mínimo por turma eram 15 alunos.

Na mensalidade tinha bolsa, alguns professores que tinham o filho estudando não pagavam a mensalidade, tinha meia bolsa ou parcial. Tinha pai que trabalhava na escola para ter os filhos estudando.

- **Papéis, função de cada membro na construção da escola, responsabilidades assumidas:**

Era delimitado, tinha uma pessoa para limpeza, secretária, mas a gente fazia de tudo. Eu me lembro que na Curumim a gente fazia muito coisa além do que o cargo pedia, às vezes a gente fazia a limpeza.

- **Formas de divulgação da escola:**

Tinha os panfletos, era boca a boca. A divulgação eram pelas pessoas, pelos pais.

3.1 - Perfil da clientela no período da fundação:

- **Quem eram as famílias do ponto de vista econômico?**

Universitários e moravam pelo Guará, Barão Geraldo. Eram pais jovens preocupados com a proposta pedagógica da escola, coisa mais aberta.

- **Como conheceram a escola?**

Conheceram porque estavam na escola do Sítio, então quando foram para Curumim eram amigos.

- **Qual a profissão dos pais?**

Tinham várias profissões, mas todos universitários.

- **Procura pela escola, demanda atendida:**

Tinham poucos alunos.

- **Atendia portadores de deficiência física/ mental?**

Não lembro de ter na sala, mas sei que atendia, recebia.

- **Pais separados:**

Tinha, mas não muito. Existia o papo entre as crianças “ah, namorada do meu pai ou, namorado da minha mãe”. Ou gente que casou de novo.

- **Você quer acrescentar alguma coisa ?**

Eu aprendi muito na Curumim. O que marca é rever os meus ex- alunos, encontrar e ver que foi uma experiência legal, eles dão esse depoimento. Foi uma experiência de não ser esquecida, de aprender, todo mundo era alegre, criativo. Era um grupo bem especial. Além da pedagogia Freinet que conduzia isso, foram experiências que abriam possibilidades.

ROTEIRO no.3 : Pais fundadores

Entrevista no.3 realizada no dia 28 de setembro de 1999 com Tamara Christo França, mãe fundadora da Escola Curumim.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome:**

Tamara Christo França

- **Formação:**

Sociologia .

- **Motivos para a criação da escola:**

A gente pertencia a uma escola já na época, a Escola do Sítio e a gente tinha chegado a pouco tempo em Campinas e tinha um filho pequeno de um ano e sete meses, e mal chegou na escola e já pegou uma discussão de professores e a direção, coordenação pedagógica sobre a escola e tudo mais, e a gente acabou entrando nessa crise que a escola viveu, meio que pegou o bonde andando.

Nesse processo de discussão que aconteceu em meio a essa crise, várias reuniões foram feitas com os pais da escola e a gente viu que a situação foi ficando insustentável, a gente percebia que não dava mais para ficar ali, e precisava fundar uma outra escola em outros moldes.

O que eu me lembro são vinte e dois anos passados, é muito esquisito falar da coisa depois que ela acontece porque na época a gente não tinha muito a noção, eu acho, da extensão do que a gente estava fazendo. Eu por exemplo tinha vinte e quatro anos e a gente vivia uma época de repressão política, já começando o processo de abertura política, então eu associei muito a existência da Escola Curumim a esse momento político, a gente não tinha canal de expressão, era ditadura, aquela coisa, estava no processo de abertura, e a gente estava bem nessa passagem de acreditar que alguma coisa poderia ser feita, queria construir alguma coisa a partir da gente mesmo. Então eu, particularmente, acho que a maioria estava muito envolvido com o momento político, a maioria jovem, então eu acho que naquele momento político na escola a gente queria mais participação.

Tudo tinha uma dimensão maior, e a gente não tinha muito jogo de cintura para estar revendo, de ter uma tolerância nossa era uma tolerância zero. E havia uma determinação muito forte da coordenação dizer que esse era o caminho e não querer abrir mão, então era Piaget e tinha que ser Piaget. Então a gente achava que não tinha que ser Piaget e tinha que abrir para outras coisas também. Muitos pais estavam tão entendidos de Piaget, que não sei para contestar daquela maneira, o pano de frente e não é nem de fundo era uma gana por estar querendo exercer em algum lugar uma cidadania, uma expressão, colocar na sociedade nossa necessidade de mudança, e a escola foi um alvo, então ficou algo insustentável. E nesse processo pedagógico e político de querer mais participação, esse poder de estar discutindo, e a gente achou por bem sair dali e fundar uma outra escola com bases novas, onde um grupo de professores, uma coordenação pudesse ter uma discussão mais ampla, pedagógica inclusive, onde os professores tivessem mais voz colocando as suas experiências e

necessidades, para formar uma nova metodologia, uma pedagogia mais condizente com o interesse de todos. Então foi uma coisa que misturava muito a política, e ao mesmo tempo todos tinham uma coisa da geração que viveu 68 ou pós 68, de mudar as estruturas, os costumes, de dizer não a muita opressão, então tinha uma oposição muito forte em relação a educação, com uma visão de educação bem libertária. O Ivan Illich, o Summerhills, e os pais que eu conheci estavam ali no meio, e eles queriam aquela liberdade total, a coisa do laissez-faire mesmo, então era uma mistura muito grande de pontos de vista.

Mas no “caldeirão” era uma oposição a uma autoridade que estava impedindo que as coisas aflorassem, tinha muita coisa, muita idéia, muita oposição, tanto que essas divergências chegaram a um ponto que as pessoas começaram a sair. Não havia entre os pais uma clareza quanto a esse processo.

Bom, então a gente saiu, fundamos uma nova escola, onde os professores tinham participação nas decisões, tinham uma certa autonomia, e discussões constantes, assembleias, havia uma disparidade muito grande em relação e como a gente conseguiu isso.

- **Participação no processo:**

A maioria dos pais tinha muita disposição em estar fazendo, a maioria estava disposta a estar indo lá para ajudar, para cortar madeira, a gente se dividia ia construindo o espaço da escola, o lado de dentro, o lado de fora, as prateleiras, eu lembro que dei uma mesa grande que tinha em casa, então a gente ia catando as coisas que tinha, era bem incipiente nesse sentido. Eu era uma pessoa que achava que os professores tinham que ter uma autonomia em relação aos pais, a coisa pedagógica mesmo tinha que ser, uma discussão de quem está ligado com essa bibliografia, mas que a palavra deles fosse a final, e que tivesse uma certa autonomia. Se o pai acha isso ou aquilo vira uma bagunça geral, e a gente se perguntava será que é assim, quer dizer constrói uma escola, tem alguma coisa errada, mas foi pensado, foi um processo árduo, uma aprendizagem, algumas pessoas tinham mais tino para conduzir isso, depois começava a funcionar com uma estrutura, os pais ajudavam, não só com material, mas em mutirão, era uma coisa bem comunitária, então a idéia de 68 de estar junto fazendo as coisas, é importante o mutirão.

- **Estrutura da escola:**

A gente tratou logo de fazer uma associação, uma associação sem fins lucrativos, composta por pais e professores, então éramos todos donos da escola, não tinha uma sociedade mantenedora, pelo menos nessa época não tinha, eu não sei lhe dizer muito bem como funcionava esse sistema, mas a gente estava sempre discutindo salário, horas de trabalho, isso era discutido com todo mundo para as pessoas não saírem perdendo. Havia um acordo com a média, e sobre a coordenação pedagógica eu não me lembro de ter representante de pais, é difícil de lembrar. Tinha uma de professores e pais, e nesse primeiro momento não tinha uma comissão, diretor era uma coisa sempre discutida em conjunto, desde da forma de pagamento de professores, começou a entrar nessa sociedade a todo momento na escola.

- **Princípios:**

Era de estar querendo exercer em algum lugar uma cidadania, uma expressão, colocar na sociedade nossa necessidade de mudança. Não estava havendo democracia, era uma coisa que a gente falava muito, diretores a coordenação pedagógica, é muito autoritária, quer levar a ferro e fogo, tem que ser assim, e a gente achava que não, que tinha que participar mais, então a gente ficou muito aliado a reivindicação dos professores, queria estar discutindo mais o processo pedagógico da escola.

2 – Participação dos pais:

- **Quais as formas de participação dos pais na discussão da proposta pedagógica da escola ?**

Nas reuniões e assembléias.

- **Como era a participação dos pais na consolidação da proposta da escola ?**

Muitas pessoas que tinham conhecimento conseguiram argumentar, e Freinet vinha de encontro com essa ânsia geral. Eu particularmente me identifiquei com várias coisas, a gente ia ler os textos, discutia com os pais e professores. E houve muito desencontro porque a escola agregava vários tipos de prática e vários anseios, várias pessoas não concordavam muito com alguns procedimentos. Então a gente estava lendo cada vez mais sobre o Freinet, as práticas dele, mas sempre com uma crítica, com alguns valores pessoais, uns ideais de mudança porque estava querendo aprimorar, então a gente sempre tinha alguma coisa para falar, então muita gente queria botar o bedelho mais do que devia, as pessoas tinham pouca tolerância, houve muita confusão ao meu ver, e houve muitas bandeiras, fazia muitas coisas em torno, passou por uma processo que não merecia. No caso do Freinet houve muita leitura, discussão, tinha que encarar como resposta para tudo, e o mentor para colocar as práticas ali, então foi interessante a idéia de ateliê, algumas pessoas tinham mais maturidade para lidar com isso, outras menos.

- **Como era a relação entre professor e pais ?**

No início era de muita camaradagem e muito respeito mesmo, da importância do professor junto aos filhos, do incentivo ao respeito muito grande, era uma coisa que, apesar da gente estar discutindo as coisas juntos, de se colocar como pessoas que não tinham resposta para tudo, mas de se colocar como pessoas que estavam buscando uma coisa diferente, então estávamos todos em uma espécie de busca. Não era aquela coisa de você estar fazendo aquilo porque está pagando, de estar fazendo uma prestação de serviços, todas estávamos no novo, juntos. O professor era um camarada mesmo, então eu acho que é muito diferente dos outros. Existiam pessoas que vinham mais, outras menos, mas no geral era uma relação de respeito.

- **Como via a participação dos pais na escola ? No que ela poderia contribuir para o processo educativo da criança?**

As crianças viam a escola como um lugar descontraído, desafiador, assim de um modo geral, a criança se sentia muito à vontade, tem respostas, era uma criança mais centrada, tinha muito respeito pela individualidade. A presença dos pais na escola era

de passar a idéia para os filhos que as coisas são construídas, que não são dadas prontas.

- **A participação dos pais influenciava o trabalho do professor, atrapalhava, existia resistência, tensões, algum tipo de cobrança ? Quais ?**

Tinha uma cobrança sim, mas dentro de uma perspectiva de estar construindo juntos uma coisa, não me lembro da cobrança de algum serviço, se está bom ou não está, mas uma cobrança de quem está em um processo, “conserta aqui, ali”, que está tentando aprimorar para as coisas funcionarem. Mas pais que cobravam de outros pais, ou de professores cobrando de outros professores, “ah você está lendo menos, não está desenvolvendo”, então era uma cobrança necessária.

E vivendo entre os pais onde começa a interferir, porque não dá para fazer todo um trabalho e vem o pai e fala “não pode fazer assim”, como acontecia em algumas reuniões e aí toda a coisa muda.

Então a colocação tem que ser pertinente porque se não bagunça todo o trabalho do professor, bagunça para a criança também, “não é assim, não é assado”, teve um ano que no meio do ano saiu uma professora, assim de repente e foi em uma turma importante, foi no prézinho, e todo o pré estava ligado com a coisa pedagógica, de falar “a pega no pé”, “se está bom ou não está”.

- **Como era a sensação entre as pessoas que participavam, o clima, o ambiente de cooperação, existia o momento das conversas, dúvidas, troca experiências ? Em que isto resultava ?**

Como não havia canais para expressão, o que acontecia era uma participação maior, então discussão havia, estudo havia, mas dentro de um contexto difuso, o grupo nunca teve muito claro o fórum de discussão correto das coisas, então as experiências de muitos professores foram pouco aproveitadas, o que eu me lembro é que havia muita abertura para estar ouvindo, eu me lembro que veio uma professora do Paraná com uma experiência de ensino, dela colocando bem a experiência inovadora e todo mundo ouvia com muito cuidado, então havia muita discussão muito dinamismo, mas era uma panela de pressão, apesar dessa turbulência toda, foi um momento muito rico e eu acho que contribui para outras coisas, como foi o caso da Ruth que levou o Freinet para a escola pública, e outras pessoas que levaram essa experiência alternativa para outros lugares, acho que isso repercutiu em estruturas de escolas mais tradicionais.

- **Reclamações, sugestões, idéias, iniciativas, como eram recebidas e encaminhadas?**

As reclamações não tinham definições claras de como iam ser colocados. As iniciativas como as reclamações eram sempre bem vindas, as iniciativas não eram bem vindas em qualquer situação. Foi o momento de viver uma utopia, então tanto as reclamações, quanto iniciativas aconteciam nesse poço, não tinha nada estruturado.

- **Como você descreveria os momentos em que os pais, professores e crianças estavam juntos na escola ? O que se fazia nestes momentos ?**

Esses momentos era mais quando acontecia o mutirão, eventos, entrada e saída das aulas. E você estar junto, ajudando a cortar a madeira, então era uma sede muito

grande de fazer as coisas, e o filho estar junto com os pais, e não terceirizar que hoje é uma coisa muito comum, onde as pessoas pagam para não fazer. Era fazer, mostrar, desmistificar coisas.

Eu me lembro do Mário, era um professor que a moçadinha gostava muito, não sei se é como uma figura masculina, muito brincalhão, colocou coisas desafiadoras, brincadeiras com teatro do lado de fora, então veio na minha memória o Mário com muitas crianças em volta e o meu filho junto, então tinham alguns professores que se destacavam nessa coisa da empatia maior, da criançada com ele.

- **Delimitação do espaço entre pais e professores, como se dava o limite entre os papéis desempenhado por ambos ?**

Havia mas não era uma coisa muito estruturada, era difuso, não saberia muito bem dizer isso. Como a gente estava em um processo inicial, o aprendizado era violento, a gente era muito nova, a gente confundia os canais, não pegou uma escola preparada, que era de tal hora a tal hora, que as horas estavam travadas no relógio, a gente adentrava a noite, virou o quintal da sua casa, então nessa medida onde tudo é dividido. Então foi muito importante porque foi muito rico porque ao mesmo tempo que a coisa era confusa por essa falta de estruturação, porque não havia estrutura mesmo e a gente tinha aquela coisa de revelar contra uma autoridade, a gente não tinha nem um governo para estar botando limites nas discussões, e isso foi um pouco mais adiante, isso deu um perfil para a primeira fase da Curumim, acredito que para as pessoas que não estão mais lá as pessoas já tinham se filtrado, peneirado, para sair daquele momento político, meio exacerbado uma coisa de você estar vivendo na estrutura pedagógica.

3 - Histórico da instituição:

- **Nome da escola no período da fundação:**

Era Curumim significa índio criança, estava voltado todo para aquela ligação com a natureza. E como na nossa sociedade tem uma exploração muito grande em relação às pessoas e natureza, como somos brasileiros e o nome filho de índio. Então junta a relação da criança com a natureza, e a educação que para a gente é uma coisa presente para a gente como os índios educavam os seus filhos, para a vivência, desde cedo os filhos aprenderem com os pais como caçar, jogar arco e flecha, como é o desenvolvimento a autonomia, ele vai vivenciando desde cedo a sua relação com a natureza e vai aprendendo naturalmente.

- **Local ocupado pela escola, escolha pelo espaço:**

A gente fazia questão de ser em uma chácara, onde tivesse um espaço grande, foi uma casa alugada, ela foi redimensionada, a gente não quebrou nada. Escolhemos o local pela área verde, ampla que dava para montar os ateliês, quadras.

- **Prédio , número de salas, repartição dos espaços:**

Era uma casa que foi reaproveitada, como era ampla a gente fez alguns rearranjos, então a criança tinha um espaço bom, não ficava confinada, era um espaço que dava

para fazer os ateliês, vários campos de atividade e quase todas as salas estavam voltadas para a área verde.

- **Número de alunos, professores, funcionários:**

No total eu acho que tinham 40 pais, no começo todas éramos jovens e tínhamos um ou dois filhos, 9 a 10 professores .

- **Períodos , séries:**

No começo de tudo a gente não trabalhava com séries, porque Freinet não trabalhava com séries, então tinha turmas de 2 anos à 4, e outra de 4 à 6. Era do maternal até o pré, depois entrou a primeira logo em seguida, então acho que em dois anos já tinha a primeira série.

- **Estava ligado à alguma organização, quem mantinha:**

Era uma associação sem fins lucrativos, formado por pais e professores.

- **Formação profissional das pessoas envolvidas, número de membros que participaram da fundação:**

Os pais a maioria era professor de nível universitário, se não trabalhavam na Unicamp era na Puccamp, eram pessoas que tinham o terceiro grau.

- **Surgimento do projeto pedagógico, quais eram os objetivos da escola?**

No começo não era sair de Piaget para Freinet, ela foi colocada depois de algum tempo não me lembro qual, então meio que vestiu a camisa. A Ruth era mãe e passou a ser professora mais para frente, ela foi à frente como coordenadora pedagógica, ela era uma mãe e como já conhecia muito de Freinet, e estudava muito, entrou nessa de fazer a proposta pedagógica. A gente tinha esperança de estar tentando construir um espaço onde a criança estivesse desde cedo uma noção mais livre quanto a educação.

- **Metodologia:** Era uma questão da criança estar na natureza, por ter um conhecimento através de uma prática, tinha muita liberdade para estar discutindo as regras inclusive, você sentia que as crianças respondiam mais pelos seus atos. Tinha um outro lado que me preocupava que era a dos limites, as crianças não viam o fim, não se sentiam impunes, pois os limites não eram muito claros, então a gente tinha muita discussão e o outro tema era a agressividade, então chamamos pessoas para estar falando sobre esse assunto, era agressividade sexualidade, assim o tema da agressividade era um dos temas mais quentes, “nós temos um ambiente tão bom porque é que tem que rolar isso ? “ , então às vezes passa pelo limite, a regra, tem que ser colocado com respeito, mas ser colocado, inclusive rolava algumas coisas sobre a sexualidade que deixava desbaratinado que muitas vezes era por conta de não ter regras claras, porque o mundo infantil é um mundo selvagem, eu acho, eu tenho quatro filhos, já trabalhei com crianças, e eu fico impressionada, às vezes elas ficam ao sabor, o que acontece é do arco da velha, de sujeição, exploração, é a coisa do arco, então a regra é importante ser colocada não para reprimir, mas para desenvolver nela o humano, porque se não fica bichinho mesmo.

As crianças eram agrupadas por idade, na faixa de 4 a 6 eu achei problemático ficar nessa faixa porque havia diferença entre as crianças, porque você tem que estar cuidando da alfabetização, enquanto outras crianças que estavam interessadas em coisas completamente diferentes. Funciona se você tem como filiar e estar entendendo isso aí. E tem um outro lado dos pais estarem questionando se a escola nessa abertura toda, de ser renovada vai dar conta de passar o conteúdo numa estruturação de conhecimento e aprendizagem para que a criança esteja apta para cursar outra escola depois. Depois de uma certa fase eu achei complicado as idades, eu achava que a escola não estava bem estruturada para colocar crianças de 4 a 6 anos em uma mesma turma, uma professora só. No final do ano eu tirei o meu filho, porque achei que estava afetando a forma de estrutura, podia não estar acontecendo com algumas crianças, mas ele era todo molecão e eu percebia que ele precisava de mais limite, então eu coloquei ele em uma escola que tinha bastante limite, isso era uma coisa que estava me preocupando, e ninguém tinha muita coragem para colocar limites, e tinha uma coisa ideológica que era contra isso, bom eu acho que vou tirar o meu filho porque é hora dele estar se estruturando, e depois na outra escola ele falou “nossa mãe agora eu sei o que eu tenho que estar fazendo e o que eu não tenho”. Tinha muitos pais que achava que aquilo era lindo e maravilhoso. Mas com o tempo a escola foi colocando, diferindo, separando uma coisa da outra, o que é ter liberdade. Eu e algumas outras pessoas que achava que tinha uma coisa importante, a gente se rebelava contra a forma de educação, tanto que depois a gente foi montar uma outra escola que também é alternativa, cujos professores eram idealizados por mim, a Bete e a Arlete fundaram outra escola, que é a terceira, e eu fui para essa depois e dei aula. Depois essa coisa do limite ainda era um tabu, acho que está deixando de ser a uns sete anos, que as pessoas foram criando uns tiranos e isso foi ficando desconfortável. Mas antes o limite era como se você estivesse indo contra a evolução das coisas.

Eu achava que eles precisavam de uma pessoa muito atenta e experiente para você estar com crianças de 4 a 6 anos, conhecer o ritmo de cada um e estar trabalhando com o conteúdo. Se você está com uma pessoa menos experiente, eu acho que ela vai breicar com o desenvolvimento de algumas crianças. Por exemplo, eu acho que o meu filho ficou prejudicado porque ele teve que fazer o pré, saiu dessa faixa de 4 a 6 anos que teoricamente estaria englobando o pré e ele foi para uma outra escola e não passou no teste, se a escola está dizendo que não está dando é porque ele está precisando se estruturar. Então coloquei em uma escola para estar fazendo o pré inteirinho, por motivos de impasse, de desconforto. Outras crianças já conseguiram entrar no primeiro ano direto porque tiveram uma professora como a Ruth, mais experiente que estruturou.

- **Reuniões, frequência, quem participava, o que se discutia ?**

A gente tinha reuniões constantes, quinzenais, a gente não ficava duas ou três semanas sem fazer reunião não. Tinha uma frequência razoável. As reuniões terminavam uma hora da manhã, os pais e professores ali, virou uma assembléia estudantil. A gente confundia muito as estações querendo restaurar uma pedagogia que tinha mais a haver com o desenvolvimento da criança, no momento político não tinha canal para isso.

- **Como era feita a contratação do professor, exigências, preferências, a formação acadêmica e a filosofia da escola, o que buscava neste profissional de acordo com o que esperavam da escola ?**

Dos profissionais que trabalhavam na escola muitos eram formados, alguns estavam estudando Psicologia, Artes Plásticas, Pedagogia, Filosofia. Mas a maioria ou era formado em Pedagogia ou estava estudando Pedagogia. A escola não tinha uma coisa formal de contratação, assim não abria uma vaga ou uma fixação de pré requisitos. A coisa era muito de conhecimento, de conhecer alguém que se interessou pela proposta, era estudante, ou ia se formar, mas a maioria em raríssimas exceções era estudante da universidade, então a coisa era muito informal. Era de estar discutindo, corrigindo no calor da coisa, a gente pegou pessoas que não estavam tão afinados com a proposta.

- **Problemas encontrados na estruturação da escola:**

Como a escola não estava bem estruturada, tudo era na camaradagem, no oba oba, a gente tem receio de estar colocando certas coisas, e certas cabeças para rolar. Começou a haver discordâncias entre as pessoas na maneira de conduzir, estruturar, isso caminhou para a cisão. Aí ficou um grupo o outro saiu, mas ao longo do período as pessoas foram discordando com algumas coisas da escola, alguns pais concordavam com uns, outros com outro, e cada um segura com unhas e dentes a sua proposta e isso eu acho que acabou atrapalhando. Quem foi que vingou foi a Ruth, pegou com unhas e dentes a vivência de Freinet como um sentimento novo para a vida dela e transmitiu por aí. As pessoas que concordavam ficaram, mais uma vez entra a coisa de nós como pais de não sabermos muito discernir até onde a gente poderia estar entrando, e as dificuldades de estruturar uma escola, que não é uma coisa fácil, e tem que haver um custo maior, fica muito ao sabor das reuniões que aconteceu muito .

- **Papéis, função de cada membro na construção da escola, responsabilidades assumidas:**

Eu não me lembro se existia um presidente, no decorrer do processo ficou mais evidente para mim a coordenação pedagógica. Não me lembro da direção, mas do processo pedagógico. Eu me lembro que ajudei a escrever um texto para os pais porque não estavam pagando a mensalidade, eles pagavam tempo após o dia e isto estava prejudicando a escola no pagamento dos professores, luz. Nesse dinamismo todo a gente confundia liberdade com responsabilidade, então estávamos preocupados com as prestações de contas. Depois colocamos alguma coisa sobre uma multa para os dias de atraso, antes isso era colocado como um palavrão, fizemos uma campanha para chamarem as pessoas para a realidade.

- **Formas de divulgação da escola:**
Os desenhos das crianças e boca a boca.

3.1 - Perfil da clientela no período da fundação:

- **Quem eram as famílias do ponto de vista econômico?**
Eram assalariados, classe média.

- **Como conheceram a escola?**

Todos conheceram na Unicamp, redondezas do Guará, porque a própria escolha pelo bairro de um local arborizado, mais contato com o verde, ajudaram na escolha da escola. O boca a boca pela Unicamp, os desenhos e pinturas das próprias crianças, cartazes colocados em Barão, não tinha um marketing.

- **Qual a profissão dos pais?**

Professores de Universidade, médicos, vinculados com Universidade.

- **Procura pela escola , demanda atendida:**

Tinham poucos alunos.

- **Atendia portadores de deficiência física/ mental?**

Nesse momento não me lembro, acho que não tinha.

- **Pais separados?**

Tinha alguns casos, naquele momento a maioria era casado, mais para frente as pessoas começaram a se separar.

- **Você quer acrescentar alguma coisa ?**

Eu acompanhei a escola uns quatro anos, o tempo que o meu filho estudou lá.

ROTEIRO No. 3 : Pais fundadores

ENTREVISTA no. 4 realizada no dia 6 de outubro de 1999 com Roseana Exaltação Trevisan, mãe fundadora da Escola Curumim.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome:**

Roseana Exaltação Trevisan

- **Formação:**

Física, e mestrado e doutorado na área de Engenharia Mecânica, atualmente é professora titular desta Faculdade.

- **Motivos para a criação da escola:**

Não me lembro, na época eu estava trabalhando e precisava deixar meu filho em uma escola, algum lugar que fosse perto de casa, descontraído porque eles eram muito pequenos.

- **Participação no processo:**

Minha participação não foi muito ativa, eu participei como mãe, ajudava na parte de tesouraria, eu não era tesoureira, mas ajudava. Ia lá todos os dias, conversava, era muita troca de informação de como as crianças estavam indo, porque todas nós éramos amigas. Participei de muitas reuniões .

- **Estrutura da escola:**

A escola era no Guará, onde hoje é a padaria, eu não me lembro se existia um presidente, era uma cooperativa de pais e professores, mas acho que elegia um presidente que era o responsável, e a gente discutia o gasto, era apresentado, tinha alguma coisa desse tipo.

- **Princípios:**

Eu não me lembro o princípio, mas para mim era que a criança não chorasse, sentisse bem, que as crianças voltassem para casa bem sujas, cansadas. Tinha todo um embasamento em Freinet, sobre a liberdade da criança . Nessa época nossas crianças não comiam açúcar, comiam arroz integral, hoje o Camilo e o Chico são umas formigas.

2 – Participação dos pais:

- **Quais as formas de participação dos pais na discussão da proposta pedagógica da escola ?**

Tinham as assembléias, reuniões de turma.

- **Como era a participação dos pais na consolidação da proposta da escola ?**

A maioria se interessava, nós tínhamos reuniões, assembléias, discutíamos desde o programa o que iria ser feito, era tudo muito aberto muito discutido. As professoras tinham uma formação muito boa, então não era muito fácil, porque elas tinham muitos argumentos, mas tinham outras pessoas da área de humanas que tinham uns bate bocas muito grande. Mas se chegava a um consenso, se achava que era isso ficava assim. Nessa época estudaram os meus dois filhos, depois a gente mudou para um outro lugar, e quando voltamos a minha filha estudou na Casinha João de Barro, que foi uma escola montada pela Arlete e Beth com uma outra proposta pedagógica. Foi a época em que a Curumim saiu do Guará e mudou perto da CPFL. Mas na outra escola a Beth e a Arlete eram donas da escola, já a Curumim era uma cooperativa, onde tinham assembléia.

- **Como era a relação entre professor e pais ?**

Era de muita camaradagem porque todas nós éramos amigas, era a mãe do Camilo, a mãe do Breno, a mãe do Dani, e aí era as nossas amigas. A relação com professor e pais era ótimo, mas quando chegava aquela assembléia, foi muito desgastante. Ah ! Tinha uma coisa muito interessante, as mães pegavam os filhos na sala de aula, então o contato diário, o contato da mãe com a professora, então a gente tinha um relatório diário sobre o que aconteceu com o filho na escola, não era uma coisa formal, mas informalmente você tinha esses relatos, “e aí como foi hoje?“, “ah fulano brigou com siclano?”.

- **Como via a participação dos pais na escola ? No que ela poderia contribuir para o processo educativo ?**

Os pais se intrometiam demais, era muita gente dando palpite, e por mais que éramos amigas ficava uma coisa desgastante, éramos bicho grilo. Mas você podia dar palpite, chegar na hora que quiser. O meu interesse maior era que ele brincasse, gostasse, e não sentar na sala e escrever, essas coisas, mas era essa coisa da convivência mesmo, o espaço.

- **A participação dos pais influenciava o trabalho do professor, atrapalhava, existia resistência, tensões, algum tipo de cobrança ? Quais ?**

A tinha muita cobrança, as professoras eram umas fadas, tinham um saco para agüentar as cobranças das mães, tinha muita liberdade, o meu filho era da turma da pesada, eram meninos muito grande, então brigavam demais. Acho que era muita liberdade, era demais.

- **Como era a sensação entre as pessoas que participavam, o clima, o ambiente de cooperação, existia o momento das conversas, dúvidas, troca experiências ? Em que isto resultava ?**

Tinham grupos de pais, algumas participavam muito, outras não porque trabalhavam demais, então ficavam os grupos, daqueles que participavam, dos pais dos amigos dos filhos.

- **Reclamações, sugestões, idéias, iniciativas, como eram recebidas e encaminhadas:**

Esse contato diário da entrada e saída quando a gente pegava as crianças acabava resolvendo algumas coisas, porque você acompanhava tudo muito de perto, não era uma coisa superficial. Mas tinham as assembléias, as reuniões de classe que a gente trocava idéias, opiniões e chegava a um consenso.

- **Como você descreveria os momentos em que os pais, professores e crianças estavam juntos na escola? O que se fazia nestes momentos?**

Tinha momentos sim, como festa junina, juntava o grupo sempre relacionado com as crianças. Tem uma fase na vida da gente que ficamos amigos dos pais dos amigos dos filhos da gente, é uma coisa natural, então era mãe do Breno, mãe do Camilo, mãe de não sei quem, que ficavam juntas, conversavam, juntava todo mundo. Mas existia um grupo mais radical, das pessoas que tinham uma formação. Mas tinha uma coisa muito importante, é que não tinham canais de expressão na época por causa daquela ditadura, então as pessoas tinham bandeiras, então o fato de participar do processo de educação era muito importante. Tinha mutirões, construir brinquedo, prateleira, ajudava na parte financeira, prestação de contas. Todo mundo falava muito, mas na hora do vamos ver, meia dúzia que acaba ajudando.

- **Delimitação do espaço entre pais e professores, como se dava o limite entre os papéis desempenhado por ambos?**

Não era uma coisa rígida, porque as professoras eram amigas nossas, e os nossos filhos estavam juntos, a gente confiava muito na capacidade delas.

3 - Histórico da instituição:

- **Nome da escola no período da fundação:**

Curumim, agora não sei, não lembro o motivo.

- **Local ocupado pela escola, escolha pelo espaço:**

Não sei, era a chácara da Dona Lourdes.

- **Prédio, número de salas, repartição dos espaços:**

Era um quintal muito grande, tinha árvore, muita plantinha, tinha bichinho, tinha umas três ou quatro salas, cozinha, banheiro, era uma casa, uma casa boa, a louca da Dona Lourdes alugou para uma escolinha.

- **Número de alunos, professores, funcionários:**

Eu não lembro o número de pessoas, mas tinha uma faxineira.

- **Períodos, séries:**

Funcionou sempre na parte da manhã, e as crianças eram organizadas por idade. As crianças entravam com 1 ano e meio, parece que eles pediam para quando não estivesse usando mais fralda. E aí eu tirei a fralda do Chico para ele poder entrar na

escola, ele fazia cocô na calça, essa história do Chico é famosa. Eu não me lembro o intervalo das idades das turmas, mas acho que era de 1 ano e meio a 2, de 2 a 4.

- **Estava ligado à alguma organização, quem mantinha ?**

Na época estava ligado aos pais e professores.

- **Formação profissional das pessoas envolvidas, número de membros que participaram da fundação:**

Todas eram normalistas, depois fizeram curso universitário, algumas tinham diploma superior, mas sempre participavam de congressos, seminários, estavam sempre informadas.

- **Surgimento do projeto pedagógico, quais eram os objetivos da escola:**

Acho que era a liberdade, aprendiam muito, mas de uma maneira descontraída, relaxada. Eu tinha muito claro desde aquela época que era só a pré escola com essa proposta, depois coloquei os meus filhos em escolas tradicionais, porque depois eu queria alguma coisa mais rígida. E na pré escola ele era muito pequenininho, então procurei uma coisa que não fosse tão rígida.

- **Metodologia:**

Era muito natural, solto, as crianças brincavam muito, meu filho sempre chegava sujo em casa, as crianças eram livres. Tinham até lanches comunitários em cada dia da semana uma criança levava lanche para todo mundo, até em festa de aniversário. Era desde a alimentação até as atividades. As crianças andavam pelo Guará, iam na minha casa, ficavam a tarde lá.

- **Reuniões, frequência, quem participava, o que se discutia?**

Muitos pais participavam. Nas reuniões eram horas discutindo coisas babacas, bobas e era muito radical.

- **Como era feita a contratação do professor, exigências, preferências, a formação acadêmica e a filosofia da escola, o que buscava neste profissional de acordo com o que esperavam da escola ?**

Não sei.

- **Problemas encontrados na estruturação da escola:**

Tinha problema financeiro, e como tinha muita liberdade, e cada um dava um palpite, coisas extremistas, não era muito profissional, era muito amadora a coisa.

- **Papéis, função de cada membro na construção da escola, responsabilidades assumidas:**

Era muito voluntário, quem queria participar ia, mas ficava uma fofoca, “um veio, o outro não”.

- **Formas de divulgação da escola:**

Não lembro.

3.1 - Perfil da clientela no período da fundação:

- **Quem eram as famílias do ponto de vista econômico?**

Eram todos universitários, estudados, tinham um ideal daquela geração.

- **Como conheceram a escola ?**

Muitos moravam aqui no Guará, eu escolhi porque ficava perto de casa e na correria uma escola perto de casa ajuda bastante.

- **Qual a profissão dos pais ?**

A maioria tinha curso universitário.

- **Procura pela escola , demanda atendida:**

Tinham poucos alunos.

- **Atendia portadores de deficiência física/ mental ?**

Tinha, inclusive tinha um profissional na classe, e eles achavam que esse contato com crianças com deficiência era importante para as outras crianças também, acho que era deficiente mental.

- **Pais separados ?**

Tinha também.

- **Você quer acrescentar alguma coisa ?**

Acho que foi uma época muito boa para o Chico porque até hoje ele lembra claramente de coisas que aconteceram na escola quando ele tinha 4 anos de idade, e que foram significativas. E as minhas amigadas de hoje são as pessoas que eu conheci naquela época e ficou uma coisa forte, bom, mas desde aquela época eu tinha claro que era uma fase, eu não queria que o meu filho fizesse o primeiro grau. Eu achava que aquilo era uma coisa fora do mundo, então na hora do vamos ver, que tinha que aprender a ler e escrever eu queria uma escola convencional.

Mas esse contato direto com a professora era muito bom porque contribuía para o desenvolvimento da criança, eu gastava 10 a 15 minutinhos para buscar a criança na escola e não era aquela coisa fria de marcar um horário para conversar.

ROTEIRO No. 1: Diretor ou coordenador

ENTREVISTA no. 5 realizada no dia 19 de outubro de 1999 com Gláucia de Melo Ferreira, atual diretora, coordenadora do primário da Escola Curumim e trabalhou como professora na fase inicial da escola.

1- Quem é meu entrevistado:

- **Nome:**

Gláucia de Melo Ferreira

- **Formação:**

Pedagogia na Unicamp.

- **Há quanto tempo trabalha e como conheceu a instituição ?**

Eu entrei em 80. Na época no meio pedagógico a Curumim era uma escola que estava com uma proposta nova, então pelos próprios colegas da Pedagogia eu fiquei sabendo e vim para conhecer para fazer estágio.

2- Instituição:

- **Como é a organização administrativa da escola ?**

Hoje ela é uma sociedade com oito sócios, cada sócio trabalha aqui, por exemplo, eu sou a diretora da escola e coordenadora do primário, tem a Rina que é coordenadora do ginásio, a Mônica é coordenadora da pré escola, a Regina é coordenadora do pessoal administrativo, o Lupa é o coordenador das finanças, a Tânia é professora da primeira série, a Anita professora do maternal e a Simone professora do ginásio.

- **Organograma:**

Existe esse grupo coordenando essas áreas, todo mundo trabalhando e é um organograma mais horizontal. Todas as pessoas da mantenedora estão exercendo a sua função e abaixo dela os professores e funcionários.

- **Algum pai faz parte do corpo de funcionários, qual a função, desde quando trabalha na escola ? Por que ?**

Todos os professores que tem filhos, estes estudam aqui, é um direito do professor ter o filho estudando aqui. A Estela é mãe e trabalha na biblioteca, a Clarice que era antigamente sócia da escola, foi um membro fundador da escola, agora presta um serviço na escola, tem o Marcos Espagnol que é o arquiteto da escola presta serviço de assessoria reparos manutenção.

- **Metodologia de trabalho:**

Pedagogia Freinet. Temos um grupo de estudo, reuniões pedagógicas. A reunião pedagógica é quinzenal, então são três setores: o da pré escola, primário e ginásio. Quinzenalmente reuni o pessoal da pré escola, na quinzena oposta o pessoal do primário e o pessoal do ginásio reuni um outro dia da semana quinzenalmente, à vezes

a gente faz uma reunião com todos. A reunião do grupo de estudos acontece também alternada: toda Segunda tem reunião na escola ou é do primário ou é da pré escola, terça- feira ou é do ginásio ou do grupo de estudos.

- **Quais os problemas, as dificuldades encontradas na parte administrativa da escola ?**

Problemas tem sempre, temos problemas financeiro nosso é delicado porque é uma escola pequena, poucos alunos por sala, então não dá uma situação confortável para você administrar, então a maior questão é financeira mesmo. Nós não temos uma mensalidade baratinha, mas é uma mensalidade razoável dentro do mercado, mas como são poucos alunos dá uma situação apertada. Temos outros problemas também como o de toda escola. São coisas naturais que fazem parte do processo, então a gente vai, conversa, procura resolver.

- **Composição do quadro funcional:**

São 14 professores mensalistas, que estão todos os dias com a turma da pré escola e do primário. Mais 8 professores do ginásio, mais os professores horistas que trabalham no primário, música, educação física. Nós estamos com um grupo de 23 a 24 professores, contando os auxiliares, professor que vem dar aula no período integral dá uns 25 professores. Funcionários temos uns 10 faxineira, porteiro, cozinha, jardineiro/caseiro. No quadro todo devemos estar com 35 funcionários.

- **Abrangência de atendimento:**

Desde o maternal até a 8ª série.

- **Perfil da clientela:**

Hoje nós temos um perfil de clientela bastante variada. Até o ano passado nós tínhamos um perfil mais classe média, professores da Unicamp, Puccamp, a maioria de um nível universitário. O ano passado nós abrimos um esquema de bolsa de estudo para alunos, nós fizemos um concurso na turma onde nós tínhamos vaga e nós fizemos um acordo com a creche aqui na frente da irmãs, elas têm um serviço de creche e atendimento de crianças que ficam na escola pública, então essas crianças vieram da escola pública para nós, então hoje a gente tem um perfil mais variado, tem pai de aluno pedreiro, perueiro, de um outro setor da sociedade que a gente acha que é muito interessante, para promover um convívio mais diversificado, para oferecer bolsas de estudo, que não são integrais, eles pagam alguma coisa, de acordo com o orçamento deles. Tem criança que tem só a mãe e ela é faxineira, esta criança paga 10 % da mensalidade, então de uma mensalidade de 300 e poucos ela paga mais ou menos R\$ 30,00, mas a gente acha que é importante que ela pague alguma coisa, porque não fica uma relação muito paternalista, é pagar dentro do que pode.

A gente organizou uma prova, chamamos, divulgamos aqui e em algumas escolas públicas, divulgamos isso, vieram os inscritos e aí fizeram a prova depois fizemos uma avaliação da situação sócio econômica, fizemos com cada família, fizemos um levantamento de como é a situação em casa, e a partir daí a gente fez o perfil de bolsa para a escola. E isso dá resultado, e é muito positivo, então nós repetimos isso.

2.1- Participação dos pais:

- **Como a escola vê a participação dos pais ?**

A gente vê com bons olhos, e quer que participem, só que hoje nós vivemos em uma situação que as pessoas vivem no corre corre, estão trabalhando o dia inteiro, o marido e a mulher, então é difícil você ter mais contato. Mas a gente tem reuniões, quando os pais sugerem alguma coisa, ou dúvida eles vêm. Mas também é uma situação conflituosa porque se você for pensar bem, a mãe e o pai muitas vezes discutem por causa da educação do filho e estão os dois ali, imagine a escola e a família, você pode fazer uma comparação, muitas vezes a gente está conduzindo para um lado e os pais para outro, então você sempre precisa estar dialogando, estar buscando esta conversa porque não é fácil, mas a nossa postura é sempre de diálogo.

- **Há um contexto legal que institucionalize a participação dos pais ? Qual é ? como esta participação pode se dar ?**

Não .

- **Quais os limites, liberdade entre papéis dos pais , professores e alunos?**

Se eu for dizer o que foi a Curumim antigamente fica mais fácil estabelecer os limites. Antigamente era uma cooperativa de pais e professores, então o relacionamento era muito difuso, pois exerciam todos os papéis, os pais participavam, administravam, votava em assembléia e o professor também, participava no administrativo, no financeiro, era uma coisa de todo mundo exercer todos os papéis, com o processo que a escola foi vivendo de deixar de ser uma cooperativa de pais e professores, de passar para uma mantenedora como ela é hoje, obviamente estes papéis foram se desenhando, o que é papel da escola, o que é papel dos pais, então hoje você não tem uma situação de 18 anos atrás, que era dos pais fazendo lista de compras de materiais pedagógico, ou dos pais discutindo questões de gasto, quanto compra disso, como paga aquilo, ficava muito misturado, uma coisa na outra. Eu vivi uma parte disso, quando entrei ainda era uma cooperativa, era uma situação difícil de administrar, era inadiministrável mesmo.

Hoje não, quem vai pensar se economiza ou não economiza energia elétrica, água, somos nós, quem está administrando dinheiro somos nós. Por outro lado quem está interessado em aproximar mais, compartilhar com os pais do projeto pedagógico somos nós, é claro que a gente quer compartilhar desse projeto pedagógico. Se a gente comparar um casal educando um filho, eles tem que compartilhar o projeto, se não um educa de um jeito o outro educa do outro, o filho não vai entender nada, o nosso compromisso é por quê estamos fazendo, o que estamos fazendo, o que o profissional faz, compartilhar desse projeto, porque quem vai sair beneficiado desse processo é o aluno, essa é a nossa preocupação, para isso a gente não precisa administrar a escola juntos, como foi o projeto inicial da escola, usando uma frase que ficou muito famosa na época, “pergunta aos pais o quanto a gente compra de papel higiênico”. Precisamos conversar com eles o nosso projeto, as nossas atividades, então essa separação de papéis é positiva.

- **Em que momentos de participação dos pais na escola pode contribuir para o aprendizado da criança?**

Todos os momentos, os pais precisam estar confiando na escola precisa estas apostando nesse mesmo projeto, se não fica conflitante, então a criança leva uma lição de casa, o pai não vai sentar e fazer a lição de casa junto, mas ele vai conferir se fez, vai perguntar, ele vai se interessar, participar da vida da criança, querer saber *“ah que bom tem lição”*, *“precisa pesquisar”*, essa participação é muito importante para a criança é uma situação de afeto para a criança. Mesmo em outros momentos, as festas, as reuniões, as entrevistas quando necessárias, todas as atividade da escola, ter a presença do pai, mesmo que não seja física é uma presença, é uma presença simbólica muitas vezes, a criança tem que sentir *“ah meu pai me pôs nesta escola porque é isso que ele acha bom para mim”*.

- **A participação dos pais influencia o trabalho do professor, atrapalha, prejudica, como é a relação, existe resistência, tensões, algum tipo de cobrança ou conflito ?**

Eu posso te falar uma coisa assim, é muito mais aprender essa convivência também faz parte do amadurecimento do processo da escola, então quanto mais você tem resistência em relação aos pais, muitas vezes por ele fazer uma crítica, não porque ele quer detonar, mas ele quer se colocar, mostrar a forma como ele está vendo a coisa. Quando a gente põem resistência, não ouve, acha que ele está sendo injusto e fica na defensiva, isso não vai levar a nada, então eu acho que a atitude de momento de fechar para a participação dos pais ao longo desse processo histórico no decorrer dos anos. Ela teve momentos de fechar muito mais, mas como reação a um processo anterior que era de completa abertura, então teve momento que a gente falou *“não, não queremos pai lá”*.

Hoje eu acho que tem um limite, tem pais que vêm falar *“ah porque vocês não adotam uma apostila?”* e eu digo, *“então o senhor está na escola errada”*, porque é um limite nosso, nós não vamos fazer tudo o que os pais querem, nós compartilhamos um projeto pedagógico, quando o pai matriculou o filho deveria ver isso, certos limites a escola vai estabelecer, *“o nosso estilo de trabalho é assim”*, *“a nossa linha é assim”*, mesmo sendo uma linha de trabalho, em grupos de estudo, em reuniões, a gente tem que se abrir para críticas, então a gente tem que ouvir sim. Eu acho que existe hoje, a participação dos pais é assim é uma clareza maior dos limites, saber escutar as críticas, e saber filtrar o que é pertinente, pode contribuir para o projeto da escola.

3 - Espaço físico:

- **Endereço :**

Rua : Santa Maria Rosselo, 141. Mansões Santo Antônio.

- **Terreno pertencente à escola, quem ajuda financeiramente?**

Não pertence à escola, nós estamos em uma situação delicada, é alugado. A mudança do outro endereço foi obrigatória, nós estávamos há 13 anos, cada vez mais o proprietário estava aumentando o aluguel e ele queria a chácara. Aí a gente foi se organizando, montando a mantenedora e cada sócio entrou mesmo com dinheiro para financiar a mudança porque a escola não teria condições de fazer isso na época, e

lançamos nessa aventura de montar a escola, que durou quatro meses e meio. E também do ponto de vista do espaço que a escola estava piorou muito porque estava no meio de dois prédios.

- **Número de salas de aula, repartição do espaço (laboratórios, quadra esporte, cantina, biblioteca, etc):**

7 salas de aula, sala de informática, sala de música, cozinha, sala de vídeo, quadra de esportes, tanque de areia, biblioteca, almoxarifado, sala dos professores, secretaria/sala administração.

- **Número de alunos por sala, períodos, horários:**

São no mínimo 20 alunos por sala, maternal, pré, até a 8ª série, dois períodos das 7:45 às 12:15, 12:30 (ginásio) e da tarde das 13:15 às 17:45.

- **Atendimento ao público, utiliza o espaço para realização de outras atividades, necessidade dos pais:**

Cursos como este de Introdução à Pedagogia Freinet, festas nossas, coisas da escola dentro do calendário escolar. A gente usa para coral composto por pais, amigos e funcionários da escola.

4.1 - Profissionais pertencentes a instituição:

- **Quadro funcional: coordenação pedagógica, professores, assistentes, funcionários:**

São 3 coordenadoras, 14 professores menselistas, mais 8 professores do ginásio, mais os professores horistas que trabalham no primário, música, educação física. Nós estamos com um grupo de 23 a 24 professores, contando os auxiliares, professor que vem dar aula no período integral dá uns 25 professores. Funcionários temos uns 10: faxineira, porteiro, cozinha, jardineiro/caseiro. No quadro todo devemos estar com 35 funcionários.

- **Grupo, associação de pais que participam das decisões administrativa ou pedagógica da escola, se existe, como foi formado, processo de eleição, quanto tempo de existência e permanência :**

As pessoas fazem esse curso, a gente faz uma reunião e depois passa pelo processo de estágio, leitura, entrevista com as coordenadoras, observação das próprias professoras.

- **Especificar nível de escolaridade, formação continuada, qualificação dos professores :**

A maioria é de nível superior, alguns estão se formando, tem professor fazendo mestrado, fazendo outros cursos .

- **Jornada de trabalho, critérios para seleção do pessoal:**

A maioria está trabalhando meio período.

- **Sindicalizado, carteira de trabalho:**

Todos tem carteira de trabalho assinado e alguns são sindicalizados.

- **Rotatividade dos funcionários e professores, quanto tempo estão trabalhando na escola:**

Tem professor que já está à cinco, seis anos, a Vaniza com dez anos, tem algumas professoras novas que entraram este ano. Tivemos algumas saídas, então este ano entraram 4 professoras. Tem algumas pessoas que resolveram fazer mestrado, casar, ou foi fazer outra coisa na vida, ou outros planos.

4.2 - Perfil da clientela:

- **Quem são os alunos do ponto de vista econômico?**

Temos um perfil bem diversificado, a maioria é de classe média, sempre estudou em escola particular.

- **Como conheceram a escola?**

Isso acontece por vários mecanismos, desde a nossa propaganda em revistas, out-door, propaganda boca a boca, um pai fala para o outro, o fato da escola ter um projeto diferenciado, o fato de ser conhecida no meio pedagógico, educacional. Muitos pais gostam da escola por várias coisas, uma delas é o espaço físico que é bonito, cheio de árvores, a proposta pedagógica, o relacionamento, a atitude carinhosa com a criança.

- **Recebem algum tipo de bolsa?**

Sim, recebem de acordo com um concurso que fazemos e com o orçamento da família.

- **Perfil:**

Diversificado, tanto classe média, como de outros setores.

- **Procura pela escola, demanda atendida:**

Desde que a gente mudou de endereço aumentou a procura, ainda não é o que a gente gostaria. Atendemos 232 alunos.

- **Atende portadores de deficiência física/ mental?**

É uma escola inclusiva, temos alunos com Síndrome de Down, paralisia cerebral, problemas comportamentais, a nossa atitude é de ter esses casos, não mais que dois por sala de aula. Que são casos leves, às vezes existem casos escolares, que vem de outra escola, mas que não tem nenhum problema biológico, o método da escola massacra de tal forma, a criança gera o que a gente fala de doença escolar. Mas aí a gente nem poderia classificar como tipo de doença, especial.

- **Pais separados:**

Tem bastante, é uma realidade é muito comum ter nas escolas, apesar de tudo a criança sofrer o preconceito nas escolas mais tradicionais. Uma escola como a Curumim também é procurada por isso, porque provavelmente a gente não vai ter nenhuma atitude preconceituosa.

Roteiro no.4 : Professor que atualmente leciona na escola
Entrevista no 6 realizada no dia 23 de setembro de 1999 com Monica Campos Galvão professora da 1ª série e coordenadora da Educação Infantil da Escola Curumim.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome:**
Mônica Campos Galvão
- **Formação:**
Eu fiz o curso de magistério em São Paulo e vim para cá em 86, então eu já tinha magistério e dava aula. Eu fiz uns cursos de especialização, inclusive a educação infantil não tinha no meu curso de magistério separadamente. Eu fiz algumas especializações na Puccamp e agora estou fazendo Pedagogia na Unip.
- **Quanto tempo leciona na escola, para que série, matéria ?**
Trabalho na escola 13 anos. Eu já dei aula para todas as sala de educação infantil, para a 1ª, 2ª, 3ª, e a 4ª em outra escola. A cada ano eu pego uma turma isso depende da necessidade da escola, se tem um professor que conhece a proposta, então assume a turma. Atualmente dou aulas para 1ª série e sou coordenadora da educação infantil.
- **Por que escolheu trabalhar nesta escola ? Como tomou contato, conheceu a escola?**
Eu tenho uma experiência em São Paulo um pouco parecida, não era a mesma metodologia, mas tinha uma mesma proposta, muito para a linha do construtivismo e era parecido. Então uma diretora de lá (SP) me indicou essa escola, quando eu vim embora para Campinas e aí eu já comecei a trabalhar aqui, vim por indicação da diretora da escola de São Paulo e sabia de algumas escolas aqui que tinham uma proposta em que eu acreditava. Fiz estágios em algumas escolas, mas acabei optando pela Curumim, fui chamada.
Eu conhecia muito pouco da proposta, ouvi falar algumas vezes, era pouco divulgada. Hoje estuda um pouco mais a proposta de Freinet, mas antes não, pouco falava e as pessoas não conheciam. E aí na prática que eu fui estudar, foi uma coisa de estar vivenciando isso.
- **Como é o envolvimento e participação dos pais nas atividades desenvolvidas na escola, qual é a sua avaliação desta participação?**
A maioria dos pais são muitos presentes na escola, trazem os filhos todos os dias, alguns mais velhos vêm com transporte, mas a maior parte dos pais fazem eventos. Eles podem chegar na sala de aula, falar com o professor se necessário, se ele quer dar um alô ele entra na sala, fala rápido com o professor, ou se a conversa é mais demorada ele marca um horário para marcar uma entrevista.
Além disso nós temos quatro reuniões, já pré estabelecidas no ano, trimestrais. Temos quatro reuniões porque temos uma de planejamento, apresentação do planejamento de cada turma, e aí no final do primeiro trimestre temos outra reunião .

Aqui nós temos uma prática de estar atendendo as necessidades, então quando os pais tem uma necessidade de estar conversando marcam uma entrevista, e nós também quando sentimos que há necessidade de falar com os pais marcamos um horário, em uma tentativa de estar trabalhando junto, pais e escola, de estar procurando soluções para alguma dificuldade, de poder estar conhecendo mais o que está acontecendo com a vida da criança, às vezes ela está com algum problema em casa e a gente não sabe, às vezes ela tem atitudes aqui que acaba não compreendendo muito bem o que está acontecendo. E se sabe o que está acontecendo, se houve alguma mudança é mais fácil de entender o que está se passando com a criança.

Então tem isso de estar sabendo o que está passando no sentido de orientação, de reuniões, apresentações de trabalhos que estão sendo desenvolvidos, e tem também a participação deles, que é uma participação grande nos eventos da escola, em festas que acontece, os pais participam bastante, nas reuniões também vem e eles são muito interessados em saber como é o processo, como é essa proposta, nesta proposta como se trabalha tal coisa, a maioria deles sim, tem um pai ou outro que não é tão presente, mas não é a maioria na nossa escola tenta fazer as coisas junto, nem sempre consegue, mas tem uma movimento de estar tentando fazer o que combinou, de estar tentando falar a mesma linguagem.

Às vezes tem situações que eles não sabem como lidar, então eles vêm buscar na escola em como saber lidar com isso, até para ele ter uma orientação de estar lidando assim, de estar dando certo com tal criança, então vou tentar mudar, se não der certo então volta e vamos tentar achar outro caminho juntos.

Tem muito de parceria com os pais de alunos. Eu acho que é muito importante, eles participam da vida escolar do filho, a maioria participam, mesmo do ginásio que são maiores, são adolescentes, independentes, mas a maioria vem, marca entrevista, conversa. Nas festas muitos ajudam no que for necessário, e vem e trabalham na festa também, tem festas que são tranquilas, nós organizamos e não precisa disso, e tem festas que tem muito trabalho e eles sabem disso e vem para ajudar, então tem uma relação tranquila de proximidade com os professores, muitos pais sentem à vontade de chegar para colocar dúvidas, de perguntar se está precisando de alguma coisa. Além das festas, tem alguns pais que vem com propostas para a escola de dar uma palestra, um curso, ou fazer uma atividade com uma turma específica, tipo olha os alunos estão trabalhando com tal coisa e eu posso vir ajudar para dar uma palestra, colaborar com tal assunto, isso é uma coisa que não acontece com frequência, mas acontece também. E quando o pai não se propõem, e a turma está tendo um estudo a gente pede para ele ajudar e geralmente eles nos atendem. Então eu acho que a participação dos pais é grande.

Se eu penso em outra escola comparando com esta, aqui eles participam muito.

Se você for comparar os alunos daqui quando saem e estudam em outra escola eles estranham muito a relação com as pessoas, pois aqui todos se conhecem muito, sabem o nome de todos, os alunos do ginásio conhecem os da pré escola, e os da pré escola conhecem os do ginásio, tem uma relação próxima e conhecem enquanto indivíduo, tem a sua identidade, não está em um grupo tão grande porque a nossa turma tem um número reduzido de alunos, então é possível tem esse tipo de relação, de estar juntos, de ser companheiro, de ajudá-los no que está precisando.

Das crianças que saem daqui o depoimento que elas tem não é com o conteúdo, mas com a relação social, porque lá é muito mais fria, mais distante, mais longe, as pessoas

tem uma relação com eles muito mais objetiva, então a relação não tem um vínculo afetivo. E também pela proposta de trabalho, a relação é mais forte.

- **Como você acha que os pais poderiam aprimorar sua participação no espaço escolar ?**

Acho que os pais poderiam conhecer mais a proposta pedagógica, tem muitos pais que conhecem e tem muitos que não tem muito claro como é, então a gente vê que surgem dúvidas dos pais quanto a aprendizagem por não conhecer a proposta, por não saber o que é trabalhado ou não.

É uma proposta que valoriza a liberdade de expressão a autonomia, então às vezes tem uma idéia equivocada de que então não se trabalha. Mas trabalha, mas então como é que é, cada um faz o que quer, não é bem assim, ele tem o direito de escolher que tipo de atividade ele vai fazer, nesse momento ele vai fazer esse trabalho, então ele precisa fazer esse trabalho, então ele tem a liberdade de discutir isso com o professor.

Então eu acho que a gente poderia melhorar o conhecimento da proposta através de palestras específicas da turma, ou abertas gerais para a escola toda, então eu acho que eles poderiam estar conhecendo melhor a proposta, mesmo para poder estar participando mais, para poder compreender o que acontece, porque depois o que ocorre é que eles não entendem muito questionam algumas coisas, “entendi tá”, depois eles vão vendo o resultado, vão acompanhando o processo vendo o resultado.

Já tem outros pais que procuram a escola porque conhecem a proposta, mas não é a maioria deles, mais ou menos 50% conhecem e 50% não conhecem.

- **E em casa? Como eles poderiam aprimorar sua participação no processo escolar de seus filhos?**

Os pais que conhecem bem a proposta da escola, em casa podem ajudar mais no sentido de não ir contra o que é visto na escola, porque não é muito diferente do que ele vê aqui. Tem pais que eu percebo que tem a disponibilidade de tempo, o interesse de estar ajudando e quer participar da aprendizagem, mas por conta de não conhecer muito bem, não sabe muito bem quando interferir, como ajudar, se corrige ou não corrige, se ajuda o filho com material, se dá a idéia dele, “como ele faz ? Como vai dar essa ajuda ?” Por isso eu acho que uma coisa está relacionada com a outra .

Eu trabalho com primeira série, percebo isso pois estou trabalhando com alfabetização, vejo como os pais tentam ajudar os filhos, pois não é uma coisa de dar pronto para a criança, mas de construção da escrita, então um pai que não conhece a proposta corre o risco de atrapalhar em relação ao que é ensinado aqui, quando isso acontece, nós chamamos o pai, damos uma orientação de como pode estar ajudando.

- **Quais na sua opinião, são os grandes entraves para a participação dos pais no processo educativo de seus alunos ?**

Acho que o maior problema é de disponibilidade dos pais, a maior parte da nossa clientela são pais que trabalham o dia todo, inclusive tem crianças que ficam aqui o dia todo, as vezes não toda semana, mas dois três dias, ou todos os dias, então o maior problema é a disponibilidade de tempo, as pessoas correm o tempo todo, as pessoas até tem interesse em conhecer mais, mas ela não tem tempo para vir em uma reunião extra

ao que ela já veio, tem pais que nem tem disponibilidade de estar em casa para orientar em uma lição de casa, então a criança faz com a empregada, com a tia, com a avó.

As crianças que ficam aqui o dia todo, fica claro que os pais não tem tempo para estar junto, então os pais se limitam a vir em reuniões que eles podem, mesmo havendo interesse, muitos deles tem interesse. Essas crianças tem um tempo de reforço aqui na escola, se precisar, porque a gente sabe que em casa ela não vai ter esse tempo, chegam em casa cansada e vão dormir, saem cedo e chegam à noite.

- **Quais os pontos de tensão na relação casa e escola que você identifica como sendo obstáculos para o aprimoramento do processo educacional de seus alunos ?**

Acho que a maior tensão é não conhecer a proposta, porque ele pode estar fazendo uma coisa completamente diferente. Outra coisa é a questão dos conteúdos de cada série e da faixa de desenvolvimento, o que está sendo trabalhado e como está sendo trabalhado acho que é uma falta de compreensão mesmo, é falta de conhecer a proposta, tanto que quando eles vêm para escola ver os trabalhos ficam espantados com o tanto de conteúdo que os filhos aprenderam nos trabalhos e nem sabiam, e também continuam sem saber como surgiu aquilo e como foi trabalhado, porque e quando. Outra questão é a visão equivocada que tem, principalmente sobre a liberdade, “ah a liberdade que ninguém faz nada”, mas isso é uma questão que para alguns pais que estão na escola não acontece porque já conhecem, viveram e viram o resultado e ele já sabe que não é assim. Mas as pessoas que entram na escola sempre tem essa dúvida, e é assim como cada um escolhe o seu trabalho, “como faz o seu plano de trabalho? “, “cada um faz o que quer e se não quiser não faz mais? “, “então é a questão tem compromisso com o trabalho, ou não tem? “, “os conteúdos são trabalhados ou não? De que forma? Se é o meu filho que faz o plano de trabalho, que momento ele vê isso? Ou não? O que garante que todos eles vão estar trabalhando o mínimo do conteúdo necessário? “. Isso são coisas que temos que estar mostrando aos pais, de como acontece, mas para mim ainda é uma falta de conhecimento.

- **Que sugestões você faria para a melhoria desta relação ?**

A minha sugestão é que eles deveriam conhecer melhor a proposta pedagógica. Quanto a disposição de tempo eu sei que é a vida, as pessoas. A minha sugestão é que eles tivessem uma organização, porque quem escolhe uma Curumim não é porque está próximo de casa ou outras facilidades, mas normalmente são pessoas que buscam uma proposta pedagógica diferente do tradicional.

A questão do nível sócio econômico, são crianças de classe média que os pais tem condição de vida boa, os pais lêem, estudam, tem computador, vão ao teatro, e têm acesso aos meios culturais, mas são pais que trabalham o tempo todo e não tem muito tempo para os filhos. Então eu acho que precisava equilibrar um pouco isso. A criança tem acesso a tudo, mas não tem aquela ajuda, na relação pessoal de estar ali junto ajudando, acompanhando as dificuldades.

A questão do vínculo de amizade é freqüente, principalmente as pessoas que estão a muito tempo na escola, tem pais que conhecem todos os professores, e aqueles que estão a pouco tempo também tem uma boa relação com os professores, por essa proximidade em estar conversando diariamente para colocar alguns problemas em relação ao que o filho está passando e ao retorno que os professores e coordenadores dão aos pais, deixando-os mais à vontade para estar colocando dúvidas, problemas, às

vezes o professor necessita dizer algo para o pai, e este por ter pressa conversa na hora com o professor, em um clima tranquilo sem ter a necessidade de marcar horário. Temos algumas crianças que são portadoras de alguma deficiência, então a parceria entre a escola e a família deve ser grande, para poder estar acompanhado o desenvolvimento da criança e estar bem encaminhado. Desde o início é feito um acordo com o pai para avisar que sempre vai estar chamando para conversar sobre o desenvolvimento da criança, falando com outros profissionais, porque precisa estar junto para conseguir alguma coisa. Alguns pais deixam na mão da escola, então nós chamamos os pais dizendo “vem cá, o seu filho precisa de um trabalho e atenção maior, e tempo, então você precisa organizar para que dê uma assistência, pois o combinado foi isso, e se você precisar de uma ajuda na sua vida a gente propõem ajudar no que for possível”, aí é uma chamada mesmo.

Tem alguns pais que combinam uma coisa e não cumpre, então a criança acaba repetindo isso aqui na escola, pois a gente combina de fazer uma atividade e não cumpre, não realiza, então a gente combina com a família ou se tem algum problema com limites, a gente ajuda também, é uma orientação com os pais, e tem pais que não sabem como lidar. Por exemplo eu estou trabalhando com educação infantil, e eu tenho uma mãe que está bastante tempo na escola e ela tem um filho de seis anos que é uma criança muito tranquila ela nunca precisou colocar limites, ou ser dura com ele, agora ela tem outro filho de dois anos que é completamente o oposto, não pára quieto, sobe e desce, e ela não sabe como lidar com isso, então quando a escola percebe isso, chama a mãe e conta como se faz aqui, o que deu certo, dá algumas orientações mesmo, olha mãe em tal situação tem que colocar limites. Colocar limites não significa não gostar, pelo contrário significa que você se preocupa com o filho, se você pouco importasse você não precisaria colocar, é uma atitude de carinho também, existe uma orientação aos pais também, tem momentos que precisamos lidar com os pais em algumas coisas, e não só com os filhos, assim como a gente não sabe lidar com algumas situações os pais também não sabem, principalmente quando é uma situação que ele nunca vivenciou. “Ah sexualidade como eu vou lidar com isso?” No ginásio este tema é o gera preocupação para muitos pais, então a gente chama alguém para dar uma palestra, o que não deixa de ser uma orientação a eles, que fale um pouco deles, do desenvolvimento, da fase, como é a construção da identidade, a adolescência, e como é isso para eles, para que possa lidar de uma maneira mais tranquila e estar de acordo com a escola, a sexualidade é uma coisa natural, tem transformações no corpo e alguns pais dizem o contrário, que é feio, então é muito contra o que a gente vem falando, pois não existe nada de feio ou errado, mas que tem algumas preocupações com isso, ter algumas atitudes mais corretas em relação a isso, porque você tem um amor, gosta de uma pessoa e não é só isso envolve outros sentimentos no caso do ser humano que é diferente dos animais, estar dando uma explicação que a família não pode estar falando o oposto disso.

Quando é uma questão geral a gente sempre faz palestra, para os pais poderem levantar questões, vira um debate, não apenas uma palestra, vira uma conversa. A intenção é dar um apoio para os pais que não conseguem lidar com essa situação, além disso os pais já se tranquilizam pois sabem que não é só com os filhos dele que está ocorrendo isso, que não é só ele não sabe lidar com isso, com essa situação, que a maioria está passando por isso, e os pais nem sempre sabem, então nem sempre estou sozinho nisso. Os pais trocam idéias, dizem como fizeram com tal situação, e o outro diz “a tá

eu não tinha pensado nisso, vou tentar”. Então fica mais tranquilo, até para falar sobre o assunto, pois enquanto não se fala fica a dúvida, “será que só eu estou passando por isso? Será que é só nesta escola?”. Quando os pais percebem que não é só ele que está passando por algum problema, desaparece o medo vergonha e receio de dizer, ou o que as pessoas vão achar, e cada pai tem um jeito de lidar com um assunto, então eles recebem dicas de como agir, que atitude tomar na questão dos limites e outros assuntos.

Quando os professores ou coordenadores percebem que os pais estão insatisfeitos e não colocam o problemas, eles são chamado para uma reunião particular e a gente sempre diz que percebeu uma insatisfação, no que pode ajudar o que eles gostariam de colocar para rever e refletir sobre algumas coisas. Ou que vocês (pais) estão percebendo alguma coisa que nós não estamos percebendo, e se você colocar fica mais fácil para a gente resolver a situação, pois às vezes você não resolve o problema, mas convive de uma maneira mais tranquila. Quando o pai não encontra esse espaço, a gente oferece, de modo a esclarecer algumas situações que o pai ou professor desconhece, evitando equívocos ou dar algum retorno de um problema ou situação que estava descontextualizada.

O retorno dos pais para nós é muito importante, além de ver aprendizagem da criança é ter o retorno da família, que é um feed- back e avaliação.

Aconteceu o caso no maternal, que eles são pequenos estão aprendendo a linguagem oral, um novo vocabulário, e a professora brincava com as crianças, assim, “oh cabeça mole”, “cabeça de vento”, “esqueceu não sei o que”, e um dia um pai chegou, escutou e achou que era no termo pejorativo, que é doente, e ficou com essa imagem. Depois todos conversaram, e disseram que não era isso, de maneira alguma, e a coordenadora disse para a professora, “olha isso foi uma brincadeira, não que você não deva mais brincar, e as crianças entendiam isso, mas é legal você falar, assim como eles estão em uma fase de ampliação da linguagem oral, você falar o cabeça mole, quer dizer, esquecido, usa a brincadeira, mas explica o significado disso, para a criança não ter outra interpretação.”

Geralmente a gente tem essa troca o tempo todo, os pais procuram, a gente procura, sempre que sente necessidade.

Roteiro no. 4 : Professor que atualmente leciona na escola
Entrevista no 7 realizada no dia 23 de setembro de 1999 com Andréa Siste,
professora do maternal da Escola Curumim.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome:**
Andréa Siste
Professora do maternal
- **Formação:**
Fiz Psicologia na Puccamp¹, e me formei em 1991, mas antes no colegial fiz magistério, sempre dei aula. Terminei a Psicologia e nunca deixei de dar aula.
- **Quanto tempo leciona na escola, para que série, matéria?**
Este é o sexto ano que leciono nesta escola. Este ano é o segundo que eu dou aula para educação infantil porque até então eu dava aula para 3ª e 4ª série. Nunca tinha dado aula para educação infantil, então a diretora me chamou para dar aula e eu tenho pouco tempo. Trabalhei em outras escolas mas nunca fui efetiva, sempre substituindo outras professoras.
- **Por que escolheu trabalhar nesta escola?**
Eu não escolhi trabalhar aqui, na verdade eu mandei currículo para dar aulas de inglês porque tive essa formação, dar aulas de inglês para primário, de 1ª a 4ª série, então no primeiro semestre eu entrei na escola para dar aulas de inglês, depois uma professora da primeira série teve que sair, e como a diretora sabia que eu tinha formação em magistério pediu para eu assumir a turma, então foi uma acasão que acabou dando certo.
- **Como tomou contato, conheceu a escola ?**
Antes de vir trabalhar nesta escola eu não conhecia a metodologia, só de nome, que na época era Escola Cooperativa Curumim, só tinha escutado falar do nome, mas não sabia que tinha uma metodologia diferente.
- **Qual é o envolvimento e a participação dos pais nas atividades desenvolvidas na escola ? Qual é a sua avaliação desta participação ?**
Os pais, a gente não pode falar de um modo geral, mas eles têm muito mais chance de estar presente dentro da vida do filho na escola, do que em outras escolas, então para começar do acesso físico, os nossos pais descem para as salas de aula e deixam os filhos na porta da sala, então principalmente eu que trabalho com educação infantil, vejo e converso com os pais todos os dias, e alguns converso na entrada e na saída, eu acho que isso é um ponto facilitador, a maioria das escolas deixa o filho no portão e eles só entram na escola quando tem algum assunto com a direção, administração ou alguma coisa nesse nível.

¹ Puccamp- Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Eu acho que esse fator favorece a proximidade e a gente acaba estabelecendo um vínculo com os pais, vínculos esses que a gente não estabelece apenas nas reuniões trimestrais, então por exemplo, eu tenho mãe que quando a gente está fazendo roda², eu tenho mãe que senta junto, ou no final do dia, eu tenho mãe que vem buscar mais cedo, e eu estou contando uma estória, é muito comum a mãe sentar e ficar junto escutando a estória.

As mães têm muita liberdade de querer ver um trabalho que o filho fez, sem ter que esperar o dia da reunião para ver, é só falar comigo que a gente mostra.

Os pais são convidados para estar presentes na sala em todo momento, acho que isso facilita muito a nossa vida porque os pais trazem informações que se fosse em outro esquema, só veria em uma reunião, e isso eu acho é o que diferencia a Curumim, pois só não está presente quem não quer.

É claro que o acesso tem limite, eu não vou deixar o pai entrar na sala no meio de uma atividade, a gente coloca os limites no começo do ano bem definidos, um exemplo, se a gente já começou a roda eu não atendo para atender o pai na porta, se a roda ainda não começou, estou a disposição, e se a coisa é muito séria, vamos conversar em outro momento, e geralmente é o que acontece. Mas existe uma flexibilidade maior.

Eu já tive experiência em outras escolas, de você demorar para conhecer quem é o seu aluno porque você não tem como tirar informações dele e você pode encontrar os pais dele daqui três ou quatro meses no período.

Quando eu trabalhei em outras escolas, em temporariamente, eu sentia muita falta deste contato, mas depois que você vem trabalhar e assume uma turma toda, a gente acaba percebendo que essa proximidade acaba facilitando no próprio vínculo que tem com o aluno, se a criança percebe que você tem um vínculo legal com o pai e mãe, é claro que o seu vínculo vai ser mais satisfatório.

Não tem aquele esquema, se o pai sentiu algum problema tem que avisar a direção, coordenação para depois chegar em mim, vai direto. Eu acho super válido, desde que a gente saiba até onde pode ir.

Essa relação eu acho super válida, é uma troca rápida, “e aí melhorou? ”, no caso de uma doença, “vai tomar remédio? ”, e mais pessoal do que um bilhete, que vai e volta. Essa proximidade entre o pai e escola, a amizade é fundamental, pois se o pai não confia na gente a criança também não confia, se o pai não acredita no nosso trabalho, a criança também não acredita, e a criança começa a se sentir desconfortável na escola, então tanto quanto investir na relação professor aluno, ou no meu caso, investir nessas crianças pequenas, vale a pena estar investindo na relação com os pais. Os pais precisam me reconhecer, saber quem eu sou, de onde eu vim, qual a experiência que eu tenho, o porque eu estou na escola 6 anos que não é à toa.

Às vezes de uma forma subconsciente o pai acaba passando isso para o filho, a exemplo, neste ano na reunião em maio, fechamento de trimestre, eu tive uma mãe que disse que eu acho que a minha filha acha que você não gosta dela, estava questionando a intensidade do meu laço afetivo com a filha dela, e é claro que a filha não estava sentindo acolhida o suficiente, era uma criança que não desenhava, que os desenhos eram pouco desenvolvidos, não se arriscava a fazer nenhum trabalho diferente, não recortava, e a mãe dizia que em casa ela era um cupim, recortava, colava, desenhava,

² Na educação infantil as crianças em alguns momentos tem a prática de fazer rodas, todos sentam no chão, uns ao lado do outro.

trouxe uns desenhos que eu babei, e não acreditava que ela tinha feito. Então era o pai que questionava isso, e passava isso para a filha, então além de trabalhar a criança, tinha que trabalhar os pais também, então a ligação é direta é proporcional. Quanto melhor a gente conviver com os pais, melhor, mais frutos a gente vai colher com os filhos.

Não adianta ter uma criança com potencial, se tem relação aos trancos e barrancos com os pais, que ela não vai evoluir, porque os pais inconscientemente só vai passar impressões negativas sobre o meu trabalho ou a forma de comunicar e chegar, ela não vai sentir um desconforto muito grande.

- **Os pais costumam interferir muito no trabalho pedagógico?**

Um pai invasor e intrometido a gente não vai permitir mesmo ou uma coisa que seja nociva, mas o meu balanço é muito bom.

O que acontece é mais uma participação e menos interferência, porque comigo, os meus alunos tem quatro, cinco anos, então os pais tem que ajudar muito, principalmente lição de casa, pesquisa, uma tarefa, um desenho.

O que eu vejo é 98% de participação, agora atrapalhar não acontece, mesmo porque é a questão do limite, existe um ponto em que a gente pode até ouvir, mas a gente tem um filtro, que tem que passar, tem uma avaliação, será que procede ou não.

O que acontece muito é sugestão, acatamos muitas delas, mas outras não estão de acordo com o que a gente pensa, a gente devolve para o pai, não é bem por aí que a gente pensa, porque a gente pensa nisso, naquilo, então eu acho que é mais participação e menos interferência.

- **Como você acha que os pais poderiam aprimorar sua participação no espaço escolar ?**

A participação passa pela questão do interesse, então se um pai está interessado, que acredita que aqui é um espaço que ele está crescendo, desenvolvendo e aprendendo a descobrir coisas no mundo que ele vive, esse pai é óbvio que ele vai ser um pai super participativo, integrado nos projetos e ciente do que está acontecendo na escola.

Existe uma exceção de pai que não sabe nem que roupa o filho veio a escola, pai que deixa o filho na porta com a garantia de que o filho vai estar no horário da saída, ele vai pegar e pronto, para esses pais isso basta. Então esses pais pouco interessam pelo o que a gente faz ou deixa de fazer. Ou eles começam a se interessar quando surge algum problema, então eu acho que melhorar é interessar-se mais, querer fazer parte da vida escolar do filho.

- **E em casa ? Como eles poderiam aprimorar sua participação no processo escolar de seus filhos ?**

Na minha turma, nunca tive grandes problemas, uma vez a gente trabalhou com animais, e precisava de material escrito, fotos, então as crianças trouxeram quilos de material, um projeto que era para um trimestre, virou anual, por conta de ter muito material. A grande maioria mesmo que tenha pouco tempo, procura estar participando, está interessado.

Mas alguns casos, existe pais que acham que o filho já é autônomo suficiente e não quer saber o que está acontecendo. Eu tenho casos que são imutáveis, não adianta enfiar na cabeça o interesse, se ele não tem.

- **Quais na sua opinião, são os grandes entraves para a participação dos pais no processo educativo de seus alunos ?**

Os entraves são aqueles pais que não estão acertando muito, então a gente vai e orienta, se ele desconhece como trabalhar sobre algum assunto, que é completamente oposto ao que a gente faz.

Mas de forma geral, cai na questão do interesse, se você não tem tempo, mas tem interesse, você arranja tempo, mesmo que for 10 minutos, para ver o que está sendo da vida do filho na escola.

- **Quais os pontos de tensão na relação casa e escola que você identifica como sendo obstáculos para o aprimoramento do processo educacional de seus alunos ?**

A reunião pedagógica trimestral é comum ter pai que encontra com você todos os dias, não fala nada, não pergunta, apenas diz “oi”, mas na reunião vem com uma lista de coisas para falar, então na minha cabeça esse pai ainda não entendeu a proposta da escola, nesse sentido, ele não parou para avaliar quais são as nossas relações aqui dentro. Então é comum você achar que vai ter uma reunião tranquila porque fala todos os dias com os pais na porta da sala, ou quando o problema já foi solucionado ali naquela hora, e chega na reunião a gente encontra pai que faz reclamação em agosto algo que ocorreu em junho, aí não dá mais para resolver, deveria ser dito na época, agora não dá mais.

Outra questão é o pagamento da mensalidade, porque o pai está com a mensalidade atrasada ele acha que a gente vai tratar o filho diferente, e quando chega a reunião tudo o que a gente fala ele critica.

Mas é muito difícil acontecer porque desde quando eu entrei aqui, só em um momento quando eu entrei no meio do ano assumindo uma sala, tinha toda uma pressão se o filho estava lendo, escrevendo, e eu caí de para quedas continuando um trabalho que não era meu, a professora não tinha trabalhado a nossa pedagogia e aí o pai perguntou se o professor mudou a escola inteira, foi o único, depois ninguém estranhou nada. Isso vai de pessoa para pessoa. E se acontece alguma tensão é mais na reunião trimestral, mas nem sempre acontece.

ROTEIRO No. 5 : Pais de alunos que estudam na escola
ENTREVISTA no. 8 realizada no dia 30 de setembro de 1999 com Brigitte Fischer Sille, mãe de um aluno que cursa a 7ª série da Escola Curumim.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome:**
Brigitte Fischer Sille
- **Formação:**
Artes Plásticas e tradutora interprete.
- **Quantos filhos estudam na escola, idade, série:**
Dois, o Christian de 12 anos, está na 7ª série, e a Bianca de 8 anos, está na 2ª série.
- **Desde quando os filhos estão na escola?**
Desde quando eles tinham 3 anos de idade.
- **Trabalha na escola, quanto tempo, função:**
Não.
- **Por que matriculou os filhos nesta escola, expectativas, motivos para escolha?**
Na verdade, quem me indicou foi uma amiga estrangeira. E eu estava em uma fase que não sabia direito se iria colocar o Christian em uma escola porque ele era pequeno, eu achava que ele podia ficar um pouco mais em casa. Na época, a gente fazia muita coisa junta, e ela colocou o menino dela e no ano seguinte como eu já conhecia a escola através dela eu achei legal colocar, e ele acabou vindo e foi uma experiência muito boa. Tem a haver com a orientação da escola, mas também tem a haver com o profissional que você pega, então dependendo do professor a coisa pode não estar dando tão certa.
- **O que mais gostou na escola, e pesou no momento de decisão?**
Toda aquela coisa do espaço, a gente mora em apartamento pequeno e eu sempre saía com ele, ia ao clube, passeava, mas com a Bianca também, mas no começo como ele era o único, então foi a questão do espaço, de subir nas árvores, era uma coisa que eu achava que era muito importante e fora o resto que eu achei que foi sempre legal. O tipo de atividade que eles faziam. E agora pensando na minha formação em uma escola tradicional que eu estudei até a 5ª série, e depois eu fui para um colégio que era experimental, que é o Colégio Aplicação estava ligada à universidade. Provavelmente que em uma escola muito tradicional jamais colocaria o meu filho, pelo menos no início que é uma fase muito importante da formação. Então para ele (Christian) a coisa sempre deu muito certo, para a Bianca meio que acompanhou esse processo. Durante este tempo que conheço a escola, a Curumim passou por muitas mudanças, antes tinha características bem diferentes, mas acho que mesmo assim as coisas foram para melhor, e foram se encaminhando de acordo com as necessidades, então nove anos é um bocado de tempo.

No início o que me chamou atenção, nem sei direito, mas acho que foi o espaço físico, que era na Rua Jasmim, eu vi as árvores, as flores, que é uma coisa assim que chama atenção porque é uma coisa assim que quando eu comparo com outras escolas, aquela coisa fria de parede, de muro, eu acho que isso não é muito bom, eu acho que essa coisa deles terem mais liberdade, principalmente quando eles são pequenos é super importante.

No primeiro dia foi de acolhida, muito gostoso, eu me lembro que a menina que dava aula para ele pedia para eles darem o nome da turma, existia a roda da conversa. E como a gente não tem família por aqui, o Christian era muito ligado em mim, e no primeiro dia a gente ficava com ele, no segundo a mãe ia embora em determinado horário, mas eu acho que não chegou nem a ultrapassar do primeiro dia, eu sei que quando eu queria me retirar ele ameaçou de chorar, mas depois a professora ficou com ele um pouquinho, depois eu fui embora, e quando eu voltei ele não queria voltar comigo. Era aquela coisa de ir acostumando aos pouquinhos, mas desde aí nunca mais. Tá certo que agora naquela fase de adolescência, de achar que tem coisa que é muito chata, mas com certeza até o ano passado ele nunca falou que a escola era chata. Desde pequeno era aquela coisa de acordar alegre porque ia para escola, então eu acho que é muito importante, é uma evidência de que a coisa está dando certo, da criança fazer aquilo com prazer. Ele era relativamente retraído no início, era mais quietinho tal, então aquela coisa de gostar de fazer aquilo. O que me chamou atenção foi a questão do espaço e dele ter se sentido bem no começo, mas eu acho que tem haver com a característica pessoal de cada um, mais difícil, mais longa.

- **Qual é o envolvimento e a participação dos pais nas atividades desenvolvidas na escola? Qual é a sua avaliação desta participação?**

Eu participo bastante, atualmente não, mas antes teve uma fase que eu participava bastante porque eu sempre participei da reunião de turma, que eu sempre vinha. Eu tenho impressão de que em todos esses anos eu participei de todas porque eu achei que era super importante, você saber e ter visão do que está acontecendo com a criança, com quem ele está, como ele está com o grupo, com outros pais, aquela coisa de você trocar experiência com os outros e tal.

Então tem essa parte que é rigor, e a escola espera de cada um, embora a maioria não participe muito, mas é o que se esperaria normalmente dos pais, e depois justamente por se tratar de uma escola que se tem uma certa dificuldade, uma escola que é diferente, que as pessoas às vezes tem um certo receio de colocar as crianças, “ah será que é muito diferente do resto?”, por isso e por acreditar que vale a pena, acho que a gente tem que fazer um esforço para ajudar, para ver se a coisa cresce, que tem mais gente que se interessa porque tudo isso ajuda a desenvolver, então essa participação no sentido de divulgar, de tentar conversar, às vezes gera dúvidas, a gente ia conversar com a Gláucia, de conversar com o resto do pessoal que participava da escola, professores mesmo que a gente tinha no momento, e no sentido de trazer coisas,” ah sei lá, coisinhas pequenas, que as crianças trabalhavam com sucata”, tentava escolher coisas legais que trabalhasse, às vezes trazia sugestões de algumas coisas.

E aí como é uma escola que tem festas, coisas que necessita da participação de mais gente, e as pessoas da escola não são tantas assim, então é uma coisa de tentar ajudar em alguma coisa, participar mais diretamente.

E teve um certo momento que eles começavam a criar um grupo de pais, justamente para ajudar quando tivesse alguma coisa desse tipo, e começou a ter contato com algumas pessoas, só que agora foi diminuindo e sobrou muito pouco, e dentre esse pouco, fui eu, então eu acho que não foi gostoso como é necessário, não tem alternativa, ou você participa, ou você tenta desenvolver a coisa, então é uma coisa que ajuda a crescer, como eu realmente tinha essa disponibilidade, e como eu não tinha condições de dedicar a uma profissão integralmente isso por causa das crianças, então o tempo que sobra, que às vezes nem sobra eu organizo e acabo dedicando a isso, é uma coisa de ver o que é prioritário, agora que a escola está estruturada de outra maneira de mais pessoas participando, mais professores envolvidos, a gente participa um pouco menos sempre quando tem uma coisa, por exemplo quando a escola foi assaltada, fizemos uma campanha fazendo pizza para arrecadar dinheiro para escola, então coisinhas assim ainda acontecem.

A festa da pizza foi assim, você tem necessidade de fazer alguma coisa para arrecadar dinheiro, então primeiro fizemos uma reunião para decidir o que poderia ser feito, então convocava os pais interessados, interessados tem bastante, mas aqueles que podem não podem, no fim são poucos, porque para por em prática são poucos. Então alguém teve essa idéia de que a comida é algo que rende mais, então como eu tenho amigas que trabalham em entidades assistenciais e costumam fazer isso, perguntei como poderia fazer isso, então comecei a pegar informação, então começou a fazer um grupo.

Quem realmente trabalhou foi a Stela, que é super antiga da escola, trabalhou como secretária, teve um menino da mesma idade da minha filha, e agora voltou como bibliotecária, ela e a Clá, que já foi uma das donas da escola e que agora trabalha só como voluntária, e que voluntária, trabalha um monte aqui, e aí elas organizaram tudo aqui, coisas burocráticas, de fazer lista, canhoto, então a gente sentava para ver quem é que poderia vir, então tem sempre uma surpresa de pais que a gente não conta que aparece, e outros que a gente conta que aparece e não vêm.

Os pais colaboraram muito, as duas vezes que a gente fez, a quantidade de dinheiro que entrou foi suficiente para comprar um computador, e sobrou mais um pouco, então foi legal, para fazer de novo, mas é assim, na base de esforço maior de alguns e colaboração de todos, e aí deu certo. Mas tem que ser uma coisa de consciência de que você, está ajudando, fazendo alguma coisa para o bem do seu filho.

Às vezes é complicado porque, puxa, você está pagando a mensalidade do seu filho, por isso eu acho que algumas pessoas não se interessam em ajudar ou qualquer coisa que seja porque ficam achando que a escola tem obrigação de nos fornecer alguma coisa. Eu também acho, mas se não está acontecendo tudo do jeito que a gente acha que deveria, então vamos lá.

E na sociedade toda, a maior parte das coisas não são como a gente imagina que fosse, então a gente tem que fazer um esforço para que elas consigam chegar mais próxima daquilo. Eu acho que cada um tem sua limitação, mas tem que ter a boa vontade de, bom, tem a haver com a personalidade também, mas eu acho que esse é um modo das crianças darem conta de que esse trabalho conjunto é necessário para que você formar, fazer alguma coisa, não pode ficar só esperando receber as coisas, claro que é muito mais cômodo, mas também você não tem muito como criticar, como intervir, as coisas vão acontecendo e você vai ter que aceitar do jeito que estão, se você não está participando não pode reclamar muito também.

- **Como você acha que os pais poderiam aprimorar sua participação no espaço escolar ?**

Em termos gerais, eu acho que você tem que participar do mínimo do que é esperado, ou seja, que você fique atento as coisas que o seu filho está fazendo, que não tenha que ensinar alguma coisa para escola em relação ao currículo escolar, deveria ser função da escola. E aí eu, eu acho que quando isso não é visto, acho que a escola tem obrigação, se a coisa é feita de maneira que não atinja a criança, de maneira errada, então isso. Eu acho que até que os pais tenham limitações até meio grandes para acompanhar aquilo ali, que a gente veja de maneira diferente, só que eu acho que acompanhar o que eles estão fazendo, o rendimento, o porquê que alguma coisa não está dando certo, isso mesmo que você valoriza, muitos pais fazem de conta de que o seu filho não está vendo isso, e muitos que não estão nem aí. Aqui tem muitos que se preocupam realmente, bastante ou um pouco menos.

Agora em termos gerais o que acontece não é bem isso, você vê aquelas coisas, “ah meu filho não está melhorando, não está dando certo”, “a escola não está fazendo isso direito”, só que eles não se preocupam com a coisa.

Tem também aquela coisa de que a escola que vai educar o seu filho, e não é bem assim porque é um complemento, então eu acho que essa coisa da atenção para o que está acontecendo, não é só perguntar para o menino o que está acontecendo, é quando realmente, quando tem uma convocação você vai lá, quando você tem uma dúvida, vê uma possibilidade, o pessoal é muito aberto a conversar e tal, você ir lá e questionar.

Uma das coisas que eu vejo aqui também, sobretudo, por ser uma escola diferente, e as pessoas terem muitas dúvidas quanto a isso, tem muitos que não vêm procurar o pessoal, que poderia dar uma explicação à respeito, então fica fofocando, conversando com outros pais, que às vezes também é necessário, mas não é por aí. Às vezes você chega aqui, nos professores diretamente, com o orientador e vê que não é bem por aí. Às vezes o que você está esperando muitas vezes a criança que não está conseguindo fazer, você tem que entender o porquê. Então eu acho que isso que é fundamental, essa participação voluntária em outras coisas seria muito legal, eu acho que em tudo é interessante, só que infelizmente a maioria não participa, mas eu acho que pelo menos deveria fazer, porque aqui quando tem reuniões de pais, eles fazem assim tem dois tipos, no bimestre é uma reunião individual, sei lá uma meia hora com o professor, com os professores no caso do ginásio, e no bimestre seguinte é uma reunião coletiva. E sobretudo quando acontece as reuniões coletivas os professores organizam alguma coisa, uma atividade, geralmente não é só uma conversa, e eu acho tudo isso muito importante porque são coisas que eu acho que eles querem que a gente entenda, o que fazem com as crianças na sala, eles mostram todas as coisas, todos os trabalhos, estar dentro da própria sala da criança, você está vendo como tudo é organizado e é uma oportunidade para os pais, que nem eu sempre gostei, porque agora estou no horário diferente, eu entro vou até lá embaixo dou uma olhada e tal. Muitos pais não têm condições de fazer isso, então isso é uma oportunidade de ver o espaço onde a criança está trabalhando.

O próprio espaço físico às vezes você tem uma crítica, às vezes tem alguma coisa que poderia ser diferente, e sem que você fale, que você veja, então eu acho que o mais importante é isso, é uma coisa bem pessoal que seria legal, nem todos tem esse

pensamento. E a outra parte é a obrigação, muitos pais não cumprem a sua obrigação, mas é mais nos eventos.

Esses dias mesmo teve reunião coletiva, então na reunião dos pequenos era aquela coisa de sempre, os mesmos pais, sempre aqueles pais que vêm e outros que não aparecem. Então primeiro que perde a reunião, que o professor planejou que era para ser uma coisa bonita, e depois para a criança.

A Helô professora da Bianca tinha organizado uma coisa, que como eles estão trabalhando com correspondência com outras cidades, com outras escolas, ela queria que a gente escrevesse uma carta para as crianças, primeiro que não deu tempo porque o papo foi muito longo e segundo que a gente iria escrever uma carta e os outros filhos não iriam receber porque os pais não foram na reunião, fica chato para os outros, então fica uma coisa complicada porque você acaba não conseguindo realizar um trabalho em grupo porque alguns membros não estão participando, e no caso para as crianças isso é ruim, chega o dia seguinte você recebe uma carta da sua mãe e o outro não recebe. Aqui é um lugar que todo mundo poderia fazer do mesmo jeito, isso é muito desagradável, é como se você estivesse mostrando ao seu filho que aquilo que ele está fazendo não é tão importante, claro que às vezes você está doente, muito ocupado, mas é sistemático alguns pais não vêm mesmo.

- **E em casa ? Como pode aprimorar sua participação no processo escolar de seus filhos ?**

Primeiro que você tem que cobrar as coisas dele, não me lembro da minha mãe cobrando as coisas de mim. Hoje você tem que dar uma olhada ver o que o filho está fazendo, ver se tem tarefa, diz que não tem nada, mas chega à noite lembra que tem, então essa coisa de estar vendo o que eles fazem, mesmo para prestigiar o trabalho deles, principalmente os pequeninos tem prazer em mostrar o que está fazendo, os maiores também, e como eles têm muita produção escrita, tem umas fases que fazem poesia, então é super interessante você olhar mesmo porque para mim, eu acho interessante, não é só porque você acha que tem que fazer aquilo.

E essa coisa de fornecer, de dar ajuda quando precisa, “oh agora eu preciso fazer um trabalho sobre não sei o que, de onde eu tiro”, então esse tipo de ajuda você pode prestar e depois tem o apoio técnico, aquela coisa que às vezes é complicado, que eu brigo que eles inventam um trabalho em grupo que eles não fizeram quando tinha que ser feito e “ah eu preciso ir agora na casa do fulano e o beltrano não tem carona”, então você busca um, trás o outro, e lá pelas tantas tem que almoçar lá, ir para o clube conseguir autorização, porque quer fazer uma filmagem, então isso aí também faz parte.

Às vezes eu fico brava porque essas coisas precisam ser organizadas para não fazer de última hora, eles estão em uma fase que eu acho que a organização é super importante, e eles não estão conseguindo. Depois o trabalho em grupo, a seriedade de você colaborar com o outro, mas especificamente no caso dele é um dos que fazem as coisas, mas pelas tantas como eu falei com o pai de um menino, eles tem que fazer com que os colegas participem, a maneira de persuadir os outros, de entender que a coisa é em conjunto, de que não é alguns fazendo e os outros atrás.

Às vezes eu ajudo eles, não fazendo por eles, “mas vamos ver como vai indo”, só que isso eu acho que não deveria estar precisando fazer, acho que eles deveriam ter condições de fazer sozinhos, mas para isso tem que ter um preparo antes, ter aprendido

a fazer, ou às vezes você até tem que entrar nisso aí, eu acho que a rigor não é a função dos pais e isso deveria ser a função da escola. Mas tudo o que for no sentido de apoiar e ajudar, mesmo esse controle, essa participação, eu acho que funciona sim, para incentivar a criança quanto para ver se está acontecendo alguma coisa errada, tanto do ponto de vista da criança se ela não está conseguindo, quanto até da própria escola, que às vezes tem falhas, que falham em algum ponto, e eu acho que nisso aí você tem que estar atenta.

Às vezes é uma coisinha que assume dimensões maiores. Eu tenho experiência na minha família, com irmão meu que às vezes por uma questão assim “ah a escola resolve, a escola se ocupa disso”, que de confiar demais deu um problema grande, que eu acho que você tem que estar atento sim. E a participação é importante para as duas coisas, para ajudar e se tem alguma coisa que precisa ser consertada.

- **Quais os pontos de tensão na relação casa e escola que você identifica como sendo obstáculos para o aprimoramento do processo educacional de seus filhos ?**

Dependendo do modo como você encara, não, não tem problemas, porque é assim. Aqui você tem essa liberdade de questionar, perguntar e tal, tá certo que a escola tem que ter a sua conduta e ser firme nos seus pontos e no que ela acredita. Eu posso achar que aquilo está errado, e a escola achar que não, eles vão colocar, mas sempre tem diálogo. Tem alguns pontos que eu acho que são meio falhos, mas eu acho que isso é uma coisa muito geral, essa coisa das pessoas aprenderem a trabalhar em conjunto, aprender a se organizar para trabalhar em conjunto que na verdade eu acho que a coisa mais importante para se trabalhar em uma escola deveria ser isso, como a gente se comporta e trabalha em comunidade.

Hoje essas coisas estão muito diferentes, a gente estava comentando na reunião das crianças, que tem algumas coisas que as crianças faziam antigamente, como brincar na rua se organizar em grupo e decidir como iria ser a conduta e tal, que hoje em dia está acontecendo cada vez menos. Então eu acho que até por certas mudanças na nossa sociedade, nas coisas que a gente faz, a conduta também andou se modificando, e essa coisa que a criança passa a ser mais passiva, e a gente vê que está acontecendo, que talvez até gere uma agressividade maior, a falta de capacidade de organização, então justamente por isso acho que é importante. E na escola eles têm a chance de aprender a trabalhar desse jeito, e eu acho que a gente tá procurando ainda, está no caminho, a coisa ainda não está como eu acho que deveria ser. Mas não que isso seja um ponto de tensão porque eu acho que conversando com os professores a gente vê que o que a gente está querendo é a mesma coisa.

Em conversas com outros pais, a gente vê que deveria reunir em outro local, elaborar alguma coisa que desse uma ajeitada nessas falhas. Acho que conversando a gente chega a algumas respostas para as perguntas e se não chega pelo menos você vê que as pessoas estão procurando também, estão no mesmo caminho, essa coisa de você ver que não sou só eu que estou com tal problema, não é só o meu filho que está passando por essa fase.

Esses dias quando teve a reunião dos pequenos, e dos grandes foi uma palestra com uma psicanalista que é pedagoga também, que foi super boa. Essas coisas dão uma ajuda, talvez depois de uma palestra dessa você ter um debate, uma conversa. Infelizmente você vê algumas pessoas que aparentemente na hora de conversar estão pensando a mesma coisa, mas na hora de agir é meio diferente. Isso é uma coisa

complicada, mas mesmo assim se você tivesse mais contato e conversasse mais ou hora dessas cai a ficha.

- **Que sugestões você faria para a melhoria desta relação ?**

Acho que é uma coisa da conscientização de cada um, do papel que você tem, na sociedade no todo e sociedade é muito grande, então você começa pelos núcleos menores. Tem essa coisa da escola que é um grupo menor e no qual você pode por em prática algumas coisas, você pode trazer algumas coisas, interessantes, você recebe muitas coisas interessantes, mas para você receber tem que estar atento, aberto para participar. Eu vejo que as pessoas têm uma noção muito vaga do que está se passando, e eu acho que é uma pena porque você pode crescer muito, acrescentar muito da sua vivência através dessas coisas. Quantas vezes aconteceu coisas das quais você discordava então você ficava nervosa, então você conversava com a Gláucia e você esclarecia uma série de coisas, e eu acho que isso é muito bom. A escola tem uma orientação legal, mas às vezes você cai com a pessoa errada, infelizmente isso aí não funciona, então aqui já aconteceu, teve pessoas que passaram por aqui, depende da evolução das coisas, que se eu não tivesse aqui visto tantas coisas boas, só pela opinião daquela pessoa você acaba desistindo da coisa e foi o que aconteceu com os pais. E isso é a parte ruim de uma escola assim mais aberta, é um risco que você corre. Você faz tentativas, e se você pega alguns profissionais que não estão tão entrosados assim e se esses profissionais passam alguma coisa para os pais em casa, você acaba perdendo alunos no caso, eu acho que na Curumim tem bastante porque você não tem essa experiência em outras escolas .

Eu vejo nas reuniões que são feitas entre eles, as cobranças que são feitas entre os professores, o tipo de debate, de coisa, eu acho que é bastante bom e proveitoso, e cada vez mais você vê que houve nesse sentido, que a escola tem cada vez mais uma postura firme e segura daquilo que ela propõem e aí eu acho que você tem um controle maior, você tem que ser mais coesa para não depender de um ou outro, que às vezes sai da linha, e às vezes você cria a imagem de uma escola que, uma coisa baseada em um fato isolado, e por isso que esse contato maior é importante, mas a pessoa chega e diz que não é bem assim, e isso eu já vi acontecer muito, claro que não é só aqui, mas é um ponto frágil, que como é uma coisa diferente, e eu acho que as pessoas sentem que é uma coisa mais segura que eles conhecem bem, então é aquela escola que “ se você não tirar nota x paciência, vai ter que fazer daquele jeito, vai escrever uma redação que começa assim termina assado”, então a tendência é que você se sinta amparado, “a não ele vai conseguir fazer um vestibular maravilhoso porque ele foi preparado”, e não deu conta que não é isso, e de longe não é isso que prepara para a vida também, mas é assim que as pessoas acham que é, então elas ficam naquela dúvida, perguntam “será que é isso que a escola está dando” .

As pessoas são diferentes e tem exigências diferentes, então não adianta, tem gente que não combina com isso aqui. Com pequeno esforço você pode fazer algo, mas tem gente que não faz, e aí até a gente chegar a essa conclusão.

Eu acho que a gente só vai chegar a essa conclusão quando as crianças aprenderem a trabalhar em grupo, a serem conscientes do seu papel, quando ela tiverem isso acho que vão cobrar coisas diferentes, preocupar de maneiras diferentes em relação aos filhos delas na escola. É até engraçado porque esses dias o Christian nessa fase eu não quero fazer isso, não quero fazer aquilo, é engraçado porque ele estava falando que

quando tivesse filhos ia dar uma série de coisas, que são coisas que eu dou para ele, ele diz “ eu vou comprar um monte de livros legais”, “eu vou fazer isso, aquilo”. Eu fiquei bem quieta, e vi que é bem isso aí.

E sobre a participação, no Brasil tudo é muito difícil, principalmente com os pequeninhos é tudo muito isolado, primeiro que você só fica meio período na escola, segundo que a escola tem limitações de recurso e terceiro tudo o que você faz é particular, então tem uma série de dificuldades, mas dentro daquelas dificuldade se você encontrar alternativas, não de você enfiar o filho no inglês, ballet, mas se você conseguir encontrar coisas legais fora da escola, são coisas que você pode estar fazendo e que envolve a participação dos pais.

Às vezes apresentações, teatros, festas de graça, aberta ao público, coisas interessantes não vai ninguém, eu acho que isso faz parte também. Não é só atividades escolares, mas tem alternativa também. Você não pode ter preguiça, sai, procura, e isso eu vejo também a falta de interesse das pessoas, e depois reclama que não existe nada, que não tem nada para se fazer, ter até tem, mas tem que procurar. Depois você pergunta se viu tal coisa, e fala “ah não fui, não vi”. Semana passada teve um recital, uma criança da escola cantou em um lugar e eu perguntei se foi, e a pessoa disse “ah não deu”.

Eu acho que é uma coisa muito geral, mas que tem que mudar a conduta. É até meio utópico, mas acho que é por aí. Só essa coisa que as duas mães conseguiram fazer organizando toda a biblioteca, só no amor mesmo, a Clá e a Stela que organizaram toda aquela biblioteca aqui em baixo. E está certo que elas tem uma ligação maior com a escola, já trabalharam aqui, tem os filhos aqui, mas é aquela coisa de você querer ver, querer acontecer, e ter disponibilidade, você vai lá e faz alguma coisa, não é todo mundo que organiza uma biblioteca toda e fica cuidando. Então perto disso todo o resto é pequenininho .

Após as crianças terem apresentado um ensaio na secretaria:

O Fernando está na Curumim um tempão, foi professor do Christian quando ele era pequenininho, era professor de pré escola depois de meio ano ele tirou a conclusão de que não era a área dele, aí uns tempos depois veio uma moça aqui fazer orientação que assim que para umas coisas ela não foi boa, mas para outras ajudou as pessoas a encontrar o caminho assim. E a partir daí ele começou a dar aula de música, e aí eles recommçaram a aula de música, aí ele parou um tempo foi fazer outras coisas, e quando o professor de música que estava aqui precisou sair para fazer mestrado, o Fernando voltou, foi uma coisa muito legal porque assim ele é muito criativo, já montou musical, está sempre junto.

Quando buscava os filhos na sala:

Quando os meus filhos eram menores e chegavam em casa com a roupa toda suja de terra, os vizinhos sempre olhavam e assustavam diziam que nunca iriam colocar o filho deles na mesma escola, porque eles sempre saíam sujos.

ROTEIRO no. 5 : Pais de alunos que estudam na escola
ENTREVISTA no. 9 realizada no dia 25 de setembro de 1999 com Plínio Luiz da Silva Camillo, pai de uma aluna do maternal da Escola Curumim.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome:**
Plínio Luiz da Silva Camillo
- **Formação:**
Educador social, eu trabalho com meninos e meninas de rua. Tenho formação em Linguística na Unicamp.
- **Quantos filhos estudam na escola, idade, série?**
Tenho uma filha de três anos e meio, no maternal.
- **Desde quando os filhos estão na escola?**
Ela está na escola desde o começo deste ano.
- **Trabalha na escola, quanto tempo, função?**
Não.
- **Por que matriculou os filhos nesta escola, expectativas, motivos para escolha?**
A gente mudou de São Paulo para Campinas, e em São Paulo ela era uma menina de apartamento, aqui tem a questão do espaço e contato com o verde e pela tradição da Curumim, quando eu estava em Campinas em 84 . Na época eu fazia graduação, a Curumim estava começando e muito filho de amigos meus estavam colocando os filhos aqui, mas a questão mesmo foi o espaço.
- **O que mais gostou na escola, e pesou no momento de decisão?**
O espaço.
- **Qual é o envolvimento e a participação dos pais nas atividades desenvolvidas na escola ? Qual é a sua avaliação desta participação ?**
Bom, temos aqui um apreciador, pelo fato de que eu trabalho em São Paulo, e na semana eu chego à noite, então a minha participação é mínima, às vezes eu venho aqui, estou olhando o que acontece. E eu estou esperando surgir um espaço dentro das minhas habilidades para estar ajudando porque me interessa, porque no meu trabalho tem essa participação da família, e eu exijo no meu trabalho, mas eu não participo por questão do tempo. A minha avaliação sobre os outros pais é que é algo bom, existem pais muito engajados.

- **Como você acha que os pais poderiam aprimorar sua participação no espaço escolar ?**

Eu vejo o resultado da participação deles, não sei qual é a ideologia da participação, mas o que tem a contribuir, eu fico inseguro para dar um palpite, mas acho que o mínimo é o trabalho com a cidadania das crianças, mesmo com a metodologia Freinet, eu creio que dá para fazer um trabalho maior, sobre os direitos e deveres das crianças, e o que acontece com o mundo lá fora.

- **E em casa ? Como pode aprimorar sua participação no processo escolar de seus filhos ?**

De estar mostrando as necessidades, o que acontece no mundo fora da escola.

- **Quais os pontos de tensão na relação casa e escola que você identifica como sendo obstáculos para o aprimoramento do processo educacional de seus filhos ?**

Eu não vejo, é um ideal meu. Até a prática deve ter um ponto de tensão porque a metodologia Freinet de trabalhar com a necessidade, que envolve uma participação, uma cooperação muito legal.

- **Que sugestões você faria para a melhoria desta relação ?**

Eu não participo muito, então não sei

ROTEIRO No. 5 : Pais de alunos que estudam na escola
ENTREVISTA no. 10 no dia 23 de setembro de 1999 com Stela Mares Vilela, mãe de um aluno que cursa a 2^a. série da Escola Curumim, e funcionária.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome:**
Stela Mares Vilela

- **Formação:**
Comecei a estudar Letras, fiz durante dois anos e não terminei.

- **Quantos filhos estudam na escola, idade, série?**
Tenho um filho que estuda na escola, ele tem 8 anos e meio e está na 2^a série.

- **Desde quando os filhos estão na escola?**
O Caio veio para a Curumim desde dois anos de idade.

- **Trabalha na escola, quanto tempo, função:**
Eu trabalhava na Curumim como secretária e quando tive o Caio parei de trabalhar, daí ele ficou dois anos comigo e quando ele teve idade para entrar no maternal e está até hoje. E este ano que eu voltei a trabalhar aqui, nos outros anos eu fiquei como mãe, agora eu voltei para a biblioteca. Estou trabalhando desde março, trabalho o dia todo na biblioteca e almoxarifado, na distribuição de material.
No começo, quando eu não conhecia a escola fiquei sabendo por uma amiga mesmo, eu nem conhecia a Curumim, comecei a trabalhar aqui em 83 como secretária e quem me avisou foi uma amiga que era professora aqui na época, agora não trabalha mais.

- **Por que matriculou os filhos nesta escola, expectativas, motivos para escolha?**
Eu conheci a escola trabalhando, trabalhava na secretaria. E quando você convive na Curumim não tem jeito de levar para outra escola, eu tenho que acreditar na escola que estava trabalhando. Quando eu parei de trabalhar e ele teve idade para vir para escola eu optei pela Curumim porque eu gostei da escola, eu ficava o dia todo, via como funcionava, como era o trabalho com as crianças, e aí acabei levando para a Curumim mesmo. Eu comecei a trabalhar e encantei com a escola, não conhecia a Pedagogia Freinet, nunca tinha ouvido falar, e foi uma revelação para mim, foi uma coisa que eu gostei muito sabe.

- **O que mais gostou na escola, e pesou no momento de decisão?**
O que eu mais gosto na escola é o modo como as crianças são tratadas, que são respeitadas as diferenças delas, a criatividade, não vem aquele monte de lição que tem que colorir dentro, uma coisa que a gente estava acostumada, que eu fui educada, a criança é tratada com respeito.

- **Qual é o envolvimento e a participação dos pais nas atividades desenvolvidas na escola ? Qual é a sua avaliação desta participação ?**

Eu gosto de participar de tudo, das festas e reuniões que a escola convoca.

Neste ano a gente teve duas campanhas para arrecadar dinheiro para comprar computadores, porque a escola foi roubada, no final do ano passado entraram aqui e levaram tudo, todos os computadores, sala de vídeo tudo. Nós fizemos uma comissão e fizemos duas rodadas de pizza, e a receptividade de pais foi super legal, vendeu bastante pizza, foram os pais que fizeram e os pais que compraram a pizza. Foi uma comissão de pais te tiveram a iniciativa de arrecadar o dinheiro. Dos computadores que compraram cinco, deu para a gente pagar dois ou três, praticamente metade, então foi legal.

A gente tem uma integração legal, entre as crianças, e entre os pais, eles vão para casa de amigo, dormem, trocam.

Os pais participam muito nos momentos de festa, eles vêm. Tem pai que não participa de nada, entendeu, acho que em qualquer escola sempre tem pais que não se envolvem, mas acho que a participação aqui é bem maior, e eu considero positivo.

- **Como você acha que os pais poderiam aprimorar sua participação no espaço escolar ?**

Aí tem que haver a abertura dos canais, uma ação conjunta, acho que tem que participar mais, é possível. Que nem aqui, a escola foi super receptiva, abriu o espaço, teve o interesse da escola também em estar precisando dessa ajuda naquele momento. Tem as duas partes, de alguns pais querer intrometer não saber como, só vai atrapalhar. Acho que tem que ser uma coisa que a escola abra os canais para os pais participarem, a escola tem que abrir os canais, mais até.

- **E em casa ? Como pode aprimorar sua participação no processo escolar de seus filhos ?**

Em casa eu sempre procuro estar conversando com ele o que acontece em sala de aula, sobre a rotina dele, procuro ajudar na lição, nas lições que ele leva, participar das reuniões que as professoras chamam, mas não tem muito mais que isso não. A gente sempre participa das festas com ele, estimula.

- **Quais os pontos de tensão na relação casa e escola que você identifica como sendo obstáculos para o aprimoramento do processo educacional de seus filhos ?**

A gente tem dúvidas às vezes questionamentos, alguma coisa que fica, mas é mesmo para corrigir lição, coisas que acontecem no dia a dia, mas acho que não tem um ponto de tensão.

- **Que sugestões você faria para a melhoria desta relação ?**

Acho que não tenho sugestão, o meu filho gosta da aula de música, do espaço, eles brincam bastante, ele gosta da escola como um todo, ele nunca disse que não queria vir à escola, nunca pediu para mudar de escola, que às vezes eu vejo que acontece com outras crianças, jamais ele falou muda de escola, então eu acho que ele é uma criança feliz aqui.

ROTEIRO NÚMERO 2: Professor fundador

ENTREVISTA no. 11 realizada no dia 18 de outubro com Clarice Maria Germani, uma das professoras fundadoras da Escola Curumim e atualmente está nesta escola como mãe de um aluno da 7ª série.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome:**

Clarice Maria Germani

- **Formação:**

Ciências Sociais na Unicamp.

- **Motivos para a criação da escola:**

A Curumim nasceu em contraposição à Escola do Sítio. Então a Escola do Sítio tinha os donos que era um casal, e aí um grupo de professores não concordava muito com a orientação pedagógica da escola, então tinha um grupo de pais com a mesma idéia, a gente se reuniu várias vezes, fizemos assembléias. E aí um grupo de 13 professores e uns 20 pais resolveram sair do Sítio e montar uma escola, a resolução disso foi final de junho e em julho a gente já saiu para procurar um lugar para montar a escola, então foi um mutirão mesmo. Não existia funcionários para fazer isso, então os pais e professores fizeram tudo, desde banquinhos, cadeiras, prateleiras, brinquedos.

- **Participação no processo:**

No processo inicial eu era uma professora do Sítio³ e trabalhava com orientação pedagógica, e aí eu fui uma das fundadoras. Participei de todos os momentos, desde quando a gente resolveu fazer uma escola, até achar a chácara, arrumar, adaptar, e todos os encargos e conseqüências e as conquistas decorrentes disso.

- **Estrutura da escola:**

A gente tinha o maternal, o pré e um pedaço do primário. A coordenação era coletiva, nas reuniões que a gente fazia discutia tudo, cada coisa da escola a gente discutia em conjunto. No início não tinha muito esse papel de orientador. Tinha uma diretora porque legalmente era necessário, mas a coordenação pedagógica era feita pelo grupo.

- **Princípios :**

Os princípios da pedagogia Freinet, aí tem uma discussão porque a cooperação para a gente era um princípio, mas a gente percebeu que tinha que ser um objetivo. Princípios às vezes são difíceis de conseguir, então você tem que colocar ele em primeiro lugar como objetivo, tem que alcançar, tem que trabalhar essa cooperação. Todos os princípios da Pedagogia são objetivos, você tem que estar trabalhando, buscando, refletindo, e tem todos os outros princípios que é avaliar –se, cooperar, e muitos outros que a gente trabalha na escola.

³ Nome da escola. “Escola do Sítio”

2 – Participação dos pais:

• Como era a participação dos pais na consolidação da proposta da escola ?

Em um tempo foi bem interessante, em casa a gente lia e via que era interessante, só que no dia a dia, tem lá uma torneira pingando, você precisa esperar a reunião de conselho para resolver esse problema, quanto de dinheiro tinha, quem iria chamar para consertar e começa a inviabilizar . Na parte pedagógica acontecia o mesmo, no dia a dia como você ia trabalhar isso, então tinha que esperar uma reunião para discutir, então isso dava umas travadas na escola, era uma participação que não era cotidiana, não estava lá na mão para na hora que a gente precisasse. Isso gerou alguns conflitos porque a gente precisava de agilidade. A pedagogia Freinet era uma coisa maior, então a gente tinha que discutir, mas outras coisas não dava para esperar. Por exemplo a questão do lanche coletivo, isso não surgiu do nada porque é bonitinho ou mais fácil, existia uma proposta pedagógica no lanche coletivo. Parece uma coisa boba, mas a gente ficava discutindo para ver como iria implantar o negócio. Isso é complicado porque se só os professores falarem “a vamos fazer isso” a gente junta um ou dois dias e acabou, uma idéia e tal, mas com os pais tinha que esperar e as reuniões no começo eram semanais, depois quinzenais, depois uma no mês e depois era de vez em quando. Foi quando os pais decidiram “*olha essa parte pedagógica tem que ser dos professores*”, “*tem que ser gente da área*”. Tudo era corrido, a gente dava aula de manhã e fazia grupo de estudos à tarde, e quem dava aula à tarde fazia grupo de estudos de manhã. Alguns pais nem se interessavam, porque não eram área deles, e tinham outras coisas para estudar. Era uma oportunidade para o filho, e nem tanto envolvimento do pai. Alguns pais participavam, como alguns professores não participavam da mesma maneira, uns se envolvem mais outros menos. Então quando a gente mudou para a cooperativa só de professores a coisa ficou mais leve, porque os professores tinham mais autonomia, de decisão na linha pedagógica., a parte pedagógica ficou mais dinâmica, e depois que ficou mais restrito ainda, que nem todos os professores faziam parte da associação, a parte administrativa a escola comandava e a parte pedagógica tinha a coordenação, orientação pedagógica que de uma certa forma orientava mesmo. Era uma coisa conjunta, como até hoje é assim, você precisa ter uma certa coesão, esse grupo tomava decisões. Algumas coisas eles decidem, outras é a direção.

• Como era a relação entre professor e pais?

Era tranqüila, próxima, muitas vezes era antagônico porque uma pessoa pensa de um jeito e a outra pessoa pensa diferente. Conflitos entre pais e professores não tinha. O que tinha era envolvimento diferente. Era muita discussão, papo entre as pessoas, mas era tranqüilo, era próximo, mais próximo que eu conheço. Você entra nessa escola, em outras você nem entra, eu fui em outra escola e fiquei boba porque você não tem contato nenhum, para você falar com o professor você tinha que marcar um horário com muita antecedência. E aqui você encontra as pessoas, tem oportunidade, a coisa é mais imediata.

- **Como via a participação dos pais na escola ? No que ela poderia contribuir para o processo educativo ?**

Quanto maior é o envolvimento dos pais na escola, mais rico é a aprendizagem da criança, ela se sente valorizada, protegida. A gente percebe pai que não tem nenhum vínculo com a escola e a criança também não tem. Eu acredito que o desenvolvimento da criança na escola depende do vínculo dos pais com a escola. O pai ausente a criança tem mais dificuldade.

- **A participação dos pais influenciava o trabalho do professor, atrapalhava, existia resistência, tensões, algum tipo de cobrança ? Quais ?**

Muitas vezes eu me deparei com pais que achavam que a escola tinha a receita mágica. Então quando a criança não comia “ah o que eu faço ?”, a gente meio que fazia o papel de educadora dos pais, muitos pais chegavam perguntando como que eles falam com os filhos sobre religião. Era uma coisa mais dependente. Eles achavam que a gente ia solucionar todos os problemas. Hoje é mais distante. Eu acho que é ilusório porque a escola tem todo o trabalho pedagógico, mas o papel dos pais é muito mais preponderante na vida da criança, para a construção da personalidade. São duas facetas da educação, uma parte é o trabalho da escola, a parte social, e a família a parte interna da criança.

- **Como era a sensação entre as pessoas que participavam, o clima, o ambiente de cooperação, existia o momento das conversas, dúvidas, troca experiências ? Em que isto resultava ?**

Sempre foi tranquilo, mas existiam conflitos. A mudança da escola passou por esses conflitos, várias pessoas saíram, outras não concordavam com as idéias, eu achava saudável, mas existiam brigas, eram discussões bem profundas das coisas, eu acho que isso que é dinâmica mesmo. E porque tinha um pensamento que vinha de cima para baixo, como era a gente que decidia tudo, então tinha que brigar. Tinham alguns pais que tinham uma ligação maior na parte pedagógica da escola, a gente teve muitos pais que ajudaram na escola, como psicóloga, psicopedagogas, que eram pessoas ligadas com a área, elas vinham e também para desenvolver um trabalho. E essas contribuições eram muito valiosas, e além disso tinha a participação dos pais no grupo de estudos e até muitas vezes eles vinham mostrar o seu trabalho, um pai que quer dar um workshop, isso tem até hoje, pessoas interessantes na participação. Então pai que é massagista, dava uma aula. Então acho que tem uma troca. Hoje eu acho pouco, acho que os pais trabalham muito, mas pais participam mais porque acreditam. Hoje eu estou na escola como mãe, não tenho um papel, mas eu ajudo onde precisar, eu estou sem trabalhar, então faço as coisas com maior carinho. Eu acredito nas pessoas que trabalham aqui, trabalhei vinte anos, tenho um envolvimento emocional. Mas a participação dos outros pais é limitada, quando dá tempo, tem pais que lêem sobre a Pedagogia e vêm perguntar.

Antigamente a participação dos pais era mais esperada, porque era quase que obrigatório, só que essa coisa de ficar esperando a participação dos pais era meio frustrante.

- **Quais as formas de participação dos pais na discussão da proposta pedagógica da escola ?**

Através das assembléias e reuniões de turma.

- **Reclamações, sugestões, idéias, iniciativas, como eram recebidas e encaminhadas ?**

Para você colocar alguma coisa você tinha que chamar uma reunião, uma assembléia, tinham coisas que não eram necessárias poderia chamar o conselho administrativo, mas tinham coisas que tinham que ser votadas, cada um tinha o seu voto, quando o pai tinha uma reclamação muitas vezes encaminhava para o conselho, o conselho estudava a proposta e se achava que não tinha competência para resolver aquilo chamava uma assembléia. Em uma assembléia não dava tempo para resolver o assunto, então o que acontecia é que chamava quatro assembléias para discutir o assunto. Era um pouco demorado, mas foi assim por um tempo.

- **Como você descreveria os momentos em que os pais, professores e crianças estavam juntos na escola ? O que se fazia nestes momentos ?**

A gente fazia muito mutirão antigamente, mutirão significava, “*ah vamos fazer o jardim*”, então todo mundo ia para a escola, cavava, plantava, limpava, mutirão para fazer brinquedos e essas coisas. Juntava todo mundo, pais, professores e crianças, a gente passava o dia todo na escola e cada um levava uma coisa para fazer lanche, picnic, tinha mutirão de tudo quanto é coisa que você pode imaginar. Tinham pais com habilidade para trabalhar com madeira, então ajudava na construção dos brinquedos da sala de aula, faziam roupinha para boneca, fantoches e faziam um ateliê onde todo mundo estava junto. Ultimamente o que tem acontecido são as festas, ateliê, mas os pais fazem e levam para casa. O que a gente fez foram campanhas, foram duas campanhas da pizza, que era para conseguir dinheiro para comprar os computadores, teve muita participação de professores e pais e alguns alunos do ginásio. A campanha da pizza funcionou o seguinte, no começo do ano a gente ficou sabendo que a escola foi roubada nas férias e levaram todos os computadores, então como a escola tinha acabado de ser construída e não tinha muito dinheiro, ela estava desfalcada e iria demorar para repor os computadores, então em uma manhã quando as mães vieram para buscar os filhos nós estávamos no portão e surgiu a idéia de que poderíamos fazer alguma coisa, “*ah o que vamos fazer*”, “*o que dá certo*”. Então a idéia da pizza foi uma coisa que saiu porque todo mundo leva para casa e não é aquela coisa da rifa, que é chato de ficar vendendo, demora.

3 - Histórico da instituição:

- **Nome da escola no período da fundação:**

O nome da escola era Escola Cooperativa Curumim, e aí seria uma fantasia enorme porque a escola toda era Escola Cooperativa Curumim. Tudo foi resolvido em uma assembléia, teve uma sugestão de nome, foi votado e decidiu e foi assim. E o nome da escola é criança em tupi guarani. A cooperativa porque o nosso ideal é que fosse uma cooperativa de pais e professores, quando não foi possível a gente separou em uma

sociedade educacional de Campinas que mantém a Escola Cooperativa Curumim, então o nome cooperativa ficou um nome fantasia, o princípio estava no nome porque a associação não poderia ser uma cooperativa, mas o nome da escola eu ponho o que quiser, é livre, só não colocando o mesmo de uma outra escola.

- **Local ocupado pela escola, escolha pelo espaço:**

Foi escolhido Barão Geraldo porque a maior parte das pessoas era de Barão Geraldo, então as pessoas que saíram da Escola do Sítio moravam em Barão Geraldo, eram professores da Unicamp e muita gente ligada. A gente queria que fosse uma chácara porque tinha que ter espaço, a criança não poderia ficar confinada, ela tinha que ter espaço para o desenvolvimento físico, emocional.

Encontramos a chácara e ficamos lá durante 4 anos, depois a gente viu que o local estava muito complicado porque era uma rua de terra e quando chovia não dava para passar e a nossa clientela começou a aumentar e eram pessoas da cidade, e Barão Geraldo começou a ficar restrito, não tinha muito ônibus e aí a gente mudou para a Rua Jasmim e ficamos mais de 10 anos.

- **Número de alunos, professores, funcionários:**

No começo tínhamos 27 crianças que saíram do Sítio e foram para a Curumim, mas eram poucos, nós estávamos em 7 professores, nem todos tinham trabalho na Curumim porque saíram 15 professores da Escola do Sítio, então alguns professores entraram como pais também não trabalhavam e nem ganhavam, outros saíram mesmo porque tinham algumas coisas para fazer, então foi feito meio que uma eliminação de quem iria trabalhar e quem não iria. A gente ia montar um projeto de vida, ia montar um grupo e tem que ter uma certa estabilidade, não podia falar “ah eu vou entrar mas daqui a um mês eu vou sair”, toda vez que alguém saía era complicado. Tínhamos funcionário da faxina, mas quando faltava era a gente mesmo que fazia. Era uma funcionária só, não tinha jardineiro. A gente fazia mutirão para limpar o quintal às vezes chamava um jardineiro para dar uma força. Alguns consertos de muro os próprios pais faziam, às vezes tinha que contratar alguém, mas era o mínimo possível de funcionários.

- **Períodos, séries:**

Era de manhã e tarde, no início a gente não tinha período integral. A gente tinha turmas de 1 ano eram bem pequenininhos acho que eram 6 alunos, também tinha criança que nem andava elas vinham de carrinho, a professora tinha uma auxiliar. E aí tinham grupos de 2 à 4 anos e outro de 4 à 6 anos, e grupos maiores, depois a gente foi reduzindo grupos de 2, 3, 4 anos, depois o pré, o 1º ano, e 2º ano. Teve ano que a gente chegou a juntar duas séries na mesma sala, a 2ª e a 3ª na sala com o mesmo professor e era um trabalho bem diferenciado com ateliê, dependendo muito mais do desenvolvimento de cada aluno, era tranquilo não foi uma coisa impossível. Foi uma coisa gratificante porque os maiores ajudavam os menores, e os maiores conseguiam ver o seu desenvolvimento “ah olha quando eu era menor eu não conseguia fazer tal coisa, agora eu consigo”. A gente achava que tinha vários pontos positivos. Tanto que agora teve os jogos da amizade e juntamos na equipe desde os menores até os maiores, então é interessante essa coisa dos maiores ajudarem os menores, dos menores tentarem fazer o melhor, buscar melhorar.

- **Estava ligado à alguma organização, quem mantinha?**

Associação de professores e pais. A gente fez uma cooperativa, juntou todas as idéias, só que legalmente não foi aceito fazer uma cooperativa de pais e professores porque na época era o Incra⁴, eles regiam essas cooperativas, aí vetou e disse que os interesses eram antagônicos, pois os pais querem uma coisa e os professores outra, então a gente legalmente não conseguiu montar uma cooperativa, aí a gente montou uma associação. Então essa associação era de pais e professores, tinha lá o conselho fiscal, o conselho administrativo e era composição mista de pais e professores. Quando foi fundada essa associação tinha umas 37 pessoas, porque o casal contava 1 voto, então a pessoa entrava para a associação ou era o marido ou a mulher.

Depois em 1982, ela passou a ser uma associação só de professores porque na prática a gente começou a perceber que a participação dos pais era muito complicado porque era uma participação restrita, os pais não trabalhavam com educação, os pais não tinham tempo, então por exemplo, tinha uma pessoa que era encarregada das compras, só que ela não estava lá no dia à dia, então era complicado porque até ir lá fazer a lista das compras, já tinha acabado a necessidade da compra, então os pais começaram a delegar mais poderes aos professores, daí ela passou a ser uma cooperativa de professores com a participação espontânea dos pais, então os pais que podiam, que queriam, a gente tentou fazer com que a escola tivesse uma ligação muito grande.

- **Formação profissional das pessoas envolvidas, número de membros que participaram da fundação:**

Na fundação todos tinham a idéia de estar seguindo a carreira da Pedagogia, vários tinham curso superior, outros não tinham, o primário era exigido que tivesse um diploma de Pedagogia na pré escola não era exigido, então tinham alguns professores que não tinham, fizeram normal. Eu por exemplo, fui orientadora, administradora, e não tenho a parte de orientação escolar e nem de Pedagogia, eu tenho formação superior, mas não ligado à área. Eu nunca fui diretora da escola porque não posso assinar pela escola. Mas eu posso ser secretária, posso fazer todo o serviço da administração só que não era diretora.

- **Surgimento do projeto pedagógico, quais eram os objetivos da escola:**

A gente sabia de algumas coisas que não queria. Na escola do Sítio a gente tinha uma pessoa que era secretária e tinha feito filosofia no Rio de Janeiro e tomou contato com a Pedagogia Freinet, era uma pessoa que estudou na França então tinha contato com os textos de Freinet, e a gente começou a estudar Freinet, e ela começou a colocar lenha na fogueira porque ela era apaixonada pelo Freinet, até hoje inclusive. E a gente começou a identificar, o grupo pedagógico começou a identificar com aquela pedagogia e começou a levar para os pais. Essa pedagogia a gente tinha a teoria dela. E aí a gente convidou alguns professores da França, eles deram várias palestras, foram na escola e deram sugestões e a gente discutiu bastante com eles como é que era o dia a dia, o cotidiano como era trabalhado. Então a gente foi construindo foi adaptando. Na França é diferente, inclusive o clima, eles têm água dentro da sala de aula, torneira porque eles não podem sair lá fora para brincar com água, primeiro porque é muito frio, e segundo porque não

⁴ INCRA- Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária.

tem água lá fora. Aqui eles brincam com água, esguicho, e tem a possibilidade de levar água para areia, lá é em uma bacia. Eles ficaram apaixonados porque lá eles têm classes Freinet e aqui a gente tem a escola toda, são poucas, mas tem.

- **Metodologia:**

A gente foi desenvolvendo com muita leitura, a Pedagogia Freinet tem muito material, os professores que trabalham com a pedagogia escrevem, os alunos pesquisam nos próprios materiais que eles fazem. E a gente pesquisava muito no material de outros professores, então a pedagogia desenvolve muito envolta da experiência. A gente faz encontros com algumas escolas de São Carlos, para fazer experiências, ateliês, essa vivências, para poder estar trocando experiência e poder estar construindo o nosso próprio método.

A gente tinha estipulado uma rotina, mas é muito do grupo que constrói. Em geral existe o 1º momento que é da roda, em todas as turmas é mais para ver o que vão fazer, proposta de trabalho, principalmente até a 4ª série, porque depois é mais compartimentalizado, cada horário tem uma disciplina. A dinâmica de sala é mais do professor que faz com os alunos.

- **Reuniões, frequência, quem participava, o que se discutia :**

Reunião pedagógica é toda semana. Antigamente era tudo junto atualmente é separado. Pré escola, primário e ginásio. Antigamente fazia uma semana de um setor e na outra geral.

Assembléias atualmente não tem mais, tem reuniões com os pais, mas não tem mais assembléias. Mas da época em que os pais tinham voto tinham as assembléias ordinárias e as extra ordinárias, uma vez por mês, só que tinha mês que tinha 4 ou 5 assembléias até resolver o que tinha que ser resolvido, conforme a necessidade. A ordinária tinham duas, uma no início do ano e a outra no meio e a extra conforme precisava.

- **Como era feita a contratação do professor, exigências, preferências, a formação acadêmica e a filosofia da escola, o que buscava neste profissional de acordo com o que esperavam da escola ?**

No começo foi porque saiu todo mundo do Sítio já era um grupo de professores, mas depois foi boca a boca, “ah a gente tá precisando de um professor”, um professor sai da cidade ou porque quer fazer pós graduação e sai, aí vem uma pessoa conhecer a escola, ela vem conversar, passa por um estágio de 3 meses, geralmente quem escolhe é a orientadora ou coordenadora, acho que é só vendo a pessoa trabalhando, agindo e reagindo que a gente vai conhecer, ela faz 40 horas e passa por todas as turmas e neste momento ela tem que fazer um ateliê, dar uma aula para ser observada, depois tem a avaliação do dia a dia do profissional.

- **Problemas encontrados na estruturação da escola:**

Teve esse problema legal da cooperativa, a parte burocrática é um horror, sempre faltava um papel. E problemas pedagógicos de estar montando cada detalhe.

- **Papéis, função de cada membro na construção da escola, responsabilidades assumidas:**

Os professores tinham a sua turma, tinha orientação, teve ocasião que a orientação era feita por pais, então era um trabalho dentro da escola. E além das funções acadêmicas dentro da escola, tinha a secretaria, e as funções administrativas da mantenedora que seria a associação.

Então tinham duas funções, as da Curumim que daí como funcionário da Curumim eu era da Associação e eu era contratada com carteira e tal, e da Associação ou era professora ou era orientadora, tinham várias coisas que o funcionário da escola eram contratados. Agora eu como associada tinha as minhas funções que não era remunerada, se eu fosse da escola eu era remunerada, se eu fosse da Associação eu não era remunerada.

No conselho fiscal tinha a pessoa que era contador, que via como era financeiramente a escola, e a parte administrativa era o dia a dia, tinham várias coisas que era feito por esse grupo de pais e professores, era essa coisa de decidir quem ia contratar, como iria fazer, a linha pedagógica da escola, era a Associação que decidia. Para você ser contratada necessariamente você tinha que ser associada, mas nem todos os associados eram contratados, mas todos os contratados eram associados, no início existia uma pequena taxa de associação que era 1/3 do salário, depois com o tempo a gente foi eliminando. Quando passou a ser uma associação de professores, os professores não eram obrigados a ser associados porque existia isso, uma associação precisava ter presidente, vice presidente, conselho fiscal, conselho pedagógico, e nem todos os professores tinham disponibilidade para estar trabalhando extra porque, por exemplo, eu trabalhava das oito horas ao meio dia, mas isso era o meu contato e eu recebia por isso, só que de tarde eu trabalhava para a Associação. Toda a administração da escola era a Associação que fazia. O organograma da escola era: Tinha a mantenedora da escola, com presidente e dois conselhos: o administrativo e o fiscal. Dentro do conselho administrativo tinha o pedagógico. Esse é o organograma da Associação. Dentro do organograma da associação os professores se encaixavam, não existia um lugar somente para os professores, os professores faziam parte do conselho pedagógico. Quando passou a ser uma associação de professores tinha as pessoas dentro desse mesmo organograma e depois tinha a parte da escola, que mantinha a escola, aí tinha um outro organograma, tinha a direção, muitas vezes a gente tentou fazer com que fizesse parte da Associação, desde quando era obrigatório até quando não era, a direção os orientadores, os coordenadores de curso sempre faziam parte da associação para não conflitar os interesses. Atualmente é diferente. Antigamente era Associação Educacional de Campinas, agora é uma sociedade com outro caráter.

As associações foram mudando de acordo com o funcionamento da escola, no começo era cooperativa, depois passou a ser associação com obrigatoriedade de contratados, depois não era mais obrigatório. Tudo isso porque nem todos os professores e pais têm o mesmo desenvolvimento, então a gente foi ajustando para a coisa acontecer mais rápido. No começo a gente recusava em ver a escola como uma empresa, depois a gente começou a ver que alguns pontos tinha que ter essa visão se não ela não ia para frente.

- **Formas de divulgação da escola:**

A gente teve alguns cartazes, uns folhetos, panfletos, já foi mandado dentro de jornal de circulação. Mas o mais forte é boca a boca, um pai falando para o outro.

3.1 - Perfil da clientela no período da fundação:

- **Quem eram as famílias do ponto de vista econômico?**

Na época foi uma briga porque a gente estava falando que a escola estava ficando elitizada, porque como é uma escola pequena com poucos alunos por turma tinham menos alunos é uma escola que acaba ficando cara. Aqui tem várias possibilidades de bolsa, sempre teve essa possibilidade.

- **Como conheceram a escola ?**

A maioria estava na Unicamp, trabalhando ou estudando e foi boca à boca.

- **Qual a profissão dos pais?**

Eles eram universitários que davam aula, ou fazia mestrado.

- **Procura pela escola, demanda atendida:**

Quando a gente mudou de Barão para cá perdemos muitos alunos. Mas depois a procura aumentou, pelas pessoas que moram no centro, então de 30 ou 40 alunos a gente passou para 200.

- **Atendia portadores de deficiência física/ mental?**

Sempre teve, mas muitas vezes a gente recusou crianças porque tinha uma deficiência física muito grande e era difícil para estar lhe dando. Aqui na construção desta escola, a gente pensou muito nisso, tanto que construímos rampas e não escadas, foi um aspecto mais fácil justamente para estar atendendo. Já tivemos crianças autistas e com várias deficiências.

- **Pais separados:**

Muitos pais.

- **Você quer acrescentar alguma coisa ?**

Eu tive o meu filho mais velho estudando aqui e saiu na 7ª série, agora ele está na faculdade. Agora eu tenho o mais novo que está na 7ª série, ele está adorando e não quer sair daqui, talvez por isso que repetiu a 7ª série. O que ele talvez mais gosta é a ligação afetiva entre as pessoas, as crianças conhecem a muito tempo, o clima entre os professores.

A visão que ele tem de outras escolas é muito mais pelo o que os colegas que não estudam aqui, então ele fala que “ah aquela escola é legal, eles fazem isso”, “ah aquela escola é muito chata, os meninos se preocupam com coisas bobas, são mauricinhos, patricinhas, andam de celular”. Para as crianças da Curumim as coisas são mais simples, às vezes o valor das coisas são mais simples, às vezes a mensalidade é a mesma e o nível também, mas as crianças acham que os outros são mauricinhos, tem uma visão estereotipada da coisa, pode ser até preconceito. Os alunos daqui não tem muito essa coisa consumista.

ROTEIRO No. 6 : Alunos que estudam na escola
ENTREVISTA no. 12 realizada no dia 25 de setembro de 1999 com Christian Fischer Sille, aluno da 7ª série da Escola Curumim.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome, idade:**
Christian Fischer Sille, 12 anos
- **Pais, profissão:**
Meu pai é engenheiro mecânico e minha mãe é artista plástica, só que agora ela não trabalha.
- **Tem irmãs(os), quantos, idade?**
Tenho uma irmã de oitos anos, Bianca está estudando na 2ª série.
- **Quanto tempo está estudando nesta escola; que série está cursando?**
Desde os três anos, entrei no maternal e hoje estou estudando na 7ª série.
- **O que mais gosta na escola?**
A hora do recreio, gosto da maioria das matérias, mais de português por causa da professora.
- **Em que momentos seus pais participam das suas atividades escolares ?**
A minha mãe participa bastante, das festas, ela ajuda a organizar... agora ela parou um pouco. Existe um grupo de mães que ajuda nas festas, ajuntava um grupo e fazia uns negócios, acho que eram umas cinco pessoas no máximo.
- **Você recorda de alguma atividade realizada na escola com pais, professores que mais gostou, por que?**
Foi a festa junina que teve na escola, a minha mãe ficou o dia todo na escola, ajudava a pendurar bandeirinha e fazer outras coisas.
- **Referente ao que aprende na escola, os pais devem ajudar os filhos no dia a dia, como?**
Quando eu não entendo alguma coisa, eles ajudam a entender a lição, o que eu aprendo na escola a gente sempre comenta, conversa, troca informações.
- **Você acha que a presença dos pais na escola ajuda, prejudica os seus estudos?**
Eu acho que ajuda porque tem para quem perguntar, em uma escola pequena se os pais não ajudarem ela não vai para frente.
- **Em que momentos seus pais costumam vir à escola, como se sente quando participam das atividades?**
Quem participa mais é a minha mãe, o meu pai nem tanto, a minha mãe vem em todas as reuniões, fala na frente, dá sugestão.

- **Como é fazer amizades na escola, você conversa com alunos de outras séries, funcionários, professores?**

A maioria conhece a muito tempo, desde pequeno, e os outros alunos vão entrando aos pouco, não entra um monte no começo do ano.

- **E com pais dos amigos, como conheceu?**

Fora da escola a gente combina de ir jogar vôlei, ir ao cinema, ir ao shopping. Os pais dos meus amigos eu conheci quando vêm buscar em casa, quando a gente faz trabalho.

ROTEIRO No. 6 : Alunos que estudam na escola
ENTREVISTA no. 13 realizada no dia 28 de setembro de 1999 com Mariana Mattos Spagnol, aluna da 7ª série da Escola Curumim.

1 - Quem é meu entrevistado:

- **Nome, idade:**
Mariana Mattos Spagnol, 13 anos
- **Pais, profissão:**
Meu pai é arquiteto e minha mãe telefonista.
- **Tem irmãs(os), quantos, idade?**
Tenho uma irmã de 15 anos e um irmão de 11 anos. A Carola está estudando em outra escola porque está no 1º colegial e o Pedro está na 5ª série.
- **Quanto tempo está estudando nesta escola, que série está cursando?**
Eu estou estudando nesta escola desde a primeira série, desde os 7 anos e o meu irmão desde o infantil, a minha irmã desde a primeira. O maternal eu fiz em uma escola que tinha perto de casa, uma escola do Estado.
- **O que mais gosta na escola?**
Eu gosto dos professores, dos meus amigos. Eu gosto muito da Simone que é professora, e ela explica muito bem, principalmente essa parte do corpo humano, é uma coisa bem interessante, assim, interessante.
Sobre o que eu quero estudar, me formar, quando eu era criança eu queria algo ligado com esporte mesmo, tipo eu gostava muito de correr, eu corria bastante, era rápida, aí eu queria ser atleta. Agora eu estou pensando em algo ligado mais em Medicina, no ano passado eu fiquei assim meio em Veterinária, só que eu não sei é algo ligado a Medicina.
- **Em que momentos seus pais participam das suas atividades escolares ?**
Eles vêm em festas, em todos os momentos eles vêm com a gente, nas reuniões da escola. Que nem o meu pai é o arquiteto aqui da escola, da Curumim. O meu pai era arquiteto antes, e a gente já estudava aqui, quando a escola precisou mudar de lugar, então o meu pai falou que ele fazia o projeto, e com o dinheiro que iria gastar já pagava a mensalidade da Curumim. O meu pai participa mais, a minha mãe também vem na reunião em festas.
- **Você recorda de alguma atividade realizada na escola com pais , professores que mais gostou, por que?**
Eu lembro de uma atividade que eu realizei com os amigos, a gente estava na educação física e o professor juntou duas turmas, a da 3ª e 4ª série, era uma corrida, tipo polícia e ladrão, e a gente brincava na escola inteira, eu achei bem legal na época. Na 5ª série a gente fez tipo uma culinária em ciências, a gente estava estudando sobre os alimentos e a gente preparou os alimentos na escola, depois a gente comeu, foi um macarrão que ficou meio ruim, mas foi bem legal.

- **Referente ao que aprende na escola, os pais devem ajudar os filhos no dia a dia, como?**
Normalmente meus pais me ajudam quando eu tenho dúvida, que é para eu perguntar para os professores. E quando eu estou com muita dúvida eles me ajudam me ensinam, eles conversam bastante comigo sobre os assuntos que eu estou aprendendo.
- **Você acha que a presença dos pais na escola ajuda, prejudica os seus estudos?**
Acho que ajuda porque eles participam no que a gente está aprendendo. É legal ver o que a gente está aprendendo, o que está acontecendo, é legal saber que você não é uma jogada, que seus pais ligam para você.
- **Em que momentos seus pais costumam vir à escola, como se sente quando participam das atividades?**
Eu acho legal porque os meus pais importam com o que está acontecendo comigo.
- **Como é fazer amizades na escola, você conversa com alunos de outras séries, funcionários, professores?**
É fácil fazer amizades porque a escola é pequena, então dá para enturmar. Fora da escola eu e minha amiga Daniela, a gente sai um pouco junto, vai para a feira hippie. Na hora do intervalo a gente tem tempo para estar conversando e às vezes até na quadra jogando alguma coisa, a gente se conhece mais mesmo. E com outras salas a gente faz amizade nas festas.
Aqui na Curumim todo mundo conhece todo mundo, porque é uma escola pequena, e eu acho que é assim, todo mundo tem que ter respeito por todo mundo. Os funcionários todo mundo sabe os nomes, cumprimenta. Às vezes a gente até se encontra fora da escola, em outros lugares, não que a gente combina, assim sem querer. É até legal porque a gente conversa.
- **E com pais dos amigos, como conheceu?**
Eu acho legal porque eles conhecem a gente desde pequeno, e quando eu vou na casa, por exemplo, da Mariana Costa, como eu não gosto de leite, a mãe dela fala para avisar um dia antes para ela comprar suco.

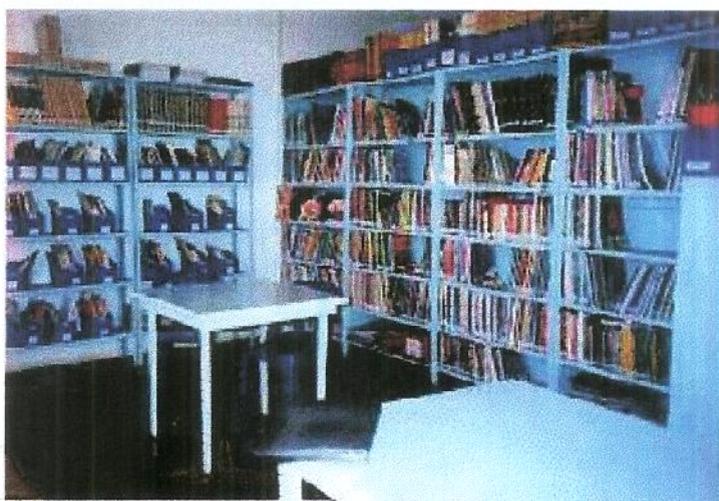
FOTOS



Propaganda da Escola Curumim em um ponto de ônibus nas proximidades da escola.



Entrada da Escola Curumim



☞ Biblioteca da Escola.



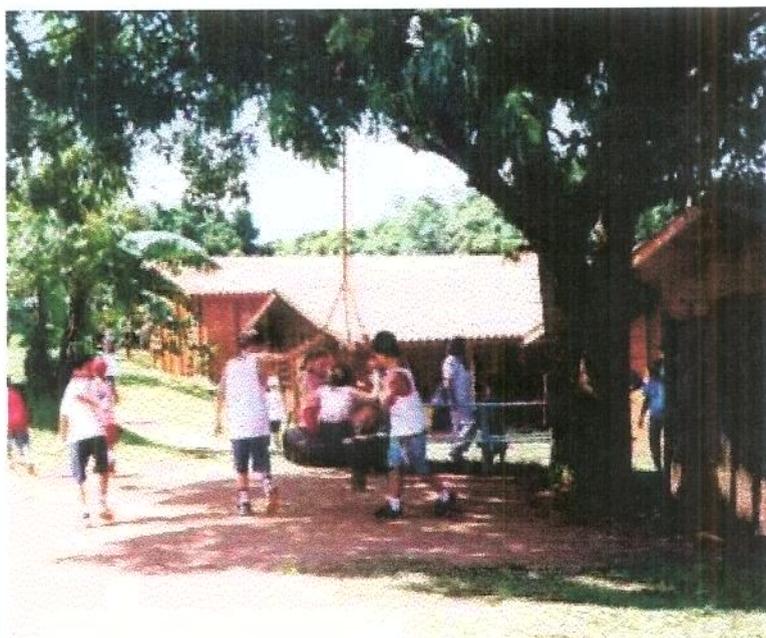
☞ Quadra Poli esportiva, alunos encerram os Jogos da Amizade.



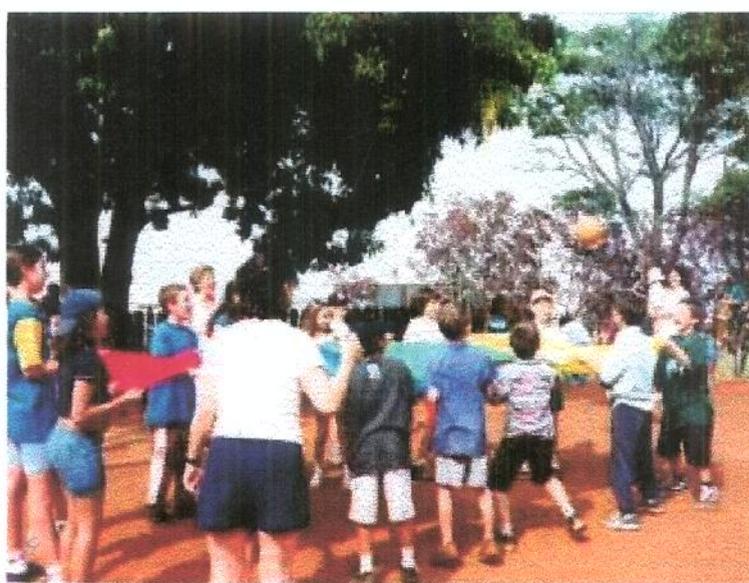
Oficina de Danças Calientes oferecida por uma mãe no Dia de Integração na Escola Curumim



Oficina de Música para os pais de alunos do maternal desenvolvido na Festa da Primavera.



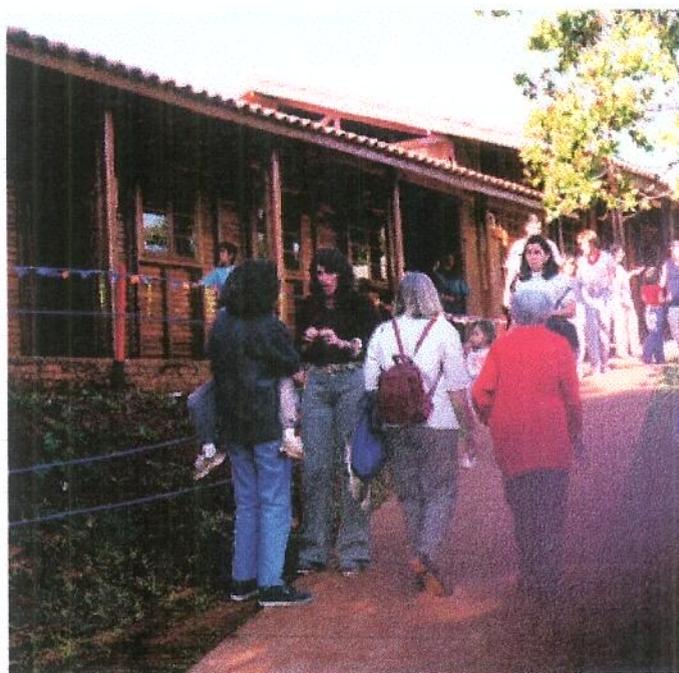
Alunos brincam na balança



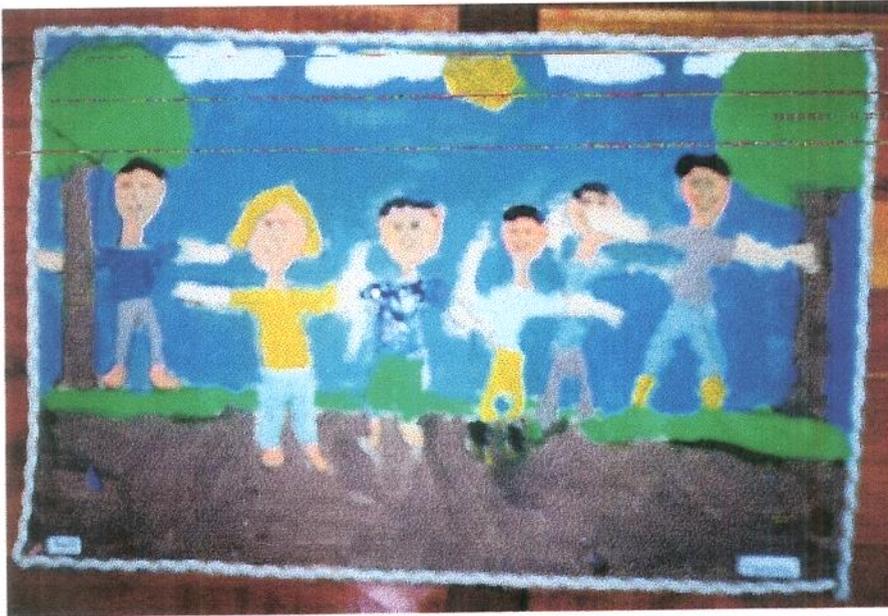
Encerramento dos Jogos da Amizade



Pai filmando, mãe fotografando.



Mãe e professora conversando, Festa da Primavera.



"A família". Trabalho realizado por um aluno da escola.



Trabalho realizado por um grupo de alunos. "Professora Luciana"



Departamento de Administração e Supervisão Educacional
Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas

Parecer sobre Trabalho de Conclusão de Curso

Aluna: Melissa Sayuri Mizuno

Título: A incorporação da família pelo espaço escolar: um estudo de caso

Orientadora: Profa. Maria Evelynna Pompeu do Nascimento

Data: 15.12.99

PARECER SOBRE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O presente parecer diz respeito ao Trabalho de Conclusão de Curso da aluna MELISSA SAYURI MIZUNO com o título **A incorporação da família pelo espaço escolar: um estudo de caso**. O texto foi elaborado, sob minha orientação, como exigência parcial para obtenção do diploma de Pedagogia.

Este parecer atende norma regimental segundo a qual os Trabalhos de Conclusão de Curso devem submeter-se a uma Banca Examinadora composta pelo Professor Orientador e por um Segundo Leitor, geralmente escolhido entre o corpo docente da Faculdade de Educação. No presente caso, foi convidado o Prof. Dr. Luis Aguelar, a quem expressei meu agradecimento pela atenção com que assumiu a tarefa que lhe foi solicitada.

A temática do trabalho diz respeito à participação da família, em especial dos pais, na instituição escola. O estudo foi realizado na Escola Curumim, escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental localizada na cidade de Campinas. Além de observações do cotidiano escolar e de momentos festivos, a aluna entrevistou 13 pessoas que exercem funções na escola e/ou participaram de sua fundação.

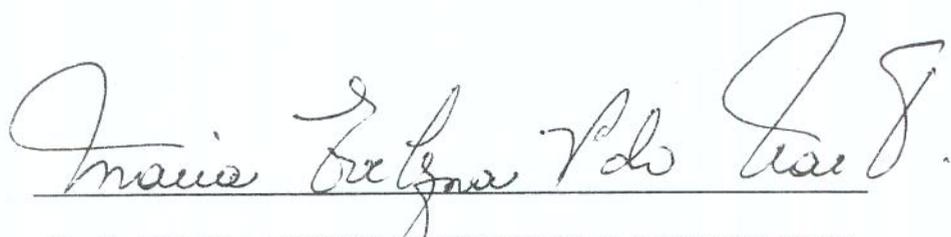
O trabalho contém quatro partes. A primeira aborda as relações entre a família e a escola sobre o desenvolvimento saudável da criança. Aparecem na

segunda parte as diferentes formas de inserção de pais e educadores na gestão escolar. Através da terceira parte, a Curumim é examinada enquanto local de interações dos agentes do processo educativo. Aí aparece a construção da escola em suas diversas fases, destacando-se o modelo no qual a participação dos pais é de radical importância. Na última parte, a autora analisa a riqueza e as contradições do que foi abordado até então.

O tema é muito relevante, especialmente no momento em que se cultiva a importância política de parcerias entre os pais e a comunidade na gestão da escola. Para que estes parceiros consigam participar a contento da gestão, conforme demonstra este estudo, é preciso mais do que boa vontade. Impõem-se a definição de metas, o respeito à pluralidade e aos papéis de cada um, a referência às normas consensuais, etc.

Os resultados a que chegou este estudo sugerem aperfeiçoamentos em diversos aspectos e um aproveitamento ainda mais eficiente do material primário da pesquisa.

Pelo exposto, atribuo **nota 9,0 (nove)**.



Profa. MARIA EVELYNA POMPEU DO NASCIMENTO
Orientadora



Faculdade de Educação
Coordenação de Pedagogia

Parecer de Segundo Leitor

A INCORPORAÇÃO DA FAMÍLIA PELO ESPAÇO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO
Melissa Sayuri Mizuno

Orientadora: **Profa. Maria Evelynna Pompeu do Nascimento**

O trabalho de TCC apresentado para *Segunda Leitura* é merecedor das seguintes considerações:

- 1) Trata-se de um trabalho que recolhe a atualidade da *preocupação pela participação* dos pais na vida escolar de seus filhos e as *configurações* que assume o relacionamento entre a *família* e a *escola*, seus significados, sua importância, seus limites e *impacto* na aprendizagem de crianças.
- 2) A abordagem metodológica - *estudo de caso*- e os instrumentos apresentam-se como altamente pertinentes à *natureza* do objeto de pesquisa. A escolha do objeto mostra-se cuidadosa e revela os critérios utilizados para esse fim. Com efeito, as preocupações que cercam o objeto evidenciam uma consideração *mais aprofundada do sentido da participação dos pais e a família na vida escolar*. As observações prévias à delimitação do objeto de pesquisa constituem um verdadeiro *mapa da estratégias escolares de participação dos pais e da família*. Esta abordagem nos revela uma dimensão implícita e de singular importância: *a situação dos alunos para além das questões tipicamente pedagógico - didáticas*. Isto é para uma *reflexão que integra a complexa realidade de deveres e responsabilidade entre escola e família de um modo genérico, entre professores e pais de modo específico*. Trata-se de um convite a refletir também sobre *novas configurações* que a realidade complexa atual vai impondo a estes atores sociais. Assim a *responsabilidade educativa* delinea-se como o núcleo central de preocupações de pesquisa. Um tema de relevância e extrema atualidade.
- 3) A discussão teórica do assunto que nos ocupa traçou um diálogo entre autores das denominadas "*escolas alternativas* até a análise da *participação como processo de construção e conquista*" para percorrer pormenorizadamente cada conceito utilizado na delimitação a partir de referências e olhares teóricos corretamente escolhidos entre as que se incluem *textos e teses*.
- 4) Na descrição do objeto do estudo de caso (*o capítulo III deve constar no índice seguindo fielmente as normas*) a documentação apresentada é valiosa e, organizada no TCC, soma-se a outras contribuições de importância sobre este tema. *As questões neste item que podem ser melhoradas só apontam para correções técnicas de layout, justificação de margem direito*.
- 5) O capítulo VI constitui um esforçado trabalho de sistematização das entrevistas de professoras e mães e sua organização pode ser considerada prolixa e permite *reconhecer o processo de construção e conquista da participação*.
- 6) Parabênico ao autora e a Profa. Orientadora desta monografia de Conclusão de Curso sobre um tema complexo abordado com seriedade o que espelha o esforço realizado e os resultados obtidos. *Ele reúne plenamente todos os elementos e requisitos de um Trabalho monográfico de Culminação de Curso e sou plenamente favorável a sua aprovação*.

NOTA: 9,50 (nove e cinquenta)

Prof. Dr. Luis Enrique Aguilar